



Primeira Cartilha da Diversidade Religiosa

# MUITOS SÃO OS CAMINHOS DE DEUS

UM POUCO DE NOSSA HISTÓRIA E DE NOSSAS CRENÇAS



INSTITUTO ECUMÊNICO FÉ E POLÍTICA - ACRE  
Secretaria de Estado de Educação e Esporte

Primeira Cartilha da Diversidade Religiosa

# MUITOS SÃO OS CAMINHOS DE DEUS

**Um pouco de nossa história e de nossas crenças**

Manoel Pacífico da Costa

Antônio Alves Leitão Neto

Francisco Hipólito de Araújo Neto

Edson Lodi

Goreth da Silva Pinto

Ogan José Rodrigues Arimatéia

Pe. Máximo Lombardi

Pr. Cid Mauro

Pr. Enock Pessoa

Marconi Gomes

Hildo Montysuma

Comunidades Tradicionais da Ayahuasca - Religiões de Matriz Africana - Umbanda/Candomblé  
Protestantismo - Catolicismo - Espiritismo

**Rio Branco-AC, Dezembro de 2011.**

TIÃO VIANA  
Governador do Estado do Acre

CÉSAR MESSIAS  
Vice-Governador do Estado do Acre

DANIEL ZEN  
Secretário de Estado de Educação e Esporte

RAIMUNDO ANGELIM VASCONCELOS  
Prefeito de Rio Branco

MÁRCIO JOSÉ BATISTA  
Secretário Municipal de Educação

MANOEL PACÍFICO DA COSTA  
Instituto Ecumênico Fé e Política do Acre

EDSON PERGENTINO DA SILVA  
Coordenador da Divisão de Comunicação da SEE

PAULO EDSON ALVES  
Designer e Projeto Gráfico

Copyright® 2011 by Manoel Pacífico da Costa et al.

Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca central da Ufac

C837s      Costa, Manoel Pacífico da.  
Muitos são os caminhos de Deus: um pouco de nossa história e de  
nossas crenças / Manoel Pacífico da Costa et al. - Rio Branco:  
Instituto Ecumênico Fé e Política-Acre, Secretaria de Estado de  
Educação e Esporte, 2011.  
79 p.: il.; 15 x 22 cm. [Cartilha da Diversidade Religiosa; 1]  
Inclui bibliografia

1. História da religião - Acre. I. Título.

CDD: 209.09812  
CDU: 291.16(811.2)

# Sumário

	<b>Apresentação..... 7</b>
	<b>Introdução..... 9</b>
	<b>Comunidades Tradicionais da Ayahuasca ..... 15</b>
	<b>Religiões de Matriz Africana..... 29</b>
	<b>Protestantismo Brasileiro ..... 39</b>
	<b>Catolicismo ..... 55</b>
	<b>Espiritismo..... 67</b>
	<b>Nossa Contribuição para uma Cultura de Paz..... 78</b>
	<b>Conclusão ..... 79</b>



# Apresentação

Esta cartilha é uma ferramenta informativa da realidade religiosa do Estado do Acre, que, a exemplo dos demais estados brasileiros, possuía uma população majoritariamente católica e, nos últimos anos, assistiu o crescimento rápido da população protestante estimada no país em 25% pelo IBGE. Esses dois fatores tem especial importância nas relações inter-religiosas na sociedade, e muito particularmente dentro de nossas escolas, uma vez que no Estado há também outros grupos expressivos, adeptos de outras tradições espirituais como daimistas, espíritas, e os seguidores de cultos de matriz africana como o Candomblé e a Umbanda. Não podemos ignorar, todavia, a história de outras tradições espirituais presentes em nossa Amazônia como a Indígena, Islâmica, Budista, Bahai, Seicho-no-ye etc... que deverão ser incorporadas nas futuras Cartilhas.

O Instituto Ecumênico oferece sua contribuição a professores e lideranças religiosas, no sentido de capacitá-los para o diálogo inter-religioso, na sociedade pluralista em que vivemos, além de estimular a cooperação entre as diversas denominações e expressões de fé, com o objetivo da construção da paz, da cidadania, da democracia e do respeito aos direitos humanos.

A presente cartilha da Diversidade Religiosa é resultado de quase seis anos de encontros inicialmente de representantes católicos e evangélicos, ampliados há mais de quatro anos com representantes espíritas, daimistas e de religiões de matriz africana, que integram a direção do Instituto Ecumênico Fé e Política - ACRE, entidade de direito privado, suprapartidária, comprometida com a justiça social e o respeito à diversidade cultural e religiosa. Constitui também uma resposta à solicitação de Professores do Fórum Municipal da Capital, reunidos em agosto de 2010.

O reconhecimento da Diversidade Religiosa impõe-se de forma absoluta, em função de uma série de fatores de ordem histórica de desinformação, de preconceitos e até de ordem cultural e religiosa, contribuindo para um generalizado desconhecimento entre os diversos grupos religiosos presentes em nosso Estado, favorecendo algumas atitudes fundamentalistas de grupos majoritários sobre outros considerados de menor expressão.

Há, portanto, a necessidade de se ouvir os diversos grupos que compõem este universo religioso no Estado, que nos revelem sua história e sua própria identidade. Esses relatos tem, portanto, muito de história e também de forma diferenciada a identidade de cada denominação.

Como afirma o monge Marcelo Barros “É verdade que o nome de Deus tem sido usado para intolerâncias e violências. Por isso, é preciso pensar as religiões e a espiritualidade a partir da paz e da não violência. Atualmente, neste mundo marcado pelas migrações e por uma diversidade de culturas, o desafio do diálogo entre as religiões se tornou mais urgente e essencial.

As religiões devem dialogar a fim de colaborar para um verdadeiro entendimento entre os povos e ajudar a humanidade a construir coletivamente um mundo de justiça, paz e comunhão entre todos os seres vivos. Além disso, as religiões nasceram e cresceram em culturas rurais antigas; para que possam interessar de forma mais coerente à humanidade de hoje, elas tem que testemunhar não apenas com palavras mas, principalmente, com sua forma de ser e agir; um Deus amoroso, inclusivo, cuja proposta para as pessoas é a de serem mais humanos e capazes de viverem como irmãos e irmãs.”



# Introdução

**Manoel Pacífico da Costa**

Secretário Geral do Instituto Ecumênico Fé e Política



“

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela **cor de sua pele**, por sua **origem** ou ainda por **sua religião**. Para odiar, as pessoas precisam aprender; e se podem **aprender a odiar**, podem ser **ensinadas a amar**.

(Nelson Mandela)

”

## 1. Religiões no mundo de hoje

Representantes das quatro maiores religiões globais - cristãos, islâmicos, hindus e budistas - que juntas integram quase 5 bilhões de seguidores, apesar de inúmeras dificuldades tentam o início de um diálogo para um entendimento mínimo em um mundo de diferenças. Ganha importância a ideia de convivência pacífica e entendimento mútuo em um mundo cada vez mais cheio de seguidores de religiões.

Ao contrário do que vaticinou Nietzsche, o filósofo alemão no século XIX, Deus não morreu. De acordo com o **“Pew Forum”**, **instituto que monitora as relações entre a religião e a sociedade**, mais de 90% da população mundial declara crer ou pelo menos admitir a existência de Deus.

Naturalmente, a compreensão de valores e crenças alheias não significa aceitá-las. Faz parte da vida em sociedade livre o fato de uns acreditarem que outros estão errados. Mas **é inaceitável difamar líderes religiosos, queimar livros que outros consideram sagrados ou confundir apelos de radicais com as maiorias que integram as diversas denominações religiosas.**

Na história recente do movimento ecumênico internacional, diversas ações foram realizadas no âmbito das igrejas evangélicas que culminaram

na **criação, em 1948, do Conselho Mundial de Igrejas**, como dentro também da Igreja Católica, a realização de encontros bilaterais de diálogo internacional inter-religioso e o **Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**, que vem inspirando a criação de inúmeras iniciativas voltadas para o diálogo inter-religioso e a cooperação solidária diante de graves desafios da atualidade como as guerras, a desestruturação familiar, a fome no mundo, a dependência química, o aquecimento global etc.

Em nosso país, e mais especificamente na Amazônia, a história caminha também na mesma direção com a presença significativa de católicos, protestantes, espíritas, adeptos de religiões de matriz africana e também os seguidores das comunidades tradicionais da ayahuasca, unidos em torno de temas de natureza social.

É de se destacar a importância dessas diversas tradições espirituais no desenvolvimento econômico, social, cultural e espiritual de nosso país, contribuindo através de obras e instituições na área de educação, da profissionalização e da saúde e, mais recentemente, na defesa da vida, da justiça social, da ética e da cidadania, e também do meio ambiente.



## 2. O diálogo inter-religioso

**Marcelo Barros, monge beneditino**, observa em seus estudos ao longo de toda a história a dificuldade do diálogo, tanto entre uma pessoa e outra, como ainda mais entre povos e culturas diversas. Se o diálogo entre pessoas é difícil, ainda mais desafiador é o diálogo entre culturas e entre religiões.

O diálogo não é espontâneo, nem instintivo. Por isso **afirmava ele no fórum de professores de Rio Branco- Acre, em agosto de 2010, a necessidade de uma educação para o diálogo nas diversas dimensões da vida e das pessoas: diálogo intra-cultural, intercultural, intra-eclesial, intereclesial, intra-religioso e inter-religioso.** Hoje se fala até em diálogo trans-religioso (espiritual além das religiões).

Dois fenômenos novos reforçam hoje em dia a urgência do diálogo intercultural e inter-religioso, a saber: 1. O agravamento da pobreza no mundo e o aumento imenso das migrações. 2. O pluralismo cultural e religioso decorrente desta mudança civilizatória. Este diálogo inter-religioso pressupõe o reconhecimento do outro. **Em Outubro de 1986 e depois em 2001, o Papa João Paulo II convidou Líderes de diversas religiões de todo o mundo para juntos com ele orar pela paz do mundo em Assis.** “No Natal de 1986, no discurso à Cúria

Romana, para explicar o acontecimento de Assis, o Papa disse: **“Nós cremos em uma presença universal do Espírito de Deus, não somente em todos os seres humanos, mas também em suas tradições religiosas”.** Do mesmo modo, desde 1961, o **Conselho Mundial de Igrejas, que reúne mais de 340 igrejas evangélicas e ortodoxas**, se propõe a aprofundar uma atitude de respeito e diálogo com todas as culturas e colaboração com outras tradições religiosas.

Para que haja realmente diálogo, ao menos cinco pontos são fundamentais:

- 1) Encontro de pessoas e não só comparação de idéias, ou confronto de sistemas.
- 2) Troca de palavras. É preciso o mínimo de linguagem comum e é preciso haver confiança no “logos”.
- 3) É necessário a reciprocidade, sem restrição. Não pode se reconhecer previamente superioridade ou direito maior a nenhuma tradição.
- 4) Na base do diálogo, há o direito à diferença ou alteridade.
- 5) O diálogo, para ser profundo, precisa de compromisso de abertura para mudar.



### 3. Nosso conceito de Ecumenismo

Júlio H. de Santa Ana, consagrado teólogo metodista uruguaio, após analisar na década de 1980 a questão ecumênica da procura da unidade dos cristãos sob os pontos de vista histórico, bíblico, teológico e pastoral, e as muitas divisões da sociedade atual de natureza político-ideológica, de dominação e subordinação, de grupos sociais, raciais, culturais e de gênero propunha, com a corajosa abertura de espírito, um ecumenismo não restrito às diferenças religiosas, mas que transcendesse às igrejas, pois o “Oikumene” tem a ver com todo o mundo habitado, e apontava profeticamente para um ecumenismo de compromisso e luta pela justiça como sinal do reino de Deus.

É inestimável o valor das pesquisas sobre os passos dados na procura da unidade de cristãos a partir dos testemunhos bíblicos da igreja primitiva, passando por diferentes períodos históricos e os projetos mais recentes da Federação Mundial Luterana, do Conselho Mundial de Igrejas e do Concílio Ecumênico Vaticano II, fatos estes que provocaram o nascimento de inúmeras entidades nacionais, estaduais e regionais de natureza ecumênica.

O Instituto Ecumênico Fé e Política no Acre também é uma Entidade que se encontra nesse processo de construção de um novo conceito de ecumenismo que, a exemplo de outras instituições como o Conselho Mundial de Igrejas – CMI, e em nosso país, o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs - CONIC, estimula e promove atividades educativas de caráter ecumênico e desenvolve a consciência solidária e participativa de ações voltadas para o crescimento econômico, social, cultural e ambiental como forma de combater as desigualdades, injustiças, marginalização social e degradação ambiental.

### 4. Aprendizado da Cultura da Diversidade e suas Virtudes

Leonardo Boff, ao analisar os graves problemas do nosso planeta, propõe uma coalizão de forças que se unam ao redor de valores éticos e morais capazes de criar um consenso mínimo entre os humanos garantindo um estar juntos, representativo de uma nova e promissora etapa da história da Terra e de seus filhos e filhas. Na Páscoa de 2005, lançou mais uma imprescindível obra: *Virtudes para um Outro Mundo Possível*, sobre a hospitalidade, a convivência, o respeito, a tolerância e a comensalidade.

Em sua introdução, L. Boff, escreve: “Todos devemos alimentar a hospitalidade de uns para com os outros, pois, como dizem as Escrituras Judaico-Cristãs, todos somos Hóspedes nesta terra e não temos aqui morada permanente. Devemos, forçosamente, viver a convivência uns com os outros, porquanto moramos na mesma Casa Comum. E não temos outra para morar. Devemos incorporar a tolerância de uns para com os outros naquelas coisas que temos dificuldades de entender e de suportar. Importa ter respeito às diferenças. É necessário que exista a comensalidade, quer dizer, que nos sentemos juntos à mesa e celebremos a alegria de estarmos juntos, como família, como irmãos e irmãs, saboreando da generosidade da Mãe Terra.

Que vale termos hospitalidade, convivência, respeito e tolerância se falta a comensalidade, se estivermos morrendo de fome e de sede e se não tivermos uma mesa comum, na qual nos possamos saciar solidariamente?

Se estas virtudes se transformarem em hábitos e em atmosfera cultural, criam-se as condições para uma globalização necessária e salvadora, aquela que reúne as tribos dispersas, traz de volta os filhos e filhas pródigos e aproxima os distantes, aquela que preserva melhor a Mãe Terra e nos abre para a Fonte originária de onde nos vêm todos os dons, a bem aventura da vida e a felicidade que não quer ter fim”.

O teólogo ecumênico Hans Kung, já nos idos de 1990, escrevia na Europa sobre a necessidade de uma Ética para toda a humanidade como condição para a sua sobrevivência. Não haverá sobre-



vivência, afirmava ele, sem uma paz mundial, não haverá paz mundial sem paz religiosa e não haverá paz religiosa sem diálogo religioso.

As religiões tem, portanto, grande contribuição a dar. Dentro da perspectiva ecumênica descobrir-se-á os valores espirituais e os pontos comuns e convergentes, presentes em nossas tradições religiosas.

Por ter-se, até recentemente, compartilhado muitas visões preconceituosas e unilaterais de outras tradições, este nosso momento constitui um verdadeiro aprendizado desta nova cultura da Diversidade Religiosa. Trata-se de uma tendência mundial, onde até instituições como a Organização das Nações Unidas, vem estimulando encontros, como o realizado em Nova York, em agosto do ano 2000, da Cúpula Mundial de Líderes Religiosos e Espirituais pela Paz Mundial, que reuniu centenas de representantes das diferentes religiões do planeta, que firmaram em documento um Compromisso com a Paz Global.

Mas o primeiro evento inter-religioso oficial aconteceu ainda no século XIX, em 1893, em Chicago, com a participação de apenas 16 religiões.

No contexto amazônico também é o momento de começarmos a escutar as tradições espirituais que cresceram à margem, dentro das florestas e na periferia das cidades, como é o caso das comunidades tradicionais da Ayahuasca e dos adeptos de religiões de matriz africana, do Candomblé e da Umbanda, além de ampliar o diálogo inter-religioso e a cooperação solidária entre todas as tradições presentes na Amazônia.

### **A Legislação Brasileira Defende um Ensino Religioso Plural**

O Ensino Religioso, de acordo com a Constituição Federal de 1988 em seu art. 110, assim o define: “Serão fixados conteúdos mínimos para o Ensino Fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais. 1º- O

Ensino Religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das Escolas Públicas do Ensino Fundamental”.

O art. 33 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, redigido pela 2ª vez pela Lei 9475 em 1997, reitera o conteúdo anterior, “assegurando o respeito à diversidade cultural, e religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

§ 1º- Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

§ 2º- Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso.

A Legislação Brasileira é bastante clara no sentido de um ensino plural. A Constituição Federal de 1988, art. 5, inciso VI, assim diz: “É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção

aos locais de culto e as suas liturgias”.

Destes textos, supracitados, é evidente que se o Estado brasileiro é laico, conseqüentemente nossas escolas públicas também o são, devendo evitar qualquer tipo de proselitismo, isto é, o favorecimento a qualquer religião.

No caso do Estado do Acre, na Capital há o Fórum de Professores do Ensino Religioso, que congrega, há alguns anos, representantes de diversas denominações religiosas e que define, nos termos da lei, os princípios norteadores do Ensino Religioso para todo o Estado. É importante que as Escolas Públicas da Capital e dos demais Municípios, integrem também em seus Conselhos Escolares, representantes dessa Diversidade Religiosa, que muito tem a contribuir para o ambiente de paz e harmonia em nossas escolas. Muitas iniciativas poderão acontecer, desde que previamente consensualizadas, como fruto deste aprendizado dessa nova Cultura da Diversidade Religiosa.

#### **A Cartilha da Diversidade Religiosa e Direitos Humanos, de 2005 complementa:**

“**O Estado brasileiro é laico, isso significa que ele não deve ter, e não tem religião. Tem sim o dever de garantir a liberdade religiosa.**”

A experiência do Instituto Ecumênico mostra que muitos temas podem vir a ser estudados de forma construtiva em forma de seminários, a exemplo da questão da Ética e da Cidadania, Desenvolvimento Sustentável da Amazônia, Israel e o Conflito Palestino, Intolerância Religiosa, Reforma Católica e Protestante, Violência contra Criança e Adolescente, Mulheres e Idosos, o Fundamentalismo Religioso, África e Religiosidade Afro-brasileira, Sexualidade e Desestruturação Familiar, Religiosidade Indígena, Comunidades Tradicionais da Ayahuasca, Participação Social e Política das Igrejas, o Meio Ambiente e o Aquecimento Global, História das Religiões, Islamismo etc.

Muitas outras experiências extremamente ricas como a do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs em nível nacional, a própria existência do Fórum de Professores de Ensino Religioso no Acre, são exemplos de árvores frondosas das quais poderemos colher muitos frutos.

#### **BIBLIOGRAFIA**

- Lurdes Caron. O Ensino Religioso na nova LDB - Ed. Vozes
- Diversidade Religiosa e Direitos Humanos - Cartilha da Secretaria Especial de Direitos Humanos
- Júlio H. de Santa Ana. Ecumenismo e Libertação 1987
- Ensino Religioso - Proposta Curricular do Ensino Fundamental Acre - 2002
- Hans Kung. Projeto de Ética Mundial - Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana - 1990
- Marcelo Barros. O sabor da festa que renasce - 2009
- Marcelo Barros. Educação aberta ao diálogo intercultural e inter-religioso - 2010
- Revista "Cristianismo Hoje" - Abril e Maio - 2010

AYAHUASCA-DAIME-VEGETAL

# Comunidades Tradicionais da Ayahuasca

**Antonio Alves, Francisco Araújo, Edson Lodi**



**Chacrona/Rainha- *Psychotria Viridis***

**Mariri/Jagube- *Banisteriopsis Caapi***

“

Sou filho do meu Pai  
Eu devo ser atencioso  
Abraçar a todo mundo  
E não querer ser orgulhoso.

”

**(Trecho de um hino de Mestre Irineu)**

## As doutrinas da floresta

Entre as várias religiões existentes no Acre, uma tem a particularidade de ter nascido aqui mesmo e já se torna conhecida no mundo como “a religião da floresta”. Na verdade, não se trata de uma religião, mas de um conjunto de doutrinas religiosas com vários pontos de semelhança e um deles em especial: o uso da ayahuasca em seus cultos, com o nome de Daime ou Vegetal.

A ayahuasca é uma bebida de origem indígena, usada por vários povos da Amazônia para tratamento de saúde e orientação espiritual. Cada povo lhe dá um nome em seu idioma e explica seu surgimento com histórias da origem do mundo. Todos reconhecem que a ayahuasca vem dos tempos imemoriais em que o império Inca ergueu suas majestosas cidades na Cordilheira dos Andes e desenvolveu sua avançada ciência. A palavra Ayahuasca é da língua Quéchuá, dominante em vastas regiões andinas, e significa “vinho dos espíritos”. Em 1991, através de uma “Carta de Princípios”, vários representantes de diferentes doutrinas convencionaram que esse nome seria usado em documentos públicos, assinados em conjunto, respeitando-se as outras denominações usadas em cada centro religioso.

Para fazer a ayahuasca usa-se dois vegetais da floresta, fervidos em água: um cipó conhecido como jagube ou mariri (nome científico: *banisteriopsis caapi*) e uma folha conhecida como chacrona ou rainha (*psychotria viridis*). Sua ingestão proporciona maior sensibilidade e concentração mental, propiciando a meditação e o auto-conhecimento. Com uma preparação adequada, é possível alcançar um estado de profunda comunhão com a realidade espiritual, ao ponto de receber instruções e lições dos guias espirituais e enxergar as luzes do plano divino.

## História do Daime e do Vegetal

A ayahuasca é, portanto, uma parte da sabedoria indígena que passou a ser conhecida e usada por várias comunidades, na floresta e nas cidades, em seus cultos religiosos. Essa expansão do uso da ayahuasca ocorreu em diversos países, mas foi no Brasil, mais precisamente no Acre, que se formaram doutrinas religiosas com uma quantidade crescente de seguidores.

No final do século XIX, quando ocorrem os conflitos entre Brasil, Peru e Bolívia pela posse do território acreano, os seringueiros já começavam a aprender com os índios o uso da Ayahuasca. Passado o período da guerra, a colonização se intensificou e com ela o contato entre brasileiros e índios. Esse contato, embora marcado pela violência que dizimou muitos povos indígenas, teve também seus momentos de troca e aprendizado. Assim, os brasileiros pobres e analfabetos, que viviam isolados nos seringais, puderam descobrir uma forma de encontrar Deus na floresta, combinando a religiosidade indígena da ayahuasca com o cristianismo que haviam trazido do Nordeste.

O uso religioso da ayahuasca fora das aldeias indígenas começa com dois maranhenses, os irmãos Antônio Costa e André Costa, que eram seringueiros em Brasiléia. Numa época em que a igreja mais próxima ficava no Amazonas, com os padres subindo os rios em raras ocasiões durante as “desobrigas”, os irmãos Costa fundaram a primeira organização religiosa no Acre, o Círculo de Regeneração e Fé. Elaboraram um estatuto, formaram uma diretoria e usavam a ayahuasca em suas reuniões, como meio de aprendizado espiritual. Começava a surgir uma religiosidade amazônica em que os símbolos do cristianismo convivem com os conhecimentos indígenas, reinterpretados pela linguagem simples do povo. Em 1912 chega ao Acre um homem que iria dar um passo decisivo na formação dessa religiosidade. Vinha também do Maranhão e se chamava **Raimundo Irineu Serra**. Trabalhou como seringueiro por dois anos em Xapuri. Em 1914 encontrou os irmãos Costa e passou a fazer parte do Círculo de Regeneração e Fé.



Irineu desenvolveu-se rapidamente no conhecimento da Ayahuasca e iniciou a formação de sua Doutrina. Por volta de 1930 assentou-se como agricultor nos arredores de Rio Branco, num local que ficou conhecido como Vila Ivonete, e começou a reunir um pequeno grupo de discípulos. Por essa época, o “Mestre Irineu”, como ficou conhecido, batizou Ayahuasca com um novo nome, Daime, palavra que expressa um pedido ao poder divino: “dai-me força e dai-me amor”, canta em um de seus hinos.

No final dos anos 30, outro maranhense, **Daniel Pereira de Mattos**, começou a freqüentar a comunidade de Irineu, onde recebeu a instrução para constituir seu próprio trabalho espiritual.

Em 1945, Mestre Irineu muda-se para a outra margem do igarapé São Francisco e constrói sua casa numa colina que se tornou conhecida com o nome **Alto Santo**. Nesse mesmo ano, Daniel Pereira de Mattos reuniu seus primeiros discípulos e fundou o seu centro que foi batizado de **Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus - Fonte de Luz”**, na mesma Vila Ivonete onde a tradição da Ayahuasca, agora Daime, já alcançava várias famílias.

No final dos anos 50, um soldado da borracha, o baiano **José Gabriel da Costa**, também conheceu a ayahuasca na fronteira do Acre com a Bolívia. “Mestre Gabriel”, como passou a ser conhecido, por demonstrar conhecimentos espirituais superiores, aprendeu a confeccionar a ayahuasca e passou a chamá-la com os nomes de Hoasca e Vegetal. No início da década de 60 mudou-se para Porto Velho, capital de Rondônia, onde criou a **União do Vegetal**. Diferentemente dos demais fundadores, Mestre Gabriel não permaneceu fixo numa comunidade rural mas, de Porto Velho e Manaus formou mestres e orientou a organização de núcleos da **UDV** nos demais estados do Brasil. Assim, a U.D.V. se tornou a primeira organização religiosa da Ayahuasca a ganhar dimensão nacional. A chegada da U.D.V. no Acre se deu em julho de 1971, por meio do Mestre Luis Máximo Chaves, sendo que o primeiro núcleo foi criado em 21 de maio de 1981, com o nome de João Lango Moura.

A Ayahuasca teve, a partir daí, três vertentes de trabalho espiritual capazes de reunir comunidades cada vez mais numerosas. Mas não houve competição entre os Mestres fundadores.

Seus discípulos se encontravam com frequência e eram unidos por laços de amizade, renovados com eventuais visitas em datas festivas e ocasiões especiais no calendário de cada Centro.

## Expansão e diversificação

Após o falecimento dos Mestres fundadores (Daniel Mattos em 1958, Irineu Serra e Gabriel Costa em 1971), ocorreram separações entre seus discípulos que levaram ao surgimento de outros centros e igrejas. Algumas dessas novas comunidades mantiveram a forma tradicional do trabalho espiritual. Outras introduziram novos elementos, realizaram mudanças nos rituais e, em alguns casos, incorporaram doutrinas e práticas de outras religiões. Também surgiram novas formações doutrinárias, sem ligação com o Daime ou com o Vegetal, principalmente em outros estados do Brasil.

No Acre, entretanto, a maioria dos centros e igrejas define-se por seguir a tradição de um dos três Mestres fundadores e usam a ayahuasca com o nome de Daime ou Vegetal. Para conhecer as doutrinas religiosas desses centros e igrejas, que se autodenominam “irmandades”, é necessário conhecer a história e o trabalho de seus fundadores.

Ayahuasca/ Vegetal/Daime



## Mestre Irineu e o Cruzeiro Universal

**Raimundo Irineu Serra** nasceu em 15 de dezembro de 1892 em São Vicente Ferret, no Maranhão. Filho de ex-escravos, cresceu numa comunidade materialmente pobre, mas espiritualmente rica pela presença das festas de Tambor de Minas e outras tradições que os africanos desenvolveram no Nordeste do Brasil.

Muito jovem, com menos de 20 anos, Irineu Serra subiu os rios da Amazônia em busca de trabalho nos seringais. Chegando ao Acre, trabalhou como seringueiro nas matas perto da fronteira com o Peru, onde conheceu a ayahuasca com os irmãos Costa e participou do Círculo de Regeneração e Fé. Numa das reuniões do CRF, Irineu recebeu a instrução de retirar-se para a floresta em vários dias de meditação, tomando ayahuasca e comendo apenas macaxeira cozida sem sal. Obteve, assim, uma iluminação espiritual com Nossa Senhora da Conceição, que lhe apareceu numa visão e apresentou-se como Rainha da Floresta. Daí por diante, ao longo de toda sua vida, ela lhe ensinou uma doutrina religiosa que ele desenvolveria e transmitiria a várias gerações de discípulos.

Irineu percorreu a floresta, fazendo parte de uma comissão que demarcou os limites e divisas do território e trabalhou em várias cidades e vilas do vale do Purus e Acre. Sentou praça na polícia militar no início dos anos 20, quando tornou-se amigo de homens que mais tarde viriam a ser personagens importantes da história e da política do Acre. Ao mesmo tempo, desenvolvia seu aprendizado com a Rainha e os espíritos da floresta. Aprendeu o uso das plantas medicinais, as dietas alimentares, os métodos naturais de tratamento da saúde, numa época em que os serviços de poucos médicos não alcançavam as famílias que moravam mais distantes.

Em 1930, deixou o quartel e se estabeleceu como agricultor nos arredores de Rio Branco, na região onde mais tarde se formariam os bairros da Vila Ivonete, Conquista e Manoel Julião. Nessa época, já começava a ser chamado de Mestre e tornar-se conhecido como um homem sábio, que atendia aos necessitados que chegavam de longe para aconselhar-se com ele ou receber sua ajuda no tratamento de saúde.

Mestre Irineu cantava com seus primeiros discípulos os hinos que a Rainha da Floresta lhe ensinava. Seus seguidores começaram também a receber hinos com os princípios do trabalho espiritual: o louvor e a obediência ao Divino Pai Eterno, à Rainha da Floresta e a Jesus Cristo Redentor, além dos preceitos morais, principalmente “respeitar os seus irmãos”, viver em harmonia e rezar muito. As preces principais são Pai-Nosso, Ave Maria e Salve Rainha.

A comunidade foi crescendo, tanto pelo desenvolvimento de suas famílias quanto pela chegada de novos seguidores. Mestre Irineu organiza, então, seu centro religioso, que chama inicialmente de Centro Livre e, mais tarde registra com nome de **Centro de Iluminação Cristã Luz Universal**. Os seguidores passam a usar fardas e a cantar os hinos alinhados em filas, executando um bailado com um maracá para marcar o ritmo. O Mestre define um calendário anual de atividades com dois tipos básicos de trabalho espiritual: a Sessão de Concentração e o Hinário ou Festival.

A Sessão de Concentração acontece a cada quinze dias e dura aproximadamente duas horas. Nela, os participantes tomam Daime e sentam-se em silêncio para meditar. É lido um “decreto de serviço” com instruções gerais: amar a Deus sobre todas as coisas, respeitar as leis, evitar os vícios, cultivar a harmonia na família, dar bom exemplo aos seus filhos e outros preceitos de bom comportamento. Após um período de meditação silenciosa, cantam-se alguns hinos de encerramento do trabalho.

O Hinário (em algumas datas também chamado de Festival) acontece nas principais festas do calendário religioso, nos dias dedicados aos santos cristãos. Os principais festivais são os de São João, Nossa Senhora da Conceição, Natal e o dia de Reis. Nessas ocasiões, canta-se o conjunto de hinos recebidos pelo Mestre Irineu, um hinário denominado “O Cruzeiro” e outros hinários de antigos seguidores da Doutrina. Além do bailado com acompanhamento dos maracás, um conjunto de músicos toca violão e há expressões de alegria e louvor, como os fogos de artifício e os “vivas” aos aniversariantes e santos homenageados.

O “Cruzeiro Universal”, além de dar nome ao hinário do Mestre, é como se chama o principal símbolo de sua Doutrina: uma cruz com dois braços, semelhante à antiga Cruz de Caravaca,



com uma mensagem de renovação de ensinamentos muito antigos que vem sendo trazidos à humanidade gradativamente ao longo da história. Além do Cruzeiro, os discípulos de Irineu Serra usam como distintivo uma estrela de seis pontas (Estrela de Davi) com uma lua crescente em seu centro. Une-se, assim, o ser humano ao conjunto de poderes que regem a sua vida: “sol, lua, estrela, a terra, o vento e o mar”. O sol é a expressão visível do Pai, a lua representa a Mãe, o Filho veio ao mundo com seus braços abertos para salvar a humanidade.

Inicialmente, os ensinamentos eram compartilhados com poucos, que se reuniam na casa do Mestre. Com o crescimento da irmandade, foi construída uma sede, com amplo salão central para os associados e varandas laterais para os visitantes. As atividades são públicas, como em qualquer Igreja, mas só podem entrar nas fileiras os “fardados”, ou seja, associados formalmente ao Centro. E mesmo para estes existem restrições para tomar Daime: dieta alimentar, regras de comportamento, preparação adequada. É proibida a participação de pessoas que tiverem ingerido álcool ou qualquer outra substância tóxica. Menores de idade só participam se estiverem acompanhados ou autorizados por seus pais e responsáveis. Os visitantes são bem-vindos e recebidos de acordo com as restrições e dietas, mas aos sócios não é permitido convidar outras pessoas, cada um deve ir por sua própria vontade ou iniciativa. Para “fardar-se”, ou seja, tornar-se membro efetivo da irmandade, a pessoa deve cumprir um período de observação e estudo, para que possa estar certo de que deseja assumir um compromisso com a missão espiritual do Centro.

A Doutrina de Irineu Serra é a de Jesus Cristo, atualizada para novos tempos e para o ambiente da floresta. O cristianismo ensinado através dos hinos é de fácil compreensão, para que possa ser entendido por qualquer pessoa, mesmo que não tenha escolaridade, como ainda é comum nas áreas rurais. Nos últimos séculos, o desenvolvimento tecnológico e material foi grande, mas as lições essenciais de Cristo foram quase esquecidas pelas sociedades urbanas modernas. Os discípulos do Mestre Irineu consideram que ele é um mensageiro enviado por Deus para renovar, no coração de todos os que quiserem, o amor e a fé em Deus.

Mestre Irineu “retornou ao mundo espiritual” em 1971. Seus seguidores afirmam que ele conti-

nua ensinando e que podem continuar aprendendo através de seu hinário, da meditação, da prece, da recordação de sua vida e da pesquisa espiritual com ajuda do Daime. Podem vê-lo e conversar com ele em espírito, receber conselhos e até hinos com instruções para a vida e para o desenvolvimento espiritual.

Sua Doutrina incentiva a vida em comunidade e o trabalho em mutirão. Na irmandade desenvolvem-se o conhecimento e a cultura. As pessoas aprendem a cantar e a tocar instrumentos, especialmente o violão. Precisam construir e manter instalações adequadas ao trabalho espiritual e muitos se tornam carpinteiros, pedreiros, artesãos, jardineiros, agricultores. Aprendem na floresta a tratar a saúde com ervas e plantas medicinais. Para fazer o Daime, é preciso conhecer os ciclos da natureza, saber distinguir o cipó e a folha, os períodos de crescimento e floração das árvores, um amplo conhecimento da floresta e da biodiversidade. Portanto, a comunidade formada pelo Mestre é um centro produtor de cultura. Ao mesmo tempo, é um centro de formação da cidadania, onde se orienta as pessoas para que não sejam ociosas, respeitem as leis, tenham bons hábitos e costumes moralmente aceitáveis, contribuindo para formar uma sociedade saudável, com valores de honestidade, trabalho, solidariedade e justiça.



Mas o ensinamento principal, cerne da missão de Irineu Serra e sua Doutrina, é a preparação para a vida espiritual. O tempo vivido na Terra é um período de estudo, de aperfeiçoamento, de evolução para poder alcançar “as promessas de Nosso Senhor Jesus Cristo”, a iluminação e a salvação do espírito.

## Mestre Daniel e a Missão com São Francisco

**Daniel Pereira de Mattos**, maranhense, negro e descendente de escravos, nasceu dois meses após a abolição da escravidão no Brasil, na antiga freguesia de São Sebastião de Vargem Grande, no dia 13 de julho de 1888. Ainda jovem, ingressou como grumete na Marinha, onde aprendeu diversos ofícios e estudou música. Veio ao Acre pela primeira vez em 1905, num grupamento da Marinha de Guerra, trazendo um batalhão do Exército para proteger esta terra que há pouco tempo havia sido anexada ao Brasil. Gostou do lugar e retornou em 1907 para aqui viver definitivamente, trabalhando com os seringalistas, entre eles Plácido de Castro, Daniel Ferreira e José Galdino. Na década de 20 passou a morar na cidade de Rio Branco, na Rua 6 de Agosto, trabalhando como barbeiro e exercendo outros ofícios, tais como carpinteiro, alfaiate e músico.

Daniel Mattos conheceu o Daime na casa do amigo e conterrâneo Irineu Serra, numa área do antigo Seringal Empreza<sup>1</sup> perto de onde hoje se situa o Conjunto Manoel Julião. Passou a frequentar as sessões dirigidas por Mestre Irineu, de quem se tornou um valioso colaborador na elaboração de documentos, registro dos hinários e secretariado em geral, além de ajudar a desenvolver o conhecimento musical na irmandade.

Foto: João Gama



Durante um trabalho espiritual com o Daime, teve uma miração com dois seres de luz descendo do céu e lhe entregando um livro azul. Essa visão ele tinha desde criança em sonhos, mas não compreendia seu significado. Naquele dia e na luz do Daime recebeu toda a essência da Missão que formaria neste plano: a ritualística dos trabalhos, os ensinamentos cristãos através de hinos, salmos e benditos, as obras de caridade e o uso ritual do Daime. O **Livro Azul** representa a revelação da Doutrina orientada por São Francisco das Chagas, de quem recebeu autorização para fundar no Acre uma “fonte de luz” e esperança para a humanidade.

Daniel como devoto de São Francisco trazia em seu coração os exemplos de vida que o Santo deixou sobre a terra: a prática da fraternidade, a vida em pobreza e penitência, ao mesmo tempo em que celebrava a alegria, o canto e a poesia. Esse homem, hoje venerado por milhões de pessoas como santo, é exemplo de simplicidade e de compaixão por todos, principalmente pelos mais necessitados. Em cada criatura era capaz de ver um irmão. Pregava que todos são filhos de Deus e afirmava a fraternidade como um dos princípios da Lei Divina. Cultivou profundo amor e devoção por Jesus, e como prova de lealdade, por trazer impressa em seu coração a Paixão do Salvador, recebeu em seu corpo as marcas da crucificação, através do milagre dos estigmas das dores de Cristo e, por isso, também é conhecido pelo nome de **São Francisco das Chagas**.

Inspirado e guiado por São Francisco, no ano de 1945, Mestre Daniel pede emprestado um pedaço de terra ao senhor Manoel Julião de Souza, na Vila Ivonete, às margens do Igarapé Fundo. Ali inicia sua Missão, construindo, com alguns irmãos, uma igreja de barro coberta de palha, consagrada a São Francisco das Chagas, o Padroeiro e Advogado junto a Jesus e à Virgem Maria. E então Mestre Daniel se entrega a uma vida franciscana de pobreza, penitência, humildade, caridade, devoção a Deus em todos os dias de sua vida material, até a sua desencarnação em 8 de setembro de 1958. A partir de 20 de janeiro de 1959, aquela que o povo de Rio Branco chamava de “igrejinha de São Francisco” foi instituída formalmente como **Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus - Fonte de Luz”**.

<sup>1</sup> Na década de 40 do século passado, a grafia da palavra empresa era com “z”. O Seringal Empreza deu origem à Vila Rio Branco, que posteriormente se transformaria na capital do Estado.



No mesmo ano em que Mestre Daniel fundou a Missão, o mundo passava por grandes dificuldades. Findava a II Guerra Mundial e o povo sofria suas consequências: fome, doenças e calamidades. No Acre também os Soldados da Borracha padeciam, explorados e abandonados nos seringais da Amazônia. Com sua irmandade, Daniel rogava pela humanidade, abatida por esses grandes tormentos. As obras de caridade se dirigiam em benefício dos encarnados e desencarnados. Com rezas, acolhia quem chegasse em busca de auxílio: caçadores da região acometidos de panema; crianças doentes, trazidas pelos pais com quebranto, vento caído e outros males; adultos com espinhela caída, peito aberto, dor de dente, alcoólatras sem esperança de regeneração; doentes do corpo e do espírito que não encontravam respostas em médicos e, muitas vezes, chegavam carregados em redes, trazidos pelos familiares em busca de uma assistência espiritual. Para cada caso era indicado o tratamento, que poderia ser o Daime e preces, passes mediúnicos, aconselhamentos, chás e banhos com plantas medicinais. Os que recebiam benefícios do tratamento e eram tocados no coração, iam ficando em sua companhia, para auxiliar nessas obras de caridade.

Nascia em meio à floresta amazônica uma Doutrina, com práticas do catolicismo popular, dos cultos de matriz africana e da cultura indígena. Ao longo de doze anos, Mestre Daniel conduziu a Missão, servindo o Daime, ensinando através de seu Hinário, formando uma comunidade cristã que se doa ao próximo, reza e se prepara para a vida espiritual. Os benefícios alcançados são conhecidos, há muito tempo, pelos moradores de Rio Branco e de outras regiões. Sua casa, desde então, tornou-se um centro de peregrinação, onde se pratica romarias, penitências, preces, terços e rosários. Homens, mulheres e crianças podem dar testemunho dos benefícios recebidos nessa comunidade religiosa.

As **obras de caridade**, juntamente com o **Daime** e o **Hinário** constituem o fundamento da Missão de Mestre Daniel. O **Hinário** é a palavra de Deus cantada, num conjunto de hinos, salmos e benditos com ensinamentos cristãos, copiados por Mestre Daniel do **Livro Azul** e ensinados pela tradição oral aos seus primeiros seguidores, pessoas simples, em sua maioria seringueiros e agricultores não alfabetizados, que memorizavam e

repetiam as mensagens como saberes incorporados à vivência diária. Foram eles os responsáveis, após a desencarnação do fundador, por preservar e transmitir essa Doutrina. O uso ritual religioso do **Daime** como sacramento orienta a compreensão dos ensinamentos e conduz a irmandade a realizar as obras de caridade.

Desde o início, os trabalhos dentro da igreja são realizados com 13 irmãos sentados ao redor de uma mesa em forma de cruz, de onde pedem e irradiam as bênçãos através dos cânticos, das preces e das rogativas ao Poder Eterno. No salão sentam-se, de um lado homens e, de outro, mulheres, que participam dos trabalhos reforçando o coro dos hinos, rezando preces e prestando assistência. Aos sábados, no salão de obras de caridade, as pessoas que buscam auxílio são atendidas pelas entidades curadoras e, em datas comemorativas, após as sessões, acontece no salão do bailado, o festejo com a chamada dos encantos da floresta e do mar e outros seres de luz que assistem à casa durante todos os trabalhos. A Missão é representada pelo Barco Santa Cruz, e no leme Mestre Daniel, marinheiro de luz, navega noite e dia pescando almas e encaminhando aos santos pés de Jesus.

Os seguidores vivenciam uma fé profunda através de práticas devocionais, como o uso da cruz, batismo, festejos aos santos, cânticos, promessas, uso das imagens dos santos no altar, no andor e nas torres da igreja, romarias dirigidas a São Sebastião, Nossa Senhora e São Francisco e as orações (Pai Nosso, Ave Maria, Salve Rainha e Creio em Deus Pai). Os membros oficiais, como símbolo de pertencimento à Missão, usam um fardamento que se assemelha ao uniforme dos marinheiros. O calendário religioso é vasto e, entre as datas comemorativas, estão o Natal, Reis Magos, Semana Santa, Corpus Christi, Nossa Senhora da Conceição, São Francisco, São Sebastião, São José, São João, Finados e os aniversários de passagem do Fundador e de alguns seguidores de sua Doutrina.

Passam-se as décadas e sucedem-se as gerações de seguidores e continuadores da cultura religiosa fundada por Mestre Daniel que, com sua orientação e inspirados por São Francisco, buscam manter viva a fé e a devoção em Deus Jesus, na busca da evolução espiritual e preparação para a vida eterna.

## Mestre Gabriel e a União dos Mistérios do Vegetal

**José Gabriel da Costa** nasceu na localidade de Coração de Maria, no município de Feira de Santana no Estado da Bahia, no dia 10 de fevereiro de 1922. Seus pais, Manoel Gabriel da Costa e Prima Feliciano da Costa, mantinham os hábitos simples dos nordestinos. Na sala principal existia uma grande mesa de madeira, onde a família se reunia para as refeições precedidas de orações feitas por seu patriarca. Havia um pequeno altar e as paredes eram cobertas por imagens de santos. A base familiar de sua formação religiosa foi o catolicismo.

A família freqüentava as festas do calendário católico, realizadas no Retiro, pequeno povoado próximo à Pedra Nova. Manuel Gabriel da Costa fazia questão de que os filhos lhe tomassem a bênção. O ritual era completo. Na hora em que se levantavam e quando iam dormir, os filhos, mesmo depois de crescidos, as mãos postas, pediam: “— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, a bênção...” No fim da tarde, quando o sino da igreja soava as seis horas, seu Manuel reunia a família e rezava, entre outras orações, a Ave-Maria. À noite, o Pai-Nosso.

É importante ressaltar que a felicidade de encontrar uma estrutura familiar simples e que vivia com o pouco que produzia, alicerçada em valores morais e religiosos, propiciou o ambiente adequado para que o menino José Gabriel pudesse consolidar os dons espirituais que se encontravam em seu coração e em sua consciência.

Em 1942, com vinte anos de idade, mudou-se para Salvador onde desenvolveu algumas atividades comerciais e praticou o jogo de capoeira, no qual se destacou pela destreza e rapidez de movimentos. Entretanto, sua missão espiritual ainda estava por acontecer. De Salvador, embarcou para Belém do Pará e de lá para Porto Velho, atendendo a um apelo publicitário do Governo Brasileiro para trabalhar como “Soldado da Borracha”. Antes de ir para os seringais, morou em Porto Velho, Rondônia, onde trabalhou no Hospital São José e na Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

Em maio de 1947, casou-se com Raimunda Ferreira da Costa, a Mestre Pequeninha, com quem teve os seguintes filhos: Getúlio, Jair, Jandira,

Róseo, Carmiro, Carmiranda, Vicente e Benvino. Depois de casados, foram morar na floresta. Algumas vezes, a família foi para os seringais e, depois, voltava para a cidade de Porto Velho.

No Seringal Guarapari, na divisa do Acre com a Bolívia, em 01 de abril de 1959, José Gabriel da Costa conhece a Ayahuasca, recebendo-a das mãos de outro seringueiro, Chico Lourenço. Tem início uma fascinante história de recordação, desprendimento e coragem, em que um homem e sua família criam uma religião, a União do Vegetal, no seio da floresta – no seringal Guarapari no dia 22 de julho de 1961.

Neste cenário, a Vila Plácido de Castro – à época importante centro comercial e de encontro de seringueiros – é palco de dois acontecimentos marcantes. No dia seis de janeiro de 1962, Mestre Gabriel é aclamado pelos mestres que viviam na floresta e distribuíam ayahuasca sem uma linha doutrinária, como o Mestre Superior na União. Outro destaque é a criação do Núcleo Estrela Divina, localizado na mesma cidade, cujo nome foi dado por Mestre Gabriel.

Em 1964 retorna para Porto Velho e inicia o processo de institucionalização da União do Vegetal. De acordo com as necessidades que se apresentam, Mestre Gabriel, já com um quadro de mestres por ele formado, organiza a UDV, superando perseguições e preconceitos motivados pelo desconhecimento da Ayahuasca pela sociedade.

Mestre Gabriel tem por objetivo a renovação espiritual da humanidade. A organização que fundou para realizar sua missão, o **Centro Espírita Beneficente União do Vegetal**, é uma religião de fundamentação cristã-reencarnacionista. Professora a reencarnação dos espíritos e a divindade de Jesus Cristo, o Poder que veio à Terra trazer a Doutrina da Salvação. A União do Vegetal ensina que, de tempos em tempos – e de acordo com a necessidade – o Poder Superior envia espíritos iluminados à Terra com a missão de orientar os homens e reconduzi-los ao caminho reto. Mestre Gabriel cumpriu superior missão espiritual ao criar a UDV.

A bebida indígena ayahuasca, para Mestre Gabriel, é a conservação através dos séculos na floresta amazônica do que ele denominou chá Hoasca, que realiza a União dos Mistérios do Vegetal – o mariri e a chacrona. Essa sagrada União, que chegou aos tempos atuais pela realeza Inca, havia



sido feita há muitos séculos. A União do Vegetal, instituição religiosa, foi recriada, em caráter definitivo, por Mestre Gabriel, pois trata-se de fundamentação religiosa que já existiu na Terra antes da vinda de Jesus. Surgiu no reinado de Salomão, rei de Israel, no século 10 antes de Cristo. A história registra esse período como uma época de prosperidade e de considerável conhecimento - tanto material como espiritual - para aquela região. Na memória da humanidade, Salomão ficou registrado como o rei da sabedoria. E é exatamente o que ele é.

A União do Vegetal ensina a prática do bem. Sua doutrina está em sintonia com a de Jesus. Auxilia a melhor compreendê-la, trazendo para a humanidade, com maior clareza, aspectos fundamentais da realidade espiritual. Sendo a UDV fruto do mesmo Poder Superior que se manifestou em Jesus, não pode haver contradição entre ambos. São frutos da mesma árvore. O que diferencia é a época e o contexto em que se desenvolve a missão. A União do Vegetal vem atender a humanidade nesta nova etapa de sua caminhada evolutiva.

A UDV realiza a comunhão com o sagrado. Em suas sessões, o chá Hoasca é comungado para efeito de concentração mental, pois amplia a percepção e coloca a pessoa em contato direto com o mundo espiritual, possibilitando que dele tenha uma compreensão mais clara.

Nas sessões de escala, que se realizam no primeiro e no terceiro sábado de cada mês, o discípulo tem a oportunidade de examinar seus atos praticados à luz da Sagrada Doutrina trazida por Mestre Gabriel.

O efeito que o chá produz assemelha-se ao êxtase religioso, buscado desde os primórdios da humanidade. Rituais de jejum, abstinência e até de sacrifícios físicos são ainda hoje adotados por diversas religiões, no Oriente e no Ocidente, em busca desse êxtase, que nada mais é que a religação com o plano espiritual, proporcionado pelo chá Hoasca – que na UDV é também chamado de Vegetal.

A essa realidade do Vegetal como uma força espiritual corresponde a sua realidade como substância pura e, segundo as palavras do Mestre Gabriel registradas no primeiro estatuto da UDV, em 1968, “comprovadamente inofensivo à saúde”. Desde o início, a UDV vem promovendo iniciativas na pesquisa médica e na fundamentação jurídica

para demonstrar a legitimidade do uso religioso da Ayahuasca, iniciativas que beneficiam a todos os cidadãos e organizações que fazem esse uso de forma sinceramente religiosa.

A UDV começou com um pequeno grupo em Porto Velho e é hoje uma instituição com mais de quinze mil sócios, com núcleos oficialmente reconhecidos em todos os estados brasileiros, bem como nos EUA e na Espanha. Apesar da discricção ser um de seus princípios, as ações que vêm moldando seu crescimento e estabelecimento institucional têm sido, repetidamente, no sentido de adquirir reconhecimento público através dos canais legais apropriados, no Brasil e aonde se fizer necessário. Por isso, a UDV conquistou o título de utilidade pública federal, o reconhecimento legal como religião e a garantia do direito de utilizar a Ayahuasca em cerimônias religiosas.

Mestre Gabriel faleceu em Brasília, no dia 24 de setembro de 1971. Sua vida foi inteiramente voltada para a realização de sua missão espiritual. Sua obra é uma organização religiosa que ele deixou regularizada e inteiramente constituída em seus elementos fundamentais: seu quadro de mestres, suas normas de funcionamento e a Doutrina que retransmite de geração a geração. Essa Doutrina, assim como a personalidade de seu fundador, está assentada em preceitos que correspondem aos valores éticos e morais compartilhados pelos segmentos mais respeitados da sociedade envolvente. Esse é o fundamento da respeitabilidade da UDV como instituição religiosa que almeja o equilíbrio físico, mental e espiritual de seus membros, enquanto indivíduos e em seus relacionamentos interpessoais.



## Pontos comuns das Doutrinas da Ayahuasca

Os três Mestres fundadores das principais Doutrinas que trouxeram o uso religioso da ayahuasca da floresta para as populações urbanas desenvolveram, cada um em seu espaço e tempo de vida, métodos e características próprias, inconfundíveis. Há, entretanto, além da convivência respeitosa entre os seus seguidores, diversos pontos em comum. Essas características compartilhadas pelos discípulos de Irineu Serra, Daniel Mattos e Gabriel Costa justificam a idéia de que suas Doutrinas constituem um campo religioso diferente de outros e que pode ser notado com mais nitidez no Acre, onde, proporcionalmente, o uso religioso da Ayahuasca é mais disseminado na população.

Alguns dos principais consensos entre os ayahuasqueiros são:

### a. Fundamentação cristã e espírita

Os ayahuasqueiros tem como fato verdadeiro a reencarnação dos espíritos, em busca de sua evolução, pois entendem que todos os filhos de Deus destinam-se à salvação e são chamados a retornar à Casa do Pai, mas necessitam purificar-se para nela entrar. A morte só existe para o corpo físico, que se desfaz na terra. O espírito é imortal, destinado à vida eterna, junto a Deus, no Astral Superior – o Céu. Cada encarnação é uma oportunidade para evoluir, corrigir erros, aperfeiçoar-se na prática do bem, perdoar para poder ser perdoado, até purificar-se completamente. Ao mesmo tempo, é oportunidade de ampliar a consciência e o conhecimento da realidade espiritual, do poder de Deus e de suas leis. A Lei maior é o mandamento do Amor, deixado por Jesus Cristo, que é o Filho de Deus. Quem vive nesse Amor Divino alcança a salvação. Não necessita mais de encarnações, retornando à Terra apenas em cumprimento de missão espiritual, com o objetivo de auxiliar os que ainda não chegaram àquele grau de evolução. Assim, as Doutrinas dos Mestres são essencialmente cristãs e espíritas.

### b. O respeito à Natureza

A prioridade ao espírito não deve ser confundida com o desprezo ao corpo, que precisa ser zelado e ter sua saúde preservada. Também a busca de ascender ao Céu não significa desprezar a Terra. A Natureza é criação divina e deve ser amada e respeitada. É ela que provê o sustento e a sobrevivência da espécie humana. Conhecê-la, respeitar suas leis fundamentais e zelar pelo equilíbrio ambiental é dever de todos, sobretudo dos que buscam evoluir no caminho da espiritualidade. É da floresta que se retira as plantas necessárias ao feitiço da Ayahuasca: o cipó e a folha. Para os ayahuasqueiros a Natureza é mãe e professora, pois dela extraem o alimento do corpo e também do espírito.

Uma compreensão plena da Natureza é algo somente possível a quem trilha o caminho da evolução espiritual, pois o equilíbrio ambiental depende mais da obediência às leis morais e espirituais que regem o Universo do que de conhecimentos técnicos. Na Natureza, o equilíbrio é a justa medida: nem desperdício, nem escassez. Aprendendo as lições que a Natureza fornece, o homem viverá em paz com ela e com seus semelhantes.

### c. A vida em comunidade, com atenção especial à família, crianças e idosos

As Doutrinas da Ayahuasca criam e mantêm comunidades, procurando viver em paz e ajudando-se uns aos outros. Seus seguidores referem-se a si mesmos como uma “irmandade”. A base da vida comunitária é a família, que é fundamental para a evolução espiritual. A paz no mundo começa dentro da família. Dessa forma, um dia toda a humanidade terá condições de reconhecer-se diante do Pai verdadeiro, Deus, como uma única e harmoniosa família espiritual.

A família é a base ética e moral da sociedade, o ambiente em que os princípios são preservados e transmitidos. A família possibilita a evolução dos espíritos no exercício do Amor e da ajuda mútua. Nas comunidades da Ayahuasca não há crianças abandonadas, ao contrário, costuma-se adotar crianças para dar-lhes lar e família. Da mesma forma, não há idosos abandonados. Os



mais velhos são mais sábios, guardam a memória da vida e do ensinamento do Mestre, são conselheiros e orientadores valiosos.

#### **d. O valor da memória e a transmissão oral da doutrina**

As tecnologias da comunicação se desenvolveram rapidamente nos últimos anos e é inevitável que sejam usadas na transmissão das religiões que são, entretanto, muito mais antigas. O Cristianismo expandiu-se nos tempos em que não havia rádio ou televisão e apenas uma minoria podia ler e escrever. A própria mensagem original de Jesus não foi escrita. Só uma parte dela está registrada nos Evangelhos e nas Cartas dos Apóstolos. Como escreveu o Apóstolo João, “Muitas outras coisas fez Jesus e, se fossem escritas uma por uma, creio que o mundo não poderia conter os livros que se escreveriam”. Mas o que não foi escrito também permaneceu na transmissão oral, de geração a geração, que levou o Cristianismo a todos os recantos da Terra.

Assim também viveram os Mestres fundadores das Doutrinas da Ayahuasca: em comunidades de seringueiros e agricultores, analfabetos em sua maioria, eles deram continuidade à obra doutrinária do Cristianismo em linguagem simples, porém profunda e elevada. Por isso, nessas comunidades, valoriza-se a memória e cultiva-se um grande respeito pelos idosos. Os textos contidos nos hinos e chamadas, nos documentos e registros de palestras, são complementados pela recordação, principalmente dentro das famílias, das histórias vividas pelos mais antigos e das lições que aprenderam na convivência com os fundadores e pioneiros. É na memória e em sua transmissão oral que a Doutrina penetra na vida

cotidiana, que os valores não ficam apenas nas palavras, mas são levados à prática, quando o ensino é dado através do exemplo.

#### **e. Uma visão espiritual da Saúde**

Os cientistas e pesquisadores, especialmente em psicofarmacologia, afirmam que a ayahuasca tem propriedades medicinais e pode ser usada no tratamento de diversas enfermidades, físicas e mentais. Os associados aos Centros Tradicionais da Ayahuasca, entretanto, dizem que o mais importante não são as propriedades químicas, mas o fato de que o Daime ou Vegetal insere-se num modo de viver orientado pelo Amor e pelo Espírito do Bem, que é a fonte da saúde. Não se usa a ayahuasca como simples remédio, nem se recusa os recursos da medicina científica, mas compreende-se que a Saúde é um estado natural de equilíbrio e bem-estar em todos os aspectos da vida.

Por isso, as Comunidades Tradicionais da Ayahuasca, que seguem os princípios dos Mestres fundadores, recusam com veemência os vícios de comportamento e o uso de drogas. Dedicam-se a promover a saúde de seus integrantes e ajudam os que buscam apoio para recuperar a saúde perdida, esclarecendo sempre que a verdadeira cura é espiritual e, para alcançá-la, é necessário libertar-se dos vícios e do uso de substâncias que provocam dependência física e psíquica, degeneram o organismo e a mente, desestruturam a família e a sociedade. A garantia da saúde é uma vida orientada para a evolução espiritual, em harmonia com a Natureza e paz na convivência social, consciência e responsabilidade sobre seus atos e, principalmente, obediência às Leis de Deus.



**Centro de Iluminação  
Cristã Luz Universal-Alto Santo,  
fundado por Mestre Irineu.**



**Centro Espírita e Culto de Oração  
“Casa de Jesus-Fonte de Luz”,  
fundado por Mestre Daniel.**



**Centro Espírita Beneficente  
União do Vegetal fundado por  
Mestre Gabriel.**

#### **f. Batismo como sacramento básico**

Como cristãos, os seguidores das Doutrinas da Ayahuasca reconhecem o batismo como sinal de pertencimento ao rebanho conduzido por Jesus Cristo. A origem da humanidade é espiritual e está em Deus Criador. Religião é - como a palavra diz - a re-ligação do ser humano com sua origem divina. É o veículo que a humanidade dispõe para (re)conhecer a realidade espiritual, conhecer sua verdadeira missão na Terra e compreender de maneira mais abrangente o sentido da vida. A religião sempre esteve presente em todos os povos, desde as formas mais simples em contato direto com a Natureza até as mais complexas, com detalhados códigos de ética e hierarquia. Todas as religiões tem rituais em que afirmam seus princípios sagrados. No Cristianismo, o batismo é um sinal de adesão e entrega ao serviço de Deus e à proteção divina.

Alguns Centros da Ayahuasca tem o casamento como sacramento, para afirmar a origem divina da família. Outros apenas incentivam o casamento civil de seus integrantes, para colocá-los em acordo com os preceitos morais e legais que valorizam a família. Em algumas comunidades, o velório e a missa de sétimo dia são rituais específicos que consagram o momento da passagem para a vida espiritual. Em quase todas as comunidades se comemora aniversário de nascimento, mas em algumas a data mais importante é a da desencarnação, em que ocorre o início da vida eterna. De todas as formas, cada uma com sua especificidade, as Doutrinas da Ayahuasca afirmam a sacralidade da Vida e consagram-na ao seu Criador.

Mas o sacramento comum a todas é o próprio uso da Ayahuasca, na condição religiosa de Daime ou Vegetal. Esse uso, ritualístico, consagra o Daime ou Vegetal como manifestação da Divindade à qual ele conecta os que conhecem e cultivam seus ensinamentos. A condução e transporte do Daime ou Vegetal é cercada de cuidados, seu uso é feito exclusivamente para o trabalho espiritual, e o trabalho de sua confecção ("preparo" do Vegetal ou "feito" do Daime) é um momento sagrado.

#### **g. Fazer o bem: a caridade como princípio**

A condição humana é de inteira ligação. Ninguém vive isolado, todos dependem essencialmente uns dos outros, tanto para sua própria sobrevivência quanto para o desenvolvimento espiritual, moral e intelectual. Todas as virtudes e dons só tem sentido quando colocadas a serviço dos outros, especialmente os que mais necessitam. A caridade é, assim, considerada ação sublime e recomendada pelos Mestres. Seja de forma organizada e institucional, seja nas atitudes individuais da vida cotidiana, fazer o bem ao próximo é fazer o trabalho de Deus. As Doutrinas da Ayahuasca tem como um de seus fundamentos, a prática do bem, estender a mão para que todas as pessoas sejam conhecedoras da bondade de Deus, se sintam amadas e respeitadas.

#### **h. Respeito à diversidade religiosa**

A humanidade se espalhou por toda a Terra, em tribos que resultaram em civilizações e culturas diferentes. Assim, as religiões surgiram e se desenvolveram de acordo com a linguagem e as características de cada povo. Mas entre elas existem pontos em comum: a crença em um Ser Superior e a convicção de que a prática do bem e o culto à fraternidade agradam ao Criador e trazem felicidade. Esses fundamentos encontram-se tanto nas religiões orientais quanto ocidentais e são a essência do ensino religioso. Desta forma, as religiões proporcionam um sentido para a vida e atendem às necessidades de seus adeptos, que nelas permanecem enquanto se identificam com seus princípios. A intolerância e desrespeito com as religiões não é uma atitude religiosa, mas uma desobediência ao mandamento de amar a todos, indistintamente.

As Doutrinas da Ayahuasca ensinam o respeito às diferenças entre as pessoas e, por consequência, às diferenças religiosas. Todos são filhos do mesmo Pai Criador, que concedeu o livre arbítrio e, portanto, a livre escolha do caminho religioso que lhes preencha as necessidades espirituais. É comum, nos diversos Centros, a presença de pessoas de outras denominações religiosas frequentando as sessões. Elas buscam conforto e



auxílio para suas vidas quando passam por alguma dificuldade. Não se exige dessas pessoas que deixem as suas igrejas, que continuarão frequentando. São recebidas e atendidas com caridade, sem necessidade de retribuição ou pagamento.

### Sugestões de Leitura

- ALVES, Antonio: O Cidadão Irineu Serra - Revista do Seminário, 2010
- COSTA, Joaze Bernardinho (org.) Hoasca: Ciência, sociedade e meio ambiente/- Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011
- ARAUJO NETO, Francisco H. / MARGARIDO, Sílvia F.L. Mestre Daniel - História com a Ayahuasca. Rio Branco: Fundação Garibaldi Brasil, 2005

Trabalho espiritual na “Casa de Jesus-Fonte de Luz” de Mestre Daniel



Feitio do Daime no Alto Santo



Atividade recreativa na União do Vegetal





Devoto fazendo oferenda a "Iemanjá"

# Religiões de Matriz Africana

## INTRODUÇÃO HISTÓRICA

**Prof<sup>a</sup>. Goreth da Silva Pinto**



“

Deus? O mesmo Deus da Igreja é o do Candomblé. A África conhece o nosso Deus tanto quanto nós, com o nome de Olorum. A morada dele é lá em cima e a nossa, cá embaixo.

**(Mãe Menininha do Gantois)**

”



Durante muitos anos, a presença da religiosidade africana na sociedade brasileira foi subdimensionada, ou pior, como estratégia de dominação e marginalização esta foi ao longo das décadas e séculos, demonizada atendendo aos interesses da elite e da presença de outras religiões no país, principalmente a religião católica.

Escrever sobre as religiões africanas originárias e as influências destas na religiosidade afro-brasileira é buscar retomar os primórdios da religião no continente africano e ter a plena consciência que, apesar de termos um continente único, neste temos uma grande mistura de elementos étnicos, lingüísticos, culturais e religiosos.

Os africanos trazidos para o Brasil foram separados e reagrupados sem levar em consideração aspectos familiares, ou mesmo se estes eram ou não inimigos na África; desta forma, vários elementos da sua vivência tiveram que ser reinventados e a religião não ficou fora desta realidade. Ao longo dos séculos no Brasil, ocorreu a reinvenção desta pelo contato com a religião católica, com a prática espírita e também com a religiosidade indígena.

É claro que no contexto brasileiro com a predominância católica, aquelas práticas que não estavam vinculadas com este eram perseguidas e rotuladas como heréticas, pagãs ou meramente supersticiosas. Nesse ínterim, entretanto, a religião africana teve um maior contato com o catolicismo, principalmente o catolicismo popular presente no interior do Brasil, absorvendo conti-

nuamente seus valores e significados; a absorção destes elementos criou um ambiente sincrético e, nesse contexto, escondendo seus deuses atrás dos santos católicos e das suas imagens, Oxalá foi associado ao Senhor do Bonfim, Ogum a Santo Antonio, Oxossi a São Jorge, São Jerônimo a Xangô e os elementos africanos foram misturando-se, não somente entre si mas, também, com a religião implantada pelos europeus.

Uma expressão religiosa é comumente aceita de matriz africana, dada a sua origem, a saber, ter seu início vinculado aos negros afro-descendentes no período colonial ou pós-colonial e não tanto pela presença majoritária desses negros em determinada expressão religiosa. O Candomblé não pode ser caracterizado como coisa de negro apenas porque a maioria é negra, pois temos candomblés dirigidos por brancos e com presença maciça de brancos. A questão é desconstruir um discurso, ainda subjacente, de que as religiões do povo negro são para os negros – “é coisa de negro”. A questão é mostrar a universalidade dessas religiões, que transpõem a barreira imposta pelo discurso do colonizador de suas subscrições como expressões “animistas”, “fetichistas”, “selvagens”, ou seja, “pouco evoluídas”.





## A Religião Tradicional da África Negra

No continente africano observamos várias práticas religiosas, como as presentes entre os meroítas e os berberes, mas os aspectos das manifestações religiosas tradicionais se sobressaem no contexto da África Negra. Em termos gerais, para entender a religiosidade na África Negra, é muito importante analisar um conjunto de elementos que ajudam a estabelecer pontos de proximidade entre as diversas manifestações religiosas tradicionais; ao mesmo tempo, devemos compreender que, como temos essas proximidades, também temos diferenças entre as diversas manifestações da religião tradicional na África Negra, diferenças estas que são influenciadas por situação geográfica, modos de vida, eventos históricos e estruturas sociais específicas. Deixando de lado as diferenças, veremos um pouco das características comuns que foram, ao longo da chegada do negro africano, incorporadas a todo um conjunto de rituais que compuseram a religião afro-brasileira ao longo de vários séculos de história.

A relação entre o homem e a natureza, na religião tradicional, é de harmonia e interação; homem e natureza não estão em oposição, na verdade ele é parte da mesma, e até mesmo como diz Deschamps no livro *Religiões da África Negra*, “sua vida e eficácia depende das forças naturais e invisíveis que o protegem ou o ameaçam e a que o liga a uma constante participação”.

O rito é fundamental neste mundo, tudo é rito, do gesto mais simples até a mais elaborada das cerimônias coletivas, o aspecto prático, o aspecto finalístico, a religiosidade faz com que as cerimônias sejam para a busca da chuva, da fecundidade, ou até mesmo para acalmar os deuses, entre outros. Com isso, o mundo invisível torna-se visível por meio deste conjunto de elementos simbólicos.



## Divindades, Natureza, Homens e Ritos na Religião Tradicional

Na religião tradicional temos, quase sempre, um Ser Supremo nas mais diversas correntes; essa divindade suprema geralmente é associada ao início de tudo, à criação do mundo e aparece muitas vezes nas lendas e contos mitológicos distanciada dos homens: ele e somente ele se basta, não tem necessidade dos homens, mas esse distanciamento em muitos mitos é uma espécie de punição ao homem por uma falta. A posição do Ser Supremo no panteão divino de diversos grupos é sempre destacada e até mesmo nos cultos esse destaque está presente, o chefe familiar constantemente oferece-lhe sacrifícios, é estabelecido por diversas denominações, para os Bambara é Faro, entre os Achanti era Nyamé, Olorum entre os Iorubas e Mulungu na região dos grandes lagos africanos.

Além da divindade suprema, temos também os deuses secundários, associados geralmente a fenômenos da natureza, a espíritos que habitam a floresta, espíritos que protegem uma aldeia. Atuam constantemente no mundo e referencialmente recebem denominações que os fazem assim ser chamados: Deus do Céu, Deus do Trovão, Deus dos Ferreiros, Deus da Guerra, Deusa das Águas e do Mar. Além do Deus supremo e dos deuses secundários, em muitos grupos a proteção do patriarca é considerada, juntamente com a proteção dos seus ancestrais, os ancestrais reais e os fundadores do povo são considerados divindades protetoras.

Animais, vegetais e minerais também estão presentes no culto tradicional africano; povos como os mandingas vislumbram uma série de animais protetores; em outros povos a relação de parentesco entre os clãs e um animal também é tão destacada que, em dado momento, a morte de



um animal relacionado ao clã gera um rito fúnebre seguindo os passos do rito fúnebre de um aparentado do clã. Árvores como o Iroko são símbolos que não podem ser cortados e quando cortados devem ser apaziguados. Minerais como o cobre e o ouro em alguns grupos são considerados sagrados. Pedras esféricas ou circulares são objetos de culto, a terra é objeto de culto e os astros também são divinizados.

A religião tem lugar fundamental nas culturas africanas, sendo o espaço de onde emana todo encaminhamento para a vida, garantia do conforto, da saúde e do equilíbrio. No Brasil, as religiões africanas foram transformadas; celebrações, rituais e crenças de alguns povos se misturaram com as de outros, e com as de portugueses e indígenas, porém nesse processo muitas características africanas continuaram sendo mantidas.

Contemplar a religiosidade africana tradicional, perceber seus aspectos e características mais marcantes, é ter a consciência e o conhecimento para estabelecer a ponte de ligação entre a religiosidade africana e a religiosidade afro-brasileira.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

MATTOS, Regiane Augusto de. História e cultura afro-brasileira. São Paulo: Contexto, 2007.

LOPES, Nei. História e cultura africana e afro-brasileira. São Paulo: Barsa Planeta, 2008.

## Candomblé – Origens e Considerações Históricas

Ogan José Rodrigues Arimatéia

Os bantos, povos cujas línguas possuem uma origem comum e, por isso, o termo “Banto” delimita um grupo lingüístico africano e não uma etnia, vivem em todo o território abaixo do Equador, ocupando uma área de 9.000.000 Km<sup>2</sup> e englobando 190.000.000 de indivíduo. Apesar das grandes especificidades culturais que pode haver entre 190.000.000 de indivíduos, os Bantos possuem outras características culturais semelhantes além do parentesco lingüístico. Segundo Nei Lopes, “(...) parece que em todas as religiões bantas os espíritos dos ancestrais são os intermediários entre a divindade suprema e o homem. Assim, são eles que levam as oferendas dos fiéis e intercedem em seu favor junto a Nzambi.

O candomblé é uma religião que teve origem na cidade de Ifé, na África, e foi trazida para o Brasil pelos negros iorubas. Seus deuses são os Orixás, dos quais somente 16 são cultuados no nosso país: Essú, Ògun, Osossi, Osanyin, Obalúaye, Osúmàré, Nàná Buruku, Sàngó, Oya, Oba, Ewa, Osun, Yemanjá, Logun Ede, Oságuian e Osàlufan. O pai ou a mãe de santo é a autoridade máxima dentro do Candomblé. Eles são escolhidos pelos próprios Orixás para que os cultuem na terra. Os orixás os induzem a isto, fazem com que as pessoas por eles escolhidas sejam naturalmente levadas à religião, até que assumam o cargo para o qual estão destinadas. Uma pessoa não pode optar se quer ou não ser um Pai ou Mãe de Santo, se não acontecer durante sua vida fatos que a levem a isto. São pessoas que de alguma forma são iluminadas pelos Orixás para que cumpram seu destino. Os Pais de Santo, normalmente, são donos de uma roça, ou seja, um lugar onde estão plantados todos os axés e no qual os Orixás são cultuados. Dentro da roça existe o barracão (assim denominado por causa dos negros que antigamente moravam em barracões), que é o lugar em que são feitos os grandes assentamentos (oferendas) para os deuses.





“

*Falar de religião afro-brasileira implica conhecer a cultura dos povos africanos e as tentativas de sobrevivência dessa mesma cultura no solo brasileiro. Portanto, a África não é o personagem principal do nosso tema, mas o local de origem das populações que vão interagir com os elementos do Novo Mundo. Para este fim, se faz necessário compreender o pensamento do homem africano - cujas relações com o sagrado visam assegurar uma vida perene - e o papel deformador da escravidão impondo rupturas a toda infra-estrutura social (organização familiar e sistemas políticos e econômicos) que não tinha como sobreviver fora da África. Assim, o único ponto de resistência foi a superestrutura cultural, ou seja, a maneira de sentir, de pensar e de se relacionar com o sagrado. E, até mesmo este, precisou se adaptar à nova realidade social: inter-relações com o senhor e com os grupos culturais diferentes. Carlos Eugênio Soares, lembra que foi somente na experiência do cativo e da diáspora, que os negros puderam se descobrir enquanto africanos e partilhar uma herança comum. “A identidade étnica criada pelo tráfico, silenciadora da identidade nativa, seria substituída, por sua vez, pelo novo código construído no cativo, em conflito com as identidades ‘crioulas’ e brancas.*

”



O regime de produção escravista fez com que membros de reinos, clãs e linhagens; aliados e inimigos; caçadores, guerreiros e agricultores; sacerdotes e cultuadores de antepassados; fossem brutalmente retirados de um contexto social, político e religioso próprio para se tornarem mão-de-obra numa terra distante, numa sociedade diferente, na qual não lhes conferiam o status de pessoas. Eram vistos como meras “peças”, compradas e revendidas como coisa. Sob este regime, os escravos ficavam à margem do convívio social. De um lado, estava o modelo dominador da família patriarcal da casa-grande, no qual o senhor de engenho governava absoluto, tendo sob suas ordens mulher e filhos, clero e autoridades civis. De outro, estavam os valores e tradições culturais trazidos da África que, a todo custo, precisavam ser conservados.

Se as danças e músicas foram toleradas, o aspecto mágico da religiosidade africana foi duramente combatido. O babalaô (sacerdote), ao manipular objetos, fazer sacrifícios de animais e invocar secretas orações, acredita poder entrar em contato com os deuses (orixás), conhecer o futuro, curar doenças, melhorar a sorte e transformar o destino das pessoas. Por esses princípios, a magia africana era vista como prática diabólica pelas autoridades eclesiásticas, como já havia ocorrido com as religiões indígenas, principalmente porque, sendo o catolicismo colonial também uma religião fortemente magicizada, era preciso distinguir a fé católica nos santos, almas benditas e milagres, das crenças consideradas “primitivas” nas quais entidades incorporavam, espíritos recebiam alimento sacrificial de sangue e adivinhos operavam curas. Da mesma forma, era preciso distinguir a ingestão da hóstia, representando o corpo de Cristo, da antropofagia ritual dos índios.

A fé dos negros nos próprios deuses esteve inicialmente disfarçada nas danças e cantos que faziam em louvor aos santos católicos, num segundo momento essa fé se dirigiu tanto a uns como a outros. Ou seja, o negro, assim como o índio, continuou acreditando nos seus deuses mesmo considerando-se cristão. Portanto, a enorme separação social entre brancos, negros e índios não significou que as tradições culturais se mantivessem impermeáveis umas às outras. O que se verificou no universo religioso do Brasil foi que



as religiões, que aqui se encontraram, romperam seus limites e se amalgamaram, dando origem às novas formas de religiosidade: uma religiosidade mestiça. O que nos chama a atenção são os relatos da aparente tolerância manifestada pelos proprietários de escravos ao Calundu (Candomblé).

Muito provavelmente essa atitude devia-se a crença de que com essa prática os africanos manteriam vivas, pelo menos dentro da senzala, as rivalidades tribais existentes na África, o que dificultaria a formação de rebeliões ou fugas. É importante ressaltar que, apesar dessa tolerância, os aspectos ritualísticos do Calundu ligados a magia e a incorporação de espíritos eram frequentemente combatidos por serem considerados coisas malignas, surgindo daí a expressão “magia negra” para designar a magia voltada para o mal, que na mentalidade da época era “coisa de negro”.

No início, antes do surgimento dos primeiros quilombos, os africanos que conseguiam sucesso em suas fugas só conseguiam abrigo nas aldeias indígenas do interior. Mais do que abrigar os primeiros africanos bantos fugidos das senzalas, as aldeias indígenas abrigariam toda a cultura e religiosidade deles, que acabaria por influenciar sua própria cultura e religiosidade. Muito provavelmente no nordeste do século XVII, onde uma pequena parcela de religiosidade dos bantos acabou

se misturando ao sincretismo ameríndio-católico do interior, levando ao surgimento da primeira religião sincrética brasileira, o CATIMBÓ, surgida da fusão religiosa dos três povos formadores do país, também conhecido como CULTO À JUREMA, resistente até os dias de hoje em todo o nordeste brasileiro.

Apesar de existirem a incorporação de Caboclos no Catimbó, seu culto baseia-se, principalmente, nas entidades conhecidas como Mestres da Jurema ou apenas Mestres, e é através deles que se realiza o principal trabalho das entidades do Catimbó, a cura de doenças e a receita de remédios para os males físicos, podendo também ocorrer trabalhos para solucionar alguns problemas materiais e amorosos. Cabe também aos Mestres e aos Caboclos realizar a limpeza espiritual dos adeptos e a expulsar maus espíritos das pessoas.

Os Mestres são entidades que se especializam em determinada erva ou raiz e que guardam muito do comportamento e personalidade de sua última encarnação, o que os torna muito naturais e espontâneos, além de possuírem uma forte ligação com a sua caracterização física. Uma característica que chama a atenção é que não existem Mestres do bem ou do mal: eles tanto podem trabalhar para um quanto para o outro, dependendo da orientação do local de culto e do médium.





# Principais Nações

## A Nação Jeje – Candomblé

Os **jejes** como já eram chamados pelos nações, a nação jeje-mahin, do estado da Bahia, e a jeje-mina, do Maranhão, derivaram suas tradições e língua ritual do ewê-fon, ou , e suas divindades centrais são os voduns. As tradições rituais jejes foram muito importantes na formação dos candomblés com predominância iorubá. A palavra **JEJE** vem do yorubá adjeje que significa estrangeiro, forasteiro. Portanto, não existe e nunca existiu nenhuma nação Jeje, em termos políticos. O que é chamado de nação Jeje é o candomblé formado pelos povos fons vindo da região de Dahomé e pelos povos mahins. Jeje era o nome dado de forma pejorativa pelos yorubás para as pessoas que habitavam o leste, porque os mahins eram uma tribo do lado leste e Saluvá ou Savalu eram povos do lado sul. O termo Saluvá ou Savalu, na verdade, vem de “Savê” que era o lugar onde se cultuava **Nanã**. Nanã, uma das origens das quais seria Bariba, uma antiga dinastia originária de um

filho de Oduduá, que é o fundador de Savê (tendo neste caso a ver com os povos fons). O Abomei ficava no oeste, enquanto Axantis era a tribo do norte. Todas essas tribos eram de povos Jeje. A Palavra Dahomé A palavra **DAHOMÉ**, tem dois significados: Um está relacionado com um certo Rei Ramilé que se transformava em serpente e morreu na terra de Dan. Daí ficou “Dan Imé” ou “Dahomé”, ou seja, aquele que morreu na Terra da Serpente.

## Nação Ketu

A primeira fase da iniciação ou feitura de santo na nação Ketu é de 21 dias, onde a pessoa fica em retiro longe da vida profana e da família, devendo desligar-se de tudo e dedicar-se totalmente aos ritos de passagem. Saliente-se que todo o ritual da iniciação não é público. Saliente-se também que essa iniciação só pode ser feita por uma pessoa iniciada, segundo as normas do candomblé só pode transmitir o Axé quem os recebeu de alguém iniciado na obrigação de Odu ijê.

Quanto ao fato da pessoa ser recolhida para ser laô, Ogan ou Ekedí, essa questão só é resolvida durante a iniciação. Se a pessoa entrar em transe será um laô elegun, se não entrar em transe e for homem, será um Ogan, se for mulher será uma Ekedí.





## Nação Angola

A “nação” Angola, de origem Banta, adotou o panteão dos orixás iorubás (embora os chame pelos nomes de seus esquecidos inkisis, divindades bantos), assim como incorporou muitas das práticas iniciáticas da nação queto. Sua linguagem ritual, também intraduzível, originou-se predominantemente das línguas quimbundo e quicongo. Nesta “nação”, tem fundamental importância o culto dos caboclos, que são espíritos de índios, considerados pelos antigos africanos como sendo os verdadeiros ancestrais brasileiros, portanto os que são dignos de culto no novo território a que foram confinados pela escravidão. O candomblé de caboclo é uma modalidade da nação angola, centrado no culto exclusivo dos antepassados indígenas. Foram provavelmente o candomblé angola e o de caboclo que deram origem à umbanda. Há outras nações menores de origem banto, como a congo e a cambinda, hoje quase inteiramente absorvidas pela nação angola.

O Deus Supremo e Criador é Nzambi ou Nzambi Mpungu; abaixo dele estão os Jinkisi/Minkisi, divindades do Panteão Bantu. Essas divindades se assemelham a Olorum e Orishas da Mitologia Yoruba, e Olorum e Orixá do Candomblé Ketu.



## Um Conto Angolano

Era uma vez um camponês que foi à floresta vizinha apanhar um pássaro para mantê-lo cativo em sua casa. Conseguiu pegar um filhote de águia. Colocou-o no galinheiro junto com as galinhas. Comia milho e ração própria para galinhas, embora a águia fosse o rei/rainha de todos os pássaros.

Depois de cinco anos, este homem recebeu em sua casa a visita de um naturalista. Enquanto passeavam pelo jardim, disse o naturalista:

- Esse pássaro aí não é galinha. É uma águia.  
- De fato - disse o camponês. É águia. Mas eu a criei como galinha. Ela não é mais uma águia. Transformou-se em galinha como as outras, apesar das asas de quase três metros de extensão.

- Não - retrucou o naturalista. Ela é e será sempre uma águia. Pois tem um coração de águia. Este coração fará um dia voar às alturas.

- Não, não - insistiu o camponês. Ela virou galinha e jamais voará como a águia. Então decidiram fazer uma prova. O naturalista tomou a águia, ergueu-a bem alto e desafiando-a disse:

- Já que você de fato é uma águia, já que você pertence ao céu e não à terra, então abra suas asas e voe!

A águia pousou sobre o braço estendido do naturalista. Olhava distraidamente ao redor. Viu as galinhas lá embaixo, ciscando grãos. E pulou para junto delas.

O camponês comentou:

- Eu lhe disse, ela virou uma simples galinha!  
- Não - tornou a insistir o naturalista. Ela é uma águia. E uma águia será sempre uma águia. Vamos experimentar novamente amanhã.

No dia seguinte, o naturalista subiu com a águia no teto da casa. Sussurrou-lhe:

- Águia, já que você é uma águia, abra suas asas e voe!

Mas quando a águia viu lá embaixo as galinhas, ciscando no chão, pulou e foi para junto delas.

O camponês sorriu e voltou à carga:

- Eu lhe havia dito, ela virou galinha!



- Não – respondeu firmemente o naturalista. Ela é águia, possuirá sempre coração de águia. Vamos experimentar ainda uma última vez. Amanhã a farei voar.

No dia seguinte, o naturalista e o camponês levantaram bem cedo. Pegaram a águia, levantaram-na para fora da cidade, longe das casas dos homens, no alto de uma montanha. O sol nascente dourava os picos das montanhas.

O naturalista ergueu a águia para o alto e ordenou-lhe:

- Águia, já que você é uma águia, já que você pertence ao céu e não à terra, abra suas asas e voe!

A águia olhou ao redor. Tremia como se experimentasse nova vida. Mas não voou. Então o naturalista segurou-a firmemente, bem na direção do sol, para que seus olhos pudessem encher-se da claridade solar e a vastidão do horizonte.

Neste momento, ela abriu suas potentes asas, grasnou com o típico kau-kau das águias ergueu-se, soberana, sobre si mesma. E começou a voar, e voar para o alto, a voar cada vez mais alto. Voou... voou... até confundir-se com o azul do firmamento..."

E Aggrey terminou conclamando:

- Irmãos e irmãs, meus compatriotas! Nós fomos criados à imagem e semelhança de Deus! Mas houve pessoas que nos fizeram pensar como galinhas. Mas nós somos águias. Por isso, companheiros e companheiras, abramos as asas e voemos. Voemos como as águias. Jamais nos contentemos com os grãos que nos jogarem aos pés para ciscar.

Um povo que secularmente foi criado e doutrinado a ser subvalorizado, precisa do conhecimento para poder voar; isso porque durante séculos, tudo que lhe era mais sagrado, inclusive o sentimento religioso, era proibido.

O interessante é que isso não é somente feito na cultura e na religiosidade Banto e/ou afrobrasileira. Na Malásia, por exemplo, os cristãos são assassinados muitas vezes em locais públicos por serem conhecidos como "adoradores de imagens", uma coisa inconcebível em nossos tempos.

A questão aqui é a intolerância religiosa realizada por pessoas fundamentalistas, pois sabemos e reconhecemos o Deus do amor, da paz e do respeito entre irmãos. AXÉ!



## Origens da Umbanda

Ogan José Rodrigues Arimatéia

Em fins do século passado existiam, no Rio de Janeiro, várias modalidades de culto que denotavam, nitidamente, a origem africana, embora já bem distanciadas da crença trazida pelos escravos. A magia dos velhos africanos, transmitida oralmente, através de gerações, desvirtuara-se, mesclada com as feitiçarias providas de Portugal, onde existiram sempre os feitiços, as rezas e as superstições.

As "macumbas", mistura de catolicismo, feiticismo negro e crenças nativas - multiplicavam-se; tomou vulto a atividade remunerada do feiteiro; o "trabalho feito" passou a ordem do dia, dando motivo a outro, para lhe destruir os efeitos maléficos; generalizaram-se os "despachos", visando obter favores para uns e prejudicar terceiros; aves e animais eram sacrificados, com as mais diversas finalidades; exigiam-se objetos raros para homenagear entidades ou satisfazer elementos do baixo astral.

Formaram-se, então, as falanges de trabalhadores espirituais, que se apresentariam na forma de **Caboclos** e **Pretos Velhos**, para mais facilmente serem compreendidos pelo povo. Nas sessões espíritas, porém, não foram aceitos: identificados sob essas formas, eram considerados espíritos atrasados e suas mensagens não mereciam nem mesmo uma análise. Acercaram-se também dos Candomblés e dos cultos então denominados "baixo espiritismo", as macumbas. É provável que, nestes, como nos Batuques do Rio Grande do Sul, tenham encontrado acolhida, com a finalidade de serem aproveitados nos trabalhos de magia, como elementos novos no velho sistema de feitiçaria.

A situação permanecia inalterada, ao iniciar-se o ano de 1900. Em 15 de novembro de 1908, compareceu a uma sessão da Federação Espírita, em Niterói, então dirigida por José de Souza, um jovem de 17 anos de tradicional família fluminense. Chamava-se **ZÉLIO FERNANDINO DE MORAES**. Restabelecera-se no dia anterior de moléstia cuja origem os médicos haviam tentado, em vão, identificar. Sua recuperação inesperada por um espírito causara enorme supressa.



Nem os doutores que o assistiam, nem os tios, sacerdotes católicos, haviam encontrado explicação plausível. A família atendeu, então, à sugestão de um amigo, que se ofereceu para acompanhar o jovem Zélio à Federação.

Zélio foi convidado a participar da Mesa. Zélio sentiu-se deslocado, constrangido, em meio àqueles senhores. E causou logo um pequeno tumulto. Sem saber por que, em dado momento, ele disse: “Falta uma flor nesta casa: vou buscá-la”. E, apesar da advertência de que não poderia afastar-se, levantou-se, foi ao jardim e voltou com uma flor que colocou no centro da mesa. Serenado o ambiente e iniciados os trabalhos, manifestaram-se espíritos que se diziam de índios e escravos. O dirigente advertiu-os para que se retirassem. Nesse momento, Zélio sentiu-se dominado por uma força estranha e ouviu sua própria voz indagar por que não eram aceitas as mensagens dos negros e dos índios e se eram eles considerados atrasados apenas pela cor e pela classe social que declinavam. Essa observação suscitou quase um tumulto. Seguiu-se um diálogo acalorado, no qual os dirigentes dos trabalhos procuravam doutrinar o espírito desconhecido que se manifestava e mantinha argumentação segura. Afinal um dos videntes pediu que a entidade se identificasse, já que lhe aparecia envolta numa aura de luz.

Se quiserem um nome - respondeu Zélio inteiramente mediunizado - que seja este: eu sou o CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS, porque para mim não haverá caminhos fechados. E, prosseguindo, anunciou a missão que trazia: estabelecer as bases de um culto, no qual os espíritos de índios e escravos viriam cumprir as determinações do Astral. No dia seguinte, declarou ele, estaria na residência do médium, para fundar um templo, que simbolizasse a verdadeira igualdade que deve existir entre encarnados e desencarnados.

Levarei daqui uma semente e vou plantá-la no bairro de Neves, onde ela se transformará em árvore frondosa.

No dia seguinte, 16 de novembro de 1908, na residência da família do jovem médium, na Rua Floriano Peixoto, 30 em Neves, bairro de Niterói, a entidade manifestou-se pontualmente no horário previsto - 20 horas. Ali se encontravam quase todos os dirigentes da Federação Espírita, amigos da família, surpresos e incrédulos e grande núme-

ro de desconhecidos, que ninguém poderia dizer como haviam tomado conhecimento do ocorrido. Alguns aleijados aproximaram-se da entidade, receberam passes e, ao final da reunião, estavam curados. Foi essa uma das primeiras provas da presença de uma força superior. Nessa reunião, o CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS estabeleceu as normas do culto, cuja prática seria denominada “sessão” e se realizaria à noite, das 20 às 22 horas, para atendimento público, totalmente gratuito, passes e recuperação de obsedados. O uniforme a ser usado pelos médiuns seria todo branco, de tecido simples. Não se permitiria retribuições financeiras pelo atendimento ou pelos trabalhos realizados. Os cânticos não seriam acompanhados de atabaques nem de palmas ritmadas.

A esse novo culto, que se alicerçava nessa noite, a entidade deu o nome de UMBANDA, e declarou fundado o primeiro templo para sua prática, com a denominação de tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, porque: “assim como Maria acolhe em seus braços o Filho, a Tenda acolheria os que a ela recorressem, nas horas de aflição”.

Através de Zélio manifestou-se, nessa mesma noite, um Preto Velho, Pai Antônio, para completar as curas de enfermos iniciadas pelo Caboclo. E foi ele quem ditou este ponto, hoje cantado no Brasil inteiro: “Chegou, chegou, chegou com Deus, chegou, chegou, o Caboclo das Sete Encruzilhadas”. A partir desta data, a casa da família de Zélio tornou-se a meta de enfermos, crentes, descrentes e curiosos. Essa, portanto é a história da Umbanda mais contada e com mais veracidade nas fontes inclusive vivas até hoje, que testemunharam esse processo em alguma parte do mesmo.

É pesquisa de fácil acesso na Internet, contudo, pedimos atenção e cuidado aos que procurarem fazer suas pesquisas, e sempre busquem opinião de alguém que realmente entenda, pois uma religião nova e incompreendida como é a UMBANDA, sempre será vítima de armações, perseguições e calúnias.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

África no Brasil  
José Luiz Fiorin, Margarida Petter (orgs.)  
Editora Contexto

# Protestantismo Brasileiro

Pr. Cid Mauro Araujo de Oliveira e  
Pr. Enock Pessoa da Silva



“

Perdoe e doe como se fosse sua última oportunidade. Ame como se não houvesse amanhã, e se houver um amanhã, ame novamente.

(Max Lucado) ”

## 1. A História da Igreja e a Reforma

A origem da Igreja de Cristo, registrada na Bíblia, no Novo Testamento, está relacionada às palavras de Jesus nos Evangelhos, aos relatos de Atos dos Apóstolos e à doutrina das Epístolas. É possível também estudar seu desenvolvimento na história através de documentos e testemunhos dos seguidores de Jesus, chamados cristãos pela primeira vez no século I a. C., na cidade de Antioquia (Atos 11:26).

Essa história é uma só até o momento da Reforma. Fatores político-religiosos contribuíram para que, a partir de 31 de outubro de 1517, data-referencial, igrejas nacionais fossem criadas na Europa: os luteranos (Martinho Lutero, na Alemanha e Escandinávia); os calvinistas (igrejas reformadas na Suíça e França, com João Calvino); Ulrico Zuínglio (Suíça); Thomas Cranmer (Inglaterra, anglicanos); e John Knox (Escócia).

O desdobramento histórico dessas igrejas reformadas nacionais será responsável pelo surgimento das igrejas evangélicas que, posteriormente, espalharam-se na Europa e EUA, chegando ao Novo Mundo, no século XIX, pela influência de missionários. Doutrinariamente, as igrejas evangélicas operam uma simplificação a partir dos

fundamentos da doutrina católica da Idade Média.

Aspectos como não aceitação do governo da Igreja, configurado na doutrina do sacerdócio universal dos crentes; a Bíblia como única regra de fé e prática, interpretada independentemente a partir de cada confissão; a mediação única de Jesus Cristo, pela atuação individual da fé e da graça de Deus; a prática das ordenanças de Jesus, o batismo e a Santa Ceia, ao invés dos chamados sacramentos, tornaram-se o núcleo comum das confissões evangélicas, ocorrendo pequenas variações em outros detalhes doutrinários.

Com relação à Santa Ceia, nenhuma confissão protestante manteve a doutrina católica da transubstanciação, ou seja, de que hóstia e vinho se transformam, respectivamente, no corpo e sangue de Cristo. Presbiterianos e Metodistas (assim como luteranos e anglicanos) creem na presença real de Cristo no momento de celebração da Ceia do Senhor, enquanto que congregacionais, batistas e assembleianos tratam-na como memorial, atendo-se às palavras do próprio Jesus, “fazei isso em memória de mim” (1 Coríntios 11:24). Sobre o batismo, os dois tipos, aspersão e imersão, serão descritos relacionados a cada confissão em separado.



## 2. A Presença Protestante no Brasil

**2.1. Hans Staden (1548-1549): um exemplo de tolerância religiosa** - Começou com um armeiro alemão luterano, Hans Staden (Homberg, 1525 - Wolfhagen, 1579), que aqui esteve por duas vezes (1548-1549), lutando contra os franceses em Igaraçu (PE) e em Bertioga (São Vicente, SP). Na segunda viagem, naufragou na costa de Santa Catarina, foi recolhido por portugueses e abrigado no forte de Bertioga. Numa saída para caçar, foi aprisionado pelos tupinambás e levado para Ubatuba (SP) e Angra dos Reis (RJ). Mas, ajudando na luta contra os tupiniquins, tornou-se herói e, nove meses mais tarde, foi resgatado por um navio francês. Narrou suas histórias numa obra autobiográfica (*Dois viagens ao Brasil*), primeira e famosa descrição dos costumes indígenas daquele tempo. Staden entoava cânticos e fazia orações, compartilhando seu modelo de fé. Aceito entre os indígenas e, posteriormente libertado, é o primeiro exemplo de tolerância religiosa entre um protestante e índios no Brasil.



Staden (ao fundo, à direita) orando em meio a uma tempestade.

**2.2. Franceses na Guanabara(1555-1557): o primeiro culto e a primeira Confissão de Fé protestante** - O segundo registro de presença protestante (Igreja Francesa Reformada) no Brasil foi quando franceses tentaram implantar o que, historicamente, ficou conhecido como a *França Antártica*.

**Nicolau Durand de Villegaignon (1510-1571), o líder da invasão:** Secretamente, praticava escambo com os índios (Cabo Frio, RJ), em 1554. Informou-se sobre como instalar uma feitoria 200

km ao sul, na baía de Guanabara. Retornando à França, convenceu o rei Henrique III a montar uma base no Brasil. Conseguiu financiamento dos armeiros de Dieppe, convocou presidiários do Norte da França e, com o ministro protestante Gaspar de Coligny, indicado pelo rei, iniciou, no final de 1554, a preparação para a expedição.

**A expedição invasora e seus interesses:** Partindo a 14 de agosto, passaram por Búzios em 31 de outubro e chegaram ao Rio de Janeiro, na altura da praia do Flamengo, entre o rio Carioca e o Outeiro da glória, em 10 de novembro de 1555. Instalaram-se na Ilha de Serigipe (hoje Villegaignon), onde construíram o Forte Coligny, em homenagem ao ministro, o qual pretendia fosse o Brasil refúgio para protestantes franceses (huguenotes), por causa da guerra religiosa na França. De Genebra, cidade de Calvino, solicitou um grupo de calvinistas para preparar a vinda dos huguenotes, os quais chegaram em 7 de março de 1557.

**O primeiro culto protestante, a primeira Confissão de Fé e os primeiros mártires:** Os calvinistas vieram com os pastores Pierre Richier e Guillaume Cartier, oficiantes do primeiro culto protestante e da primeira Santa Ceia no Brasil, em 10 de março 1557. Villegaignon, porém, não se constituiu em exemplo de tolerância, porque trocava da confissão católica para a protestante e vice-versa, prejudicando até mesmo os interesses políticos da França. Findou por ordenar o enforcamento, em 9 de fevereiro de 1558, de Jean du Bourdel, Matthieu Verneuil, Pierre Bourdon e André La Fon, os primeiros mártires protestantes do Brasil. Ainda no cárcere, haviam escrito os 17 artigos da primeira Confissão de Fé protestante das Américas (Confessio Fluminensis), conhecida como "Confissão de Fé da Guanabara". O pastor Richier, em 1561, apelidou Villegaignon de "Caim das Américas".

**2.3. Franceses no Maranhão (1612-1615): exemplo de tolerância entre católicos e protestantes** - Voltaram a ocupar terras no Brasil, no século XVII. Em março de 1612, partiram do porto de Cancale, na Bretanha, comandados por Daniel de La Touche, Senhor de La Ravardière, pretendendo fundar, desta vez, a França Equinocial.

### **A fundação de São Luís do Maranhão:**

Chegando a 26 de julho de 1612, na costa norte do Maranhão, com quinhentos colonos em três navios, “Régente”, “Charlotte” e “Saint-Anne”, fundaram na ilha um povoado e um forte denominados “Saint Louis” (atual São Luís, MA), em homenagem ao rei Luís XIII de França (1610-1643).

**Católicos e protestantes na mesma expedição:** No dia 8 de setembro de 1612, frades capuchinhos rezaram a primeira missa e os colonos começaram a construir o forte. O rico Barão de Molle e Gros-Bois, Senhor de Sancy (católico), assim como François de Rasily, Senhor de Aunelles e Rasily (protestante), haviam financiado a armação dos navios. Por isso, além de religiosos capuchinhos, também havia na expedição um núcleo de pastores huguenotes.

### **O Editto de Nantes e a tolerância religiosa:**

Prevaleceu a liberdade religiosa, porque o Editto de Nantes, assinado em 1598 por Henrique IV, da França, estipulava a confissão católica como a religião oficial do Estado, mas oferecia aos calvinistas franceses a liberdade de praticar o seu próprio culto. Bom exemplo de tolerância, proporcionando uma relação harmoniosa entre católicos e protestantes. Estes se limitaram a reuniões domésticas e a uma devoção mais restrita, enquanto que, liderada pelos capuchinhos, a presença católica se tornou mais significativa. Pouco tempo ficaram os franceses no Maranhão, até a Batalha de Guaxenduba, em 19 de novembro de 1613. As marcas da presença protestante se perderam.

### **2.4. Holandeses no Nordeste (1624-1654):**

**tolerância religiosa, a primeira sinagoga erguida no Brasil e identidade negra** - Os holandeses, inimigos dos espanhóis, ocuparam o Nordeste já em 1580, porque, na Europa, Portugal foi anexado pela Espanha. Então, invadindo o Brasil, colônia portuguesa, eles tentavam também se emancipar dos espanhóis. O comércio marítimo de açúcar no Brasil foi bloqueado por Felipe II da Espanha. Por isso, os holandeses fundaram a Companhia das Índias Ocidentais (1621), monopolizando, pelos 24 anos seguintes, o comércio de escravos na costa brasileira.

### **1ª tentativa:**

A primeira expedição partiu de Roterdã, em 13 de setembro de 1598, capitaneada por Oliver Van Nort, (4 navios e 248 homens). Impedida de invadir o Brasil por indígenas e pela artilharia do Forte de Santa Cruz da Barra, na Guanabara, praticou pilhagens no Peru e Chile, foi atacada por indígenas da Patagônia e acredita-se que descobriu a Antártida. Retornou, também penalizada pelo escorbuto, a 26 de agosto de 1601, com 1 navio e 45 homens;

### **2ª tentativa:**

Esta expedição chegou a Cabo Frio e Ilha Grande, RJ (1614 e 1618), capitaneada por Joris van Spielbergen, mas também foi repelida em São Vicente, Santos, pelos portugueses, em 3 de fevereiro de 1615;

### **3ª tentativa:**

A referida Companhia, então, enviou uma esquadra com 1700 soldados, comandada por Jacob Willekens que, em 24 de maio de 1624, conquistou Salvador. O governador Diogo Mendonça de Furtado foi deportado para os Países Baixos (Holanda), em seu lugar assumindo Johan van Dorth. Os espanhóis reagiram com 50 navios sob o comando de Fadrique de Toledo Osório, que expulsou os holandeses da Bahia em 1º de maio de 1625;

### **4ª tentativa:**

Retornaram 64 navios e 3800 homens, em 1630, invadindo o Recife, conquistando Olinda, PE. Foi então que a Igreja Reformada Holandesa fundou 22 paróquias no Nordeste, a maior em Recife, com congregações específicas para ingleses e franceses. Cerca de 50 pastores (‘predicantes’) e auxiliares (‘proponentes’) trabalhavam, com os demais servidores: os ‘consoladores dos enfermos’ e os professores das escolas paroquiais. Pretendiam ordenar ministros indígenas e traduzir a Bíblia para a língua tupi, assim como evangelizar portugueses, escravos e indígenas.

## João Maurício de Nassau-Siegen:

**Católicos, protestantes, judeus, negros e indígenas** - Governador holandês designado por 5 anos para as províncias ocupadas no Nordeste, foi exemplo de tolerância, abrindo a confissão religiosa a franceses, ingleses e holandeses. Respeitava as religiões de escravos e indígenas, em diálogo com eles, mesmo numa aproximação evangelizadora. Data desse período a edificação, em Recife, da primeira sinagoga no Brasil. A resistência resultou na expulsão dos holandeses, em 26 de janeiro de 1654 reunindo, pela primeira vez, europeus (portugueses), indígenas e escravos, despertando o sentimento de nacionalidade e proporcionando aos negros o reforço de sua identidade, pela criação do Quilombo dos Palmares. Os traços do protestantismo praticamente desapareceram.

**2.5. Chegada da Família Real - D. João VI (1808): abertura a imigrantes europeus** - Do final do século XVII até início do XIX não houve presença protestante com registro notável. A Família Real Portuguesa, em 1808, fugindo da Europa por causa da invasão de Portugal por Napoleão, abriu os portos brasileiros às nações e houve oportunidade para que protestantes anglo-saxões se instalassem no Brasil. O Tratado de Comércio e Navegação com a Inglaterra, em 1810, incluiu, com restrições, a celebração de cultos e, a partir de 1830, as igrejas protestantes norte-americanas passaram a se interessar pela divulgação, em terras brasileiras, de seu modelo de fé e práticas religiosas.

## 3. Criação de missões estrangeiras de evangelização para a América Latina:

A *American Board of Commissioners for Foreign Missions*, em 1810, entre outras, contribuiu para que, na virada do século XIX, fossem abertas missões em toda a América Latina. Nesse contexto, destaca-se o trabalho das Sociedades Bíblicas estrangeiras, difundindo as Escrituras, especificamente no Brasil, com o trabalho de Daniel P. Kidder, metodista, e J. C. Fletcher, presbiteriano.



### 3.1. Pastores metodistas das Sociedades Bíblicas ajudam na fundação da primeira Escola Dominical no Brasil

- Daniel Kidder escreveu *Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil*, registrando aspectos culturais da Amazônia e Sul. O missionário congregacional Robert Reid Kalley, além de ler o livro de Kidder, recebeu uma carta de Fletcher, que pregava como capelão para marinheiros de navios estrangeiros, no porto do Rio de Janeiro, incluídos aqueles envolvidos na corrida do ouro no Oeste americano. Kalley foi o primeiro a fundar uma igreja protestante permanente no Brasil, começando com a Primeira Escola Dominical, em Petrópolis, RJ, a partir de 19 de agosto de 1855.

### 4. Como entender os diferentes ramos dos evangélicos:

Há duas classificações genéricas para o protestantismo que se instalou no Brasil no início do século XIX: o **protestantismo de imigração**: estrangeiros atraídos por D. Pedro II para substituir mão-de-obra escrava se reuniam em locais onde celebravam cultos em sua língua de origem, mas não comunicavam sua fé aos brasileiros; e o **protestantismo de missão**: missionários que vieram para o Brasil, especificamente com o objetivo de transmitir sua fé aos brasileiros, na língua nativa do país.

### 4.1. Os primeiros imigrantes e os cultos em alemão

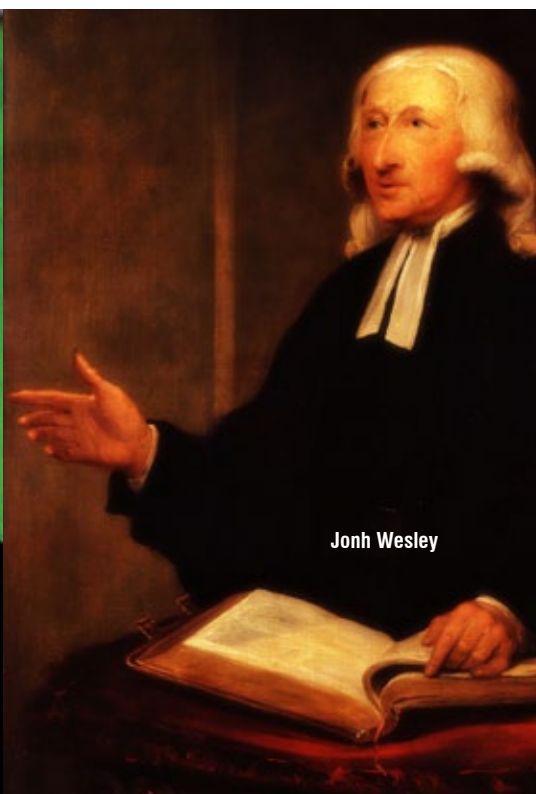
- Os alemães são os pioneiros do *protestantismo de imigração* no Brasil, com comunidades permanentes (1824) em Nova Friburgo, RJ, com 334 irmãos liderados pelo pastor Friedrich O. Sauerbronn, e mais 43 imigrantes no Rio dos Sinos, RS, uma comunidade a que chamaram São Leopoldo, em homenagem à Imperatriz Leopoldina. No Rio de Janeiro, o primeiro culto público foi em 21 de maio de 1827, na Rua Matacavalos (hoje Riachuelo). Depois, espalharam-se por São Paulo, Santa Catarina, Espírito Santo e Sul de Minas Gerais, organizando sínodos que se uniram em 1938. Em 1949, formaram uma Federação de Sínodos e, obtendo sua independência da Igreja Evangélica Alemã em 1955, fundaram a Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (IECLB). São cerca de 1.100.000 no Brasil (2002).

### 4.2. Os cultos em língua inglesa e o primeiro templo protestante erguido no Brasil

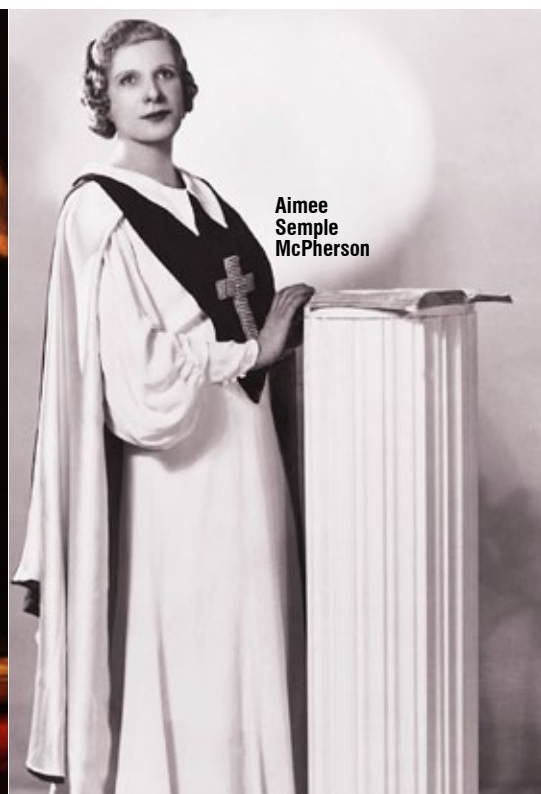
- Os anglicanos são considerados os primeiros a construir um templo protestante na América Latina, no Rio de Janeiro, em 1819, na Rua Barbonos (hoje Evaristo da Veiga). Antes se reuniam apenas em casas ou nos navios. Somente em 1860, Richard Holden, em Belém e, posteriormente, em Salvador, tentou implantar uma igreja para brasileiros. Em 1º de junho de 1890, no Domingo da Trindade, James Watson Morris e Lucien Lee Kinsolving realizaram o primeiro culto, em Porto Alegre, na Rua Voluntários da Pátria 387, numa casa alugada, a



Martinho Lutero



Jonh Wesley



Aimee  
Semple  
McPherson

que chamaram Casa da Missão. Começava a atual Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. São cerca de 150.000 membros.

## 5. Protestantismo de missão:

**Evangelização em língua portuguesa** - Ao ser implantado, encontrou condições favoráveis no país e fora dele, devido à atividade das entidades missionárias estrangeiras. Antes de Kalley, esteve no Brasil, em 1835, o metodista Fountain E. Pitts, do *Board of Missions*, da Igreja Metodista dos Estados Unidos, reunindo-se em casas. Em 1836, chegou Justus Spalding, que organizou uma igreja metodista com 40 pessoas, todos estrangeiros. Em 1837, o já citado colportor (distribuidor e vendedor de Bíblias) Daniel Kidder ajudou os metodistas, mas as atividades se encerraram em 1842.

### 5.1. Como entender as diferentes denominações evangélicas:

**Ramos de origem direta na Reforma Protestante:** **anglicanos**, em 1890 (ingleses, também incluídos os episcopais e os metodistas americanos) e **luteranos**, em 1824 (Igreja Evangélica de Confissão Luterana, ligada aos EUA; e a Igreja Luterana do Brasil, ligada à Alemanha);

**Ramos influenciados pela Reforma Protestante:** **congregacionais**, em 1855; **presbiterianos**, em 1859; **metodistas**, em 1866; e **baptistas**, em 1882;

**Ramos Pentecostais Clássicos:** **Congregação Cristã no Brasil**, em 1910; **Assembléia de Deus**, em 1911;

**Ramos Pentecostais Autônomos:** **Igreja do Evangelho Quadrangular**, 1951; **Igreja Evangélica “O Brasil para Cristo”**, 1955; **Igreja Deus é amor**, 1962; **Casa da Bênção**, em 1964, entre outras, bem como grupos provenientes de subdivisões das denominações históricas: **Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais** (1967, Congregacionais), **Igreja Batista Nacional** (1966, batistas), **Igreja Metodista Wesleyana** (1967, metodistas); **Igreja Presbiteriana Renovada** (1972, presbiterianos) e **Igreja Cristã Maranata** (1968).

**Ramo Neopentecostal:** Inicia-se com a Igreja de Nova Vida, do bispo canadense Robert McAlister (1960); Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, fundada pelo pastor Rodovalho (GO, 1976); Igreja Universal do Reino de Deus, no Rio de Janeiro, pelo bispo Edir Macedo (1977); Comunidade da Graça (SP, 1979); Igreja Internacional da Graça de Deus, no Rio de Janeiro, pelo missionário Romildo R. Soares (1980); Igreja Evangélica Cristo Vive, pelo apóstolo Miguel Ângelo (RJ, 1986); Igreja Renascer em Cristo, pelo casal apóstolo Estevão e bispa Sonia Hernandes (SP, 1986); Igreja Mundial do Poder de Deus, do apóstolo Valdemiro Santiago. As ênfases doutrinárias são, de um modo geral, exposição maciça na mídia, cura divina, exorcismo, teologia da prosperidade.



Daniel Berg  
e Gunnar Vingren

## 6. Chegada das diferentes confissões ao Brasil e ao Acre.

Os pontos doutrinários fundamentais são os mesmos para todos os grupos, com ênfase na conversão a Jesus, apenas variando alguns aspectos que, de modo muito breve, serão indicados abaixo.

### 6.1. CONGREGACIONAIS

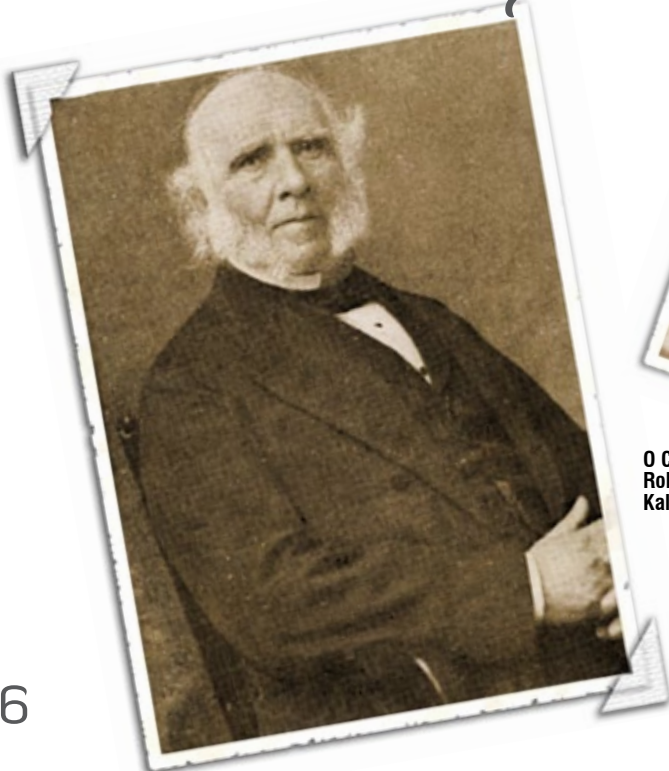
#### Missionário pioneiro:

**Robert Reid Kalley (1809-1888)**, médico escocês ateu, passou a ler a Bíblia e aceitou o evangelho pelo testemunho cristão de uma idosa enferma e por correspondências com sua irmã mais velha, Mary Kay, filha de seu pai adotivo. Casou-se com Margareth Crawford e pretendia ser missionário na China, mas ela adoeceu. Então o casal foi (1838 a 1846) para a Ilha da Madeira, instância benéfica para a saúde. Kalley iniciou um trabalho de assistência aos ilhéus, alfabetizando-os por meio da Bíblia, clinicando e pregando sua fé. Numa viagem pela Palestina, em janeiro de 1852, faleceu Margareth e, em 14 de dezembro do mesmo ano, Kalley se casou com Sarah Poulton, que se tornou parceira na vinda do casal para o Brasil, chegando em 10 de maio de 1855.

#### Início do trabalho no Brasil:

Kalley, registrado como médico no Rio de Janeiro, foi morar em Petrópolis: o casal iniciou a primeira Escola Dominical em 19 de agosto de 1855, celebraram a primeira Santa Ceia em 10 de agosto de 1856 e, em 11 de julho de 1858, com o batismo de Pedro Nolasco de Andrade, o primeiro congregacional brasileiro, fundaram a Igreja Evangélica Fluminense (Rua Camerino 102, RJ), a mais antiga no Brasil, com organização sem interrupção. Foram ajudados pelos refugiados madeirenses Francisco da Gama, Francisco Jardim, Manoel Fernandes e suas respectivas esposas, além de Willian Pitt, ex-aluno de Sarah na Escola Dominical, ainda na Inglaterra. Outras igrejas: Niterói, RJ (1863), Recife, PE (1873), Passa Três, RJ (1891) e Caruaru, PE (1898). O casal deixou impresso, a partir de 1861, a coletânea Salmos & Hinos, o hinário evangélico mais antigo. São cerca de 150.000 no Brasil (2000), publicam o jornal O Cristão, desde 20 de janeiro de 1892, fundaram o Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro (1914) e do Nordeste (1926) e um orfanato em Pedra de Guaratiba, RJ, (1919).

## O casal Robert e Sarah Kalley.



O Casal Missionário  
Robert e Sarah  
Kalley

### Regime de governo das Igrejas:

*Congregacional* (de *grei*, congregação) é o tipo de governo das igrejas, que são autônomas, escolhendo por eleição sua liderança e o próprio pastor que, com dois tipos de auxiliares, os *presbíteros* (orientação doutrinária, aconselhamento, disciplina dos membros) e *diáconos* (assistência social), são chamados *oficiais da igreja*. A liderança cabe ao pastor, mas todo poder de decisão cabe à Assembléia de Membros, sendo o pastor seu presidente, mas sem direito a voto. As igrejas se reúnem em Associações Regionais que, por sua vez, se agrupam como União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil (UIECB), com sede no Rio de Janeiro, uma fraternidade de igrejas que não exerce poder deliberativo sobre as comunidades locais.

### Tipo de batismo e principais doutrinas:

*Aspersão*, ou seja, derramamento de água sobre a cabeça em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Mateus 28:18-20). As doutrinas seguem o núcleo fundamental dos outros grupos protestantes, destacando-se a salvação pela graça de Deus e fé no nome de Jesus (Efésios 2:8-9), único mediador entre Deus e os homens (1 Timóteo 2:5-6). Não acreditam na perda da salvação (João 10:27-28), dão ênfase ao fruto do Espírito Santo (Gl 5:22-23), bem como aceitam todos os dons (1 Coríntios 12:1-11), crendo no batismo do Espírito Santo desde o momento da conversão (Atos 2:38).

### Chegada ao Acre:

Em 1983, o casal Nelson e Josilene Rosa, recém casados e residentes no Recife, PE, onde estudaram no Seminário Teológico Congregacional do Nordeste, recebeu um convite do pastor Antonio Limeira Neto, presidente do Departamento de Missões da UIECB, para trabalhar no Acre. Chegaram a Rio Branco em 1984, começando no bairro do Bosque, reunindo-se na residência do casal e no Colégio Samuel Barreira. Posteriormente, conseguiram dois lotes no Tancredo Neves: residiam num e, ao lado, construíram um templo de madeira, onde se reuniam, na maioria, crianças e adolescentes. Atualmente há duas igrejas organizadas: uma no bairro Mauro Bitar (2009) e outra no Residencial Iolanda (1998), além de outras três congregações.

## 6.2. PRESBITERIANOS

### Missionário pioneiro:

Próxima à chegada de Kalley (1855), foi a de **Ashbel Green Simonton**, da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, em 12 de agosto de 1859. Companheiros no Rio de Janeiro, Simonton também trabalhou no interior de São Paulo. Serafim Pinto Ribeiro foi o primeiro brasileiro presbiteriano a ser batizado, em 12 de janeiro de 1862, na fundação da Igreja Presbiteriana da Travessa da Barreira, no Rio de Janeiro. Esteve presente João Manoel Gonçalves dos Santos, o primeiro pastor congregacional brasileiro, substituto de Kalley.

Ashbel Green Simonton



### Início do trabalho no Brasil:

Auxiliaram Simonton os pastores Alexander L. Blackford, que chegou em 24 de julho de 1860, e F. J. C. Schneider, em 1861. Blackford, em 5 de março de 1865, organizou a primeira igreja presbiteriana em São Paulo, a segunda no Brasil. João Manoel da Conceição, pregador itinerante no interior do Rio de Janeiro, São Paulo e sul de Minas, foi o primeiro pastor presbiteriano brasileiro. Fundou a terceira igreja presbiteriana no Brasil, em Brotas, SP, em 13 de novembro de 1865. São cerca de 1.000.000 no Brasil (2000). Editam o jornal *O Estandarte*, desde 7 de janeiro de 1893. Fundaram, em 1870, com George e Mary Chamberlain, a Escola Americana, SP, que, mais tarde, tornou-se Universidade Mackenzie. Administram o Instituto Presbiteriano Álvaro Reis de Assistência à Criança e ao Adolescente, (IMPAR, 1910, RJ).

Catedral Presbiteriana, RJ - atualmente

### Regime de governo das igrejas:

São de governo representativo e as igrejas locais formam, em conjunto, a Igreja Presbiteriana do Brasil, baseadas numa ordem crescente de conselhos. O governo de cada comunidade é exercido por um *conselho local*, formado pelo *ministro docente* (pastor) e *ministros leigos* (presbíteros), sendo estes últimos eleitos. Envia representantes ao Presbitério Regional que, administrativamente, reúne determinado número de igrejas. Esses presbitérios reportam-se a um Sínodo, de abrangência maior. O Supremo Concílio reúne os diversos Sínodos na assembléia geral, a qual tem poder deliberativo sobre os demais conselhos.

### Tipo de batismo e principais doutrinas:

*Aspersão*, incluindo recém-nascidos (*pedobatismo*) relacionando, simbolicamente, a *circuncisão* (Gênesis 21:4), à *conversão* (Romanos 4:10-11 e Colossenses 2:11-12). A criança será acolhida pela comunidade até que tenha maturi-



dade para compreender sua fé. São calvinistas e, em sua *eclesiologia* (doutrina da igreja) enfatizam a *igreja visível* como *comunidade santa*, de valor educativo na formação da sociedade. São quatro os ofícios: pastor, mestre, presbíteros e diáconos. A função do pastor é ensinar, pregar, governar e disciplinar e, por isso, deve ter profundo conhecimento bíblico. Aceitam a predestinação, relacionada à redenção do homem, como absoluta (independente do designio humano), particular (aplicada a cada indivíduo) e dupla (justiça e misericórdia de Deus, agindo conjuntamente, apontam, respectivamente, para a salvação ou para a condenação).

### **Chegada ao Acre:**

Em 1916, com o pastor José Duarte (Sena Madureira), o qual percorreu Iaco, Purus e Caetés. Antes de ir para o Rio de Janeiro, também trabalhou em Rio Branco, com um grupo que se desdobrou em dois: o primeiro passou a reunir-se com missionários de origem inglesa, na Rua Marechal Deodoro, no terreno da atual Igreja Batista Regular, a primeira igreja batista organizada em Rio Branco (1945). O segundo, a partir de 1971, com ajuda do missionário Robert Camenish, reunia-se no terreno do Colégio João Calvino, na Av. Ceará, e organizaram as igrejas da Floresta e Aviário, além de outras em Senador Guiomard, Sena Madureira e Cruzeiro do Sul.

## **6.3. BATISTAS**

### **Missionário pioneiro:**

O começo está relacionado, no Sul, à chegada de imigrantes a Santa Bárbara d'Oeste, SP, em 1867, originários da Guerra de Secessão (EUA), os quais organizaram, provavelmente com o **Pastor Richard Ratcliff**, uma igreja batista somente de norte-americanos, em 10 de setembro de 1871, trabalho relacionado à *Southern Baptist Convention*, dos EUA.



Pastor Richard Ratcliff

### **Início do trabalho no Brasil:**

A **Junta Missionária de Richmond**, a pedido desses colonos enviou, em 1882, o missionário **Willian Buck Bagby** e esposa, **Anne Luther Bagby**, os quais congregavam com eles e aprenderam o português. Deslocaram-se para a Bahia onde, com Zacarias Taylor e sua esposa Katarin Taylor, juntamente com o primeiro pastor batista brasileiro, Antonio Teixeira de Albuquerque fundaram a primeira igreja batista no Brasil, em 15 de outubro de 1882. Expandiram-se pelo Norte e Nordeste, chegando ao Rio de Janeiro (1884) e a São Paulo (1899). São cerca de 3.200.000 no Brasil (2000). Editam *O Jornal Batista* desde 1901 e administram várias faculdades teológicas no Brasil, como o Seminário Teológico Batista do Norte (1902), Recife, PE, e do Sul (1908), RJ. Administram, entre outros: Orfanato Batista Fluminense (1946, RJ) e Lar Batista David Gomes (Barreiras, BA, 1966).

### Regime de governo das igrejas:

São comunidades autônomas, de regime congregacional, nas quais o pastor é o líder, mas o poder deliberativo reside na assembléia de membros (*Culto Administrativo*) onde, periodicamente, tomam suas decisões. O eventual substituto do pastor é o vice-presidente da igreja e somente possuem diáconos como auxiliares (Atos 6:1-6), considerando presbíteros, bispos e pastores nomes distintos para o mesmo ofício. A liderança da igreja é eleita pela assembléia deliberativa. As igrejas locais reúnem-se em Associações que, por sua vez, reúnem-se em Convenções Estaduais que, em conjunto, formam a Convenção Batista Brasileira, que não exerce autoridade sobre a comunidade local, mas apenas constitui-se numa fraternidade de igrejas.

### Tipo de batismo e principais doutrinas:

*Imersão*, mergulhando o batizando uma vez na água, com a mesma fórmula trinitária de Mateus 28:18-20. O nome *batista* refere-se à prática histórica de considerar o batismo por aspersão impróprio, baseando-se no sentido grego da palavra 'batizar' (imersão, João 3:23 e Atos 8:36-39), representando o morrer/ressuscitar em Cristo (Romanos 6:4). São muito semelhantes aos congregacionais, com relação aos mesmos pontos doutrinários fundamentais, exceto no fato de somente possuir diáconos como auxiliares dos pastores e, na forma de batismo, rejeitar o modelo aspersionista.

### Chegada ao Acre:

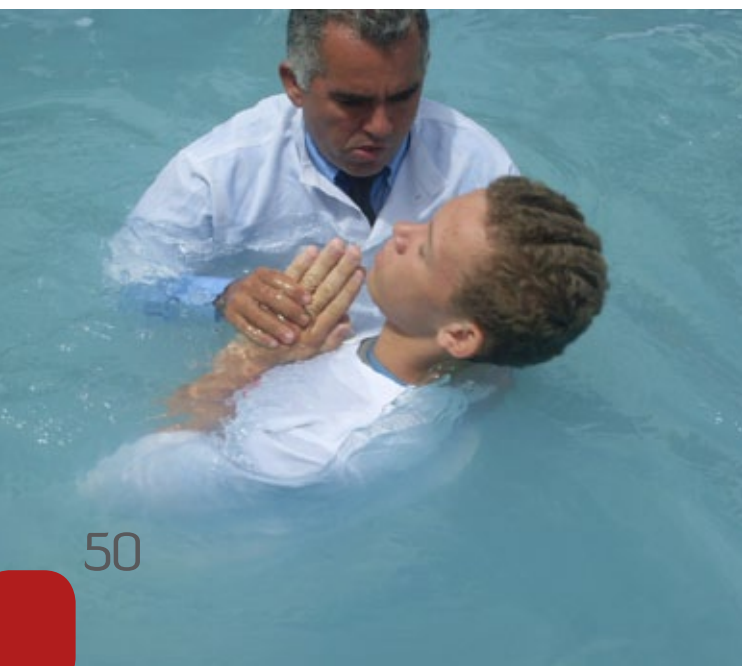
O baiano Crispiniano José da Silva, em 14 de março de 1903, instalou uma igreja no Seringal Porangaba, de Arnaldo Machado Vieira, no Rio Iaco (Sena Madureira), ficando até 1909. Entre 1926 e 1964, Joseph Brandon (EUA) fundou o trabalho em Cruzeiro do Sul, Alto Juruá, utilizando o barco *O Peregrino* para evangelizar ribeirinhos. Auxiliado por Julio e Pedro Braga, fundaram a Primeira Igreja Batista de Cruzeiro do Sul, em 12 de maio de 1929. A congregação que resultou na Igreja Batista do Bosque, a mais antiga da cidade, iniciou-se em 26 de junho de 1959 e a emancipação se deu em 15 de fevereiro de 1960, num templo provisório da Av. Getúlio Vargas s/nº. Outros grupos foram os Batistas Regulares, em 1940, os Batistas Independentes e a Igreja Batista Renovada, em 1980. A Convenção Batista Acreana iniciou suas atividades em Rio Branco em 1960

## 6.4. METODISTAS

### Missionário pioneiro:

Após as tentativas de Foutain e Spalding (1836-1842), o pastor Junius Estaham Newman foi residir em Piracicaba, SP em maio de 1879. Missionário da Junta de Missões dos metodistas dos EUA e capelão de soldados sulistas na Guerra de Secessão (1861-1865) acompanhou o grupo que formou uma colônia em Santa Bárbara d'Oeste, SP, em 1867. Chegou a Niterói, RJ, em agosto desse mesmo ano, mudando-se para Sal-

Batismo por imersão



Batismo de recém-nascido ou pedobatismo



tinho, próximo à colônia onde, a partir de abril de 1869, organizou uma pequena congregação: pregava em inglês para batistas, metodistas e presbiterianos.

### Início do trabalho no Brasil:

Atendendo apelos da colônia de Santa Bárbara, a Junta de Missões da Igreja Metodista Episcopal Sul (EUA) enviou **John James Ransom**, primeiro pastor oficialmente designado para o Brasil, que chegou em 2 de fevereiro de 1876. Estudou português em Campinas, SP, foi para o Rio de Janeiro em 13 de janeiro de 1878 e inaugurou a primeira igreja no bairro do Catete, em setembro de 1882. A Igreja no Brasil tornou-se independente da americana em 2 de setembro de 1930, com a organização da Igreja Metodista Central de São Paulo. Foi eleito primeiro bispo o americano Willian Tarboux, sendo César Dacorso Filho, escolhido em 1934, o primeiro bispo brasileiro. São cerca de 350.000 no Brasil (2000). Editam o jornal *O Expositor Cristão*, fundado por Ransom em 1º de janeiro de 1886. As filhas de Newman, Annie e Mary, fundaram em Piracicaba, SP, o *Colégio Newman* (1879-1880), precursor da Universidade Metodista de Piracicaba. Também fundaram o Instituto Metodista de Ensino Superior, SP, (1938) e o Instituto Metodista Bennett, RJ, (1888). Administram o Instituto Metodista Ana Gonzaga (1932, RJ), entre outros: Associação Metodista de Assistência Social (Itaquera, SP), Associação Metodista de Ação Social (AMA, Niterói, RJ) e o Lar Pedacinho do Céu (Barra Mansa, RJ).



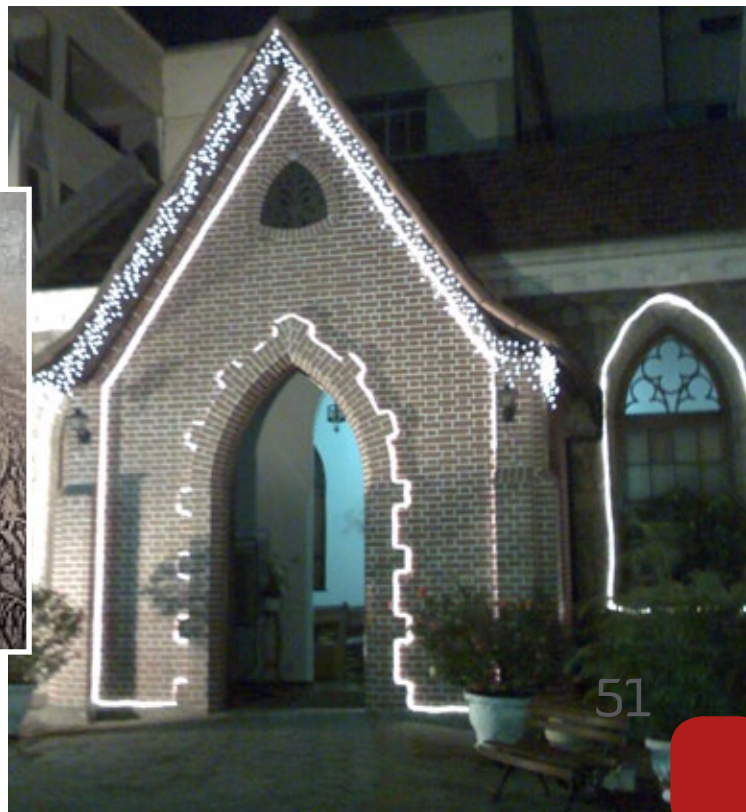
Capela do Catete, em 1882 e 2007

### Regime de governo das igrejas:

Mantendo a tradição de sua origem nos EUA, adotam o sistema episcopal representativo. Trata-se de um regime hierarquizado, baseado na figura do bispo, o qual administra uma região eclesial, a quem estão subordinados os pastores de um grupo de igrejas locais. Os bispos formam, em seu conjunto, Concílios Regionais, para uma determinada região de igrejas, os quais estão subordinados ao Concílio Geral. Atualmente, têm operado uma redistribuição de responsabilidades em seu modelo de governo, conferindo aos concílios locais, formados pela liderança das igrejas, maior capacidade de decisão podendo, por exemplo, eleger seus pastores locais, os quais podem ter, com autorização dos bispos, prorrogado seu tempo de permanência na igreja. Foi a primeira denominação evangélica no Brasil a admitir mulheres como pastoras.

### Tipo de batismo e principais doutrinas:

*Aspersão*, também batizando recém-nascidos, baseados na idéia agostiniana de seu fundador, John Wesley, da *graça preveniente* (exercida por Deus indistintamente desde o nascimento). Porém tem efeito simbólico, significando que a criança será acolhida pela comunidade e terá confirmada sua confissão na maturidade. **John Wesley (1703-1791)** foi um pregador avivalista



inglês que liderou um *movimento de santidade* e enfatizava a experiência pessoal de conversão a Jesus (Colossenses 2:5 e 3:1-4), que se constitui na ênfase doutrinária comum a todos os grupos do protestantismo de missão. Os metodistas são *arminianos* como os assembleianos, ou seja, diferentemente dos calvinistas, não aceitam a predestinação, mas o exercício do livre arbítrio na aceitação ou rejeição da graça de Deus, não descartada a possibilidade da perda da salvação, caso o fiel caia em apostasia (abandono da fé). É a primeira igreja do protestantismo de missão a oficialmente declarar-se ecumênica.

### **Chegada ao Acre:**

Em setembro de 1978 realizaram o 1º Encontro de Obreiros Metodistas da Amazônia Ocidental, dirigido pelo bispo Sady Machado da Silva. Alunos da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, de São Bernardo do Campo, SP, além de incentivar a criação de uma faculdade de teologia em Porto Velho, estagiaram em Rio Branco, AC, no trabalho recém fundado em 27 de agosto de 1977, resultado do encontro de três mulheres: Ione Calil, de Ribeirão Preto, SP, e Nise Ester, de Juiz de Fora, MG, que, hospedadas a trabalho em Rio Branco, encontraram-se casualmente num hotel. Mais tarde foram ajudadas por Maria das Graças, de Porto Velho, RO, quando iniciaram na Rua Honório Alves das Neves 118, no Bairro 15, com 19 pessoas, as reuniões que resultaram na atual igreja, na Av. Nações Unidas 2428, Estação Experimental.

## **6.5. ASSEMBLÉIA DE DEUS**

### **Missionários Pioneiros:**

Os missionários suecos **Gunnar Vingren**, 24 anos, e **Daniel Berg**, 18 anos, chegados aos EUA, respectivamente em 1902 e 1903, participaram do famoso avivamento da Rua Azuza, em 1906. Vingren havia estudado teologia em seu país e pastoreava uma igreja em Michingan. Daniel trabalhava numa quitanda em Chicago. Houve uma conferência evangelística em Chicago, na qual Vingren experimentou o batismo no Espírito Santo. Não mais adaptado entre os outros crentes, passou a pastorear em South Bend, onde Olof Uldin profetizou que ele seria missionário além mar. Encontrando Daniel, que também vinha sendo ad-

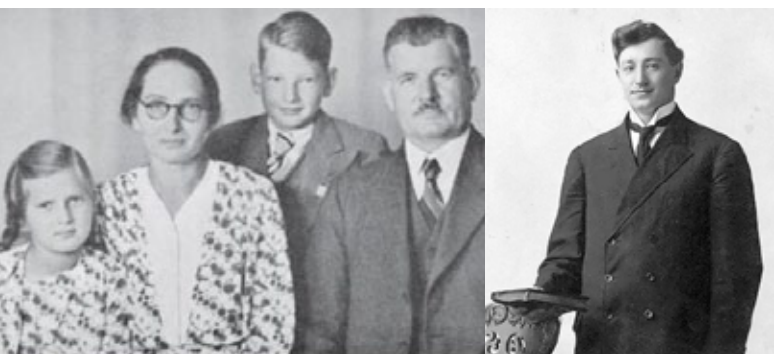
vertido pelo Espírito, obtiveram certeza de ir para o Pará, no Brasil. Em 5 de novembro entraram no navio Clement, no porto de Nova York, e chegaram a 19 de novembro de 1910, com pouco dinheiro (90 dólares).

### **Início do trabalho no Brasil:**

Em 18 de junho de 1911 fundaram a Missão de Fé Apostólica (mesmo nome dado por Willian Joseph Seymour à igreja da Rua Azuza), ocasião em que a irmã Celina Albuquerque, como Gunnar Vingren anteriormente, recebeu o batismo no Espírito Santo. É considerada a primeira mulher a ter essa experiência no Brasil, assim como, mais tarde, Manoel Francisco Dubu. Em 18 de janeiro de 1918, Vingren sugeriu o nome *Assembléia de Deus*, inaugurando, em 1926, o primeiro templo em Belém. São cerca de 8.500.000 no Brasil (2000). Editam o jornal *Mensageiro da Paz* (1929) que, para ser legalizado por decreto de Getúlio Vargas, deu origem (1940) à Casa Publicadora das Assembléias de Deus, RJ, uma das maiores editoras evangélicas do Brasil. Possuem também dois seminários: a Escola de Educação Teológica das Assembléias de Deus (EETAD) e a Faculdade de mesmo nome (FAETAD). Administram, entre outros: Orfanato Assembleia de Deus (Feira de Santana, BA) e Orfanato em Balneário (São Pedro de Aldeia, RJ).

### **Regime do governo das igrejas:**

A igreja-mãe e demais filiadas formam uma unidade administrativa, *Ministério* ou *Área*, incluídas congregações, subcongregações e pontos de pregação. Praticam um sistema misto episcopal/congregacional, no qual os membros da igreja referendam os assuntos previamente discutidos numa reunião de pastores com a liderança local. O pastor-presidente é líder do ministério regional que, reunidos formam uma convenção estadual e, no conjunto, a Convenção Geral das Assembléias de Deus do Brasil. Em 1989, um grupo de pastores do Ministério de Madureira, RJ, teve oficializado seu desmembramento e passou a formar uma convenção em separado, conhecida como Assembléia de Deus – Ministério de Madureira.



Daniel Berg e família (cerca de 1940) e Gunnar Vingren

### Tipo de batismo e principais doutrinas:

*Imersão*, pelas mesmas razões que os batistas, e acreditam na experiência do batismo no Espírito Santo, com evidência do dom de línguas (Atos 1:5; 2:4; 10:44-46; e 19:1-7). Com acentuado vigor evangelístico e ardor missionário, é o grupo evangélico que mais cresceu numericamente no Brasil. A liderança é exercida por pastores, evangelistas e presbíteros, os quais formam o ministério local, e diáconos, estritamente relacionados ao suporte logístico da igreja. Um de seus ministérios mais importantes é o Círculo de Oração, liderado pelas mulheres.

### Chegada ao Acre:

Desde 1928, Manoel Pirabas pregava a fé pentecostal no seringal *Lagoinha*, no entorno de Cruzeiro do Sul. Estava afastado da igreja, mas reconciliou-se e pediu ajuda a Belém, que enviou o pastor Antonio Tibúrcio Filho, que organizou a igreja em 1932. Em Feijó, fundada em 1933, por Lino José Benício, Manoel Araújo Silva e Antônio Prudente Almeida; em Tarauacá, em 1935, por Bento Sameu e, em Rio Branco, inicialmente em 1943, pelo irmão Luiz Firmino Câmara e, oficialmente, em 24 de janeiro em 1944, pelo pastor Francisco Vaz Neto: atualmente são 15.000 membros, subdivididos em 27 áreas de ministério.

### 7. OUTROS GRUPOS E SUA PRESENÇA NO BRASIL E NO ACRE:

O *pentecostalismo autônomo* se distingue do *pentecostalismo clássico* por maior ênfase na cura divina, no exorcismo e em estratégias de uso intenso da mídia. Quatro grupos se destacam:

#### 7.1. A IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR (IEQ).

Fundada nos EUA por **Aimee McPherson**, em 1907. **No Brasil:** em 1951, por **Harold Williams e R. Boatright**, com o nome Cruzada Nacional de Evangelização. Usavam grandes tendas de lona, do mesmo modo como anteriormente nos EUA. Suas quatro ênfases são: Jesus Salva, Cura, Batiza no Espírito Santo e Voltará. São cerca de 1.320.000 no Brasil (2000). **No Acre:** início nos anos 70, com 54 templos em Rio Branco (2002), mais 12 no interior do estado, num total de 66 em todo o Acre.

#### 7.2. A IGREJA EVANGÉLICA PENTECOSTAL O BRASIL PARA CRISTO.

No Brasil: iniciada por **Manoel de Mello e Silva** (1929-1990), pernambucano e trabalhador da construção civil que veio a São Paulo, converteu-se na Assembléia de Deus e, algum tempo depois, aderiu à IEQ, pela qual foi ordenado pastor. São cerca de 180.000 no Brasil (2000). Dela saíram os fundadores da Igreja Deus é Amor e da Casa da Bênção. No Acre: chegou a Rio Branco em 1960, através do pastor Aramô Pascoal que, algum tempo depois, saiu para organizar a Igreja Pentecostal Evangelista. Cresceu bastante e, em 2002, possuía 17 templos na capital.

#### 7.3. A IGREJA EVANGÉLICA PENTECOSTAL DEUS É AMOR (IPDA).

**No Brasil:** fundada em 1962 pelo missionário **David Martins Miranda**, na cidade de São Paulo, com 17.500 igrejas no **Brasil** e mais 136 países, sendo a quinta igreja em número de membros, atrás da Assembleia de Deus, Congregação Cristã, Igreja Universal e IEQ. São cerca de 780.000 no Brasil (2000). **No Acre:** 14 templos em Rio Branco (2002) e em cidades do interior. Sua ênfase maior é o batismo com o Espírito Santo e a cura divina.

#### 7.4. IGREJA TABERNÁCULO ERGUIDO DE JESUS - CASA DA BÊNÇÃO.

**No Brasil:** a Catedral da Bênção realizou seu primeiro culto em 9 de junho de 1964, na Praça Vaz de Melo, Belo Horizonte, às 15 horas, com Doriel de Oliveira, ex-ministro da Igreja *O Brasil para Cristo*. Reuniram-se por 5 meses na praça até arranjar um templo. Em 1969, o líder decidiu instalar uma

nova sede em Brasília. Nessa época já contavam com 40 congregações em toda a região de Belo Horizonte. São cerca de 130.000 no Brasil (2000).

### 7.5. CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL (CCB).

**No Brasil:** fundada no Paraná, em 1910, e logo depois em São Paulo, por Luigi Francescon, italiano valdense. Não admitem estudo teológico formal e não remuneram os líderes, chamados *anciãos*, *diáconos* e *cooperadores*. De características calvinistas e postura rigidamente dogmática, valorizam a “chamada divina” para a fé, afirmando sua doutrina como a única verdadeira. Por isso, situam-se um pouco à parte dos demais evangélicos. Com cerca de 2.500.000 fiéis (2000), apenas atrás da Assembléia de Deus, possuem excelente ministério de música. **No Acre:** instalando-se nos anos 60, havia 79 templos no estado (1998). Em 2002 eram 27 templos, apenas na cidade de Rio Branco.

O quadro aqui apresentado não inclui todos os ministérios, igrejas locais, e até mesmo denominações, pois o panorama protestante é muito amplo. Como exemplo dessa dinâmica, citamos a **Igreja Presbiteriana Independente**, fundada no Brasil em 1903 e no Acre em 2010, e a **Igreja do Nazareno**, surgida de um movimento de avivamento de tradição wesleyana, em 1894-1895 nos EUA, chegando a Campinas, SP, em 1962 e inaugurando seu trabalho em Rio Branco em 18 de setembro de 2011. Citamos também a chamada *Visão Celular*, G 12 ou *igreja em células*, que consiste no discipulado que um líder exerce sobre grupos de 12 membros, que terão cada um 12 liderados em formação e assim por diante. Surgiu na Colômbia, com o pastor César Castellanos, em 1983, inspirado no modelo do pastor coreano Paul Yonggi Cho. No Brasil, tem como principal líder o apóstolo Renê Terra Nova, idealizador do Ministério Internacional da Restauração, que realizou, em abril de 1999, o 1º Congresso Internacional da Visão Celular no Modelo dos 12, em Manaus, AM.

## BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, Israel Belo de. *As cruzadas inacabadas: introdução à história da igreja na América Latina*. Rio de Janeiro: Gêmeos, 1980.
- BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis, RJ: Vozes/Koinonia, 2003.
- CARDOSO, Douglas Nassif. *Robert Reid Kalley: médico, missionário e profeta*. São Bernardo do Campo, SP, 2001.
- LÉONARD, Émile G. *O protestantismo brasileiro*. São Paulo: ASTE, 2002
- MEDEIROS, Emerson Lopes. *A presença dos evangélicos no Acre: 1916-1970*. Rio Branco, AC: Departamento de História, UFAC, 1993.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1995.
- PESSOA, Enock da Silva. *Trabalhadoras da floresta do Alto Juruá: cultura e cidadania na Amazônia*. Rio Branco, AC: EDUFAC, 2004.
- \_\_\_\_\_. *História dos evangélicos no Brasil e no Acre*. (Artigo).
- O CRISTÃO. *Edição comemorativa do Sesquicentenário: 1855-2005*. UIECB, RJ, 19 de agosto de 2005.
- ULTIMATO. *Gunnar Vingren e Daniel Berg: os pioneiros das Assembleias de Deus no Brasil*. Ano XLIV, nº 331, julho/agosto de 2011.
- VELASQUES FILHO, Prócoro e MEDONÇA, Antonio Gouvêa. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.
- INTERNET: <http://pt.wikipedia.org/> e outros sites das Igrejas e demais órgãos citados.

# Catolicismo

**Pe. Massimo Lombardi,**  
Coordenador da Pastoral Diocesana

Breve História da Igreja Católica e sua Missão



“

A paz exige quatro condições essenciais:  
verdade, justiça, amor e liberdade

**Papa João Paulo II**

”

## 1. Uma história que começou em Pentecostes

O Livro dos Atos dos Apóstolos relata como o grupo dos discípulos que conheceram Jesus e dele tinham recebido a ordem de anunciar o Evangelho e proclamar a Graça do Senhor, se encontrava meio perdido, com muitas dúvidas e com pouca coragem. Sobre tudo os Apóstolos, que eram as lideranças do grupo, conservavam na cabeça uma visão nacionalista e racista do Reino de Deus (At.1:6).

Mas chegou o dia de Pentecostes, quando o Espírito Santo transformou este primeiro grupo de cerca de 120 pessoas numa comunidade missionária e profética. As barreiras foram superadas, os preconceitos derrubados, pois o Espírito Santo provocou a festa da unidade e da universalidade, no respeito à diversidade de culturas diferentes. “E todos ficaram cheios de Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem”. (At 2:4) “E cada um de nós em sua própria língua os ouve anunciar as maravilhas de Deus!”. (At 2:11)

Assim começou a história da Igreja, com a certeza que a verdadeira unidade nasce da diversidade e onde há este sonho bonito e o compromisso para o sonho acontecer, há a presença do Espírito Santo.

O Bom Pastor. Catacumbas de Priscila. Roma



A missão da Igreja começou com aquele anúncio corajoso da Palavra de Deus, comunicando a Boa Notícia de Jesus ressuscitado para uma verdadeira conversão, que capacitava viver seu estilo de vida em todos os tempos e lugares até mesmo nas perseguições.

Realizava-se então o projeto do Senhor Jesus: “Assim como o Pai me enviou, eu também envio vocês..., recebam o Espírito Santo”. (Jo 20:21-22). Pela missão dos Apóstolos os pecados seriam perdoados e arrancado todo o mal que estraga a vida, a dignidade e o amor.

### A) Os nomes da Igreja de Jesus

Jesus chamou sua Comunidade de Igreja. Os integrantes eram chamados de “discípulos do Senhor” (At 6:1-2 9:1) ou de “nazarenos” (At 24:5). Na cidade de Antioquia passaram a ser chamados pela primeira vez de “cristãos” (At 11:26). Outro nome muito bonito era “os seguidores do Caminho” (At 9:2), pois Jesus era chamado também de “Caminho”.

O registro mais antigo que se tem sobre o nome de Igreja Católica é de Inácio, Bispo de Antioquia em sua carta aos cristãos de Esmirna no ano de 107, onde lemos “Onde está Jesus Cristo, aí está a Igreja católica.” A palavra “Católica” significava que a Igreja de Cristo deveria ser Universal, isto é, para todos (Mt 28:19), deveria ser também para todos os tempos (Mt 28:20) e para todos os lugares. (At 1:8)

### B) Uma Igreja fiel e perseverante nas perseguições

Lucas, no Livro dos Atos, faz uma síntese do melhor que houve nas primeiras comunidades:

Comunidade perseverante em ouvir o ensinamento dos Apóstolos, na comunhão fraterna, no partir o pão e nas orações. (At 2:42) Para perseverar precisa muita convicção, sobretudo, quando chega a perseguição, pois é preciso passar por muitas tribulações para entrar no Reino de Deus. (At 14:22)

A Igreja pela sua docilidade ao Senhor, conseguiu desde o início superar os conflitos que surgiam dentro da própria comunidade (At 5,1-11); entre grupos da mesma comunidade como helenistas e hebreus (At 6,1-7; entre diferentes comunidades (At 15:1-35) e, sobretudo, havia o conflito

com as autoridades da Sinagoga e do Templo que culminou no assassinato de Estêvão, o primeiro mártir da Igreja.

O choque entre o Império e o Cristianismo surgiu porque Roma pretendeu exigir dos seus súditos cristãos alguma coisa que eles não podiam dar: a homenagem religiosa da adoração, que só a Deus era lícito prestar. Além disso, a proposta de vida dos cristãos baseada no Evangelho de Jesus Cristo era totalmente oposta ao sistema do Império. Suspeitas, ameaças, desconfianças eram levantadas continuamente contra os membros da Igreja. Enfim, era proibido ser cristão. Ser discípulo de Cristo significava ser candidato ao martírio.

Na época de Pedro e Paulo, os maiores líderes do primeiro século, em Roma havia 5.000 cristãos, organizados em pequenas comunidades. Muitos foram torturados e mortos. Entre eles Pedro e Paulo.

A maior perseguição foi sem dúvida a última, que teve lugar no início do século IV, no quadro da grande reforma das estruturas de Roma realizada pelo imperador Diocleciano. Este Imperador atribuía à religião tradicional do paganismo um papel na regeneração do Império.

Entre fevereiro do ano 303 e março do ano 304 foram promulgados quatro editos com o projeto de acabar de uma vez para sempre com o Cristianismo e a Igreja. A perseguição foi muito violenta e fez muitos mártires na maioria das províncias do Império. Mas, na verdade, *“o sangue dos mártires era semente de novos cristãos”*. Depois de Diocleciano, o império recebeu diversas reestruturações, até que Constantino se tornou único imperador. Este, ainda pagão, já compreendia que assim as coisas não poderiam continuar, e no ano de 313 publicou o famoso Edito de Milão, declarando a religião cristã livre para quem quisesse abraçá-la.

A Igreja saiu do esconderijo das catacumbas, e surgiram por toda parte igrejas e basílicas. Os cristãos se multiplicaram enormemente e em breve se constituíram maioria em todo o império.

**C) “Sejam santos, pois eu o Senhor, sou santo.” Levítico 11:44-45.**

**O Mártir, ideal de santidade.** Ao longo dos primeiros trezentos anos da história da Igreja, durante as várias perseguições, o ideal do segui-

dor de Jesus era testemunhar a sua fé diante dos pagãos que sacrificavam aos falsos deuses ou aos vários ídolos. Para não cair na idolatria, no lugar de oferecer sacrifícios aos ídolos do paganismo preferiam oferecer sua vida em sacrifício através do Martírio. Jovens, adultos, velhos e até crianças se tornavam mártires e o mártir era considerado pela Comunidade Cristã um modelo para ser imitado, pois tinham alcançado o chamado de Deus conforme o Livro de Levítico, ou mesmo conforme as palavras de Jesus: *“Sejam perfeitos como o Pai celestial é perfeito.”* Mateus 5:38-48 O livro que resume a vida destes santos mártires chama-se de *“Martirologio”* e ali se encontra a vida de São Sebastião, de Santa Luzia, Santa Inês e de milhares de homens e mulheres que preferiram morrer, no lugar de sacrificar aos ídolos e abandonar a sua fé.

**O Monge, ideal de santidade.** Quando a situação se tornou calma demais para os cristãos e até privilegiada por causa do fim das perseguições, muitos jovens se afastaram das seduções do mundo, preferindo a vida de contemplação, de estudo das Sagradas Escrituras, de oração, de jejum e de penitência. Iniciou a vida das pequenas Comunidades, seguindo o exemplo de São Bento de Norcia (480-547), que fundou o primeiro Mosteiro no Monte Cassino, longe das barulhentas cidades, imitando Jesus na luta contra as tentações do inimigo (Mt 4:1-11), e encontrando e experimentando no deserto a presença do Senhor: *“Eis que eu a atrairei e a levarei para o deserto e lhe falarei ao coração.”* (Os 2:16) Os monges dedicavam sua vida à leitura da Bíblia e a escrever Bíblias manualmente, pois não havia imprensa naquela época. Outros se dedicavam ao trabalho da agricultura e ensinavam esta atividade aos povos bárbaros que estavam chegando de longe para uma integração harmoniosa e sem violência. O lema dos Mosteiros era: *“Ore e trabalhe”*.



Martírio de cristãos no Coliseu romano

Evangelho: Mateus 5:38-48

*“Sejam perfeitos como o Pai celestial”.*

#### **D) A literatura cristã dos “Padres da Igreja” e os primeiros Concílios**

Do século II ao século VII são chamados de Padres da Igreja uns cinquenta escritores teólogos que elaboraram uma literatura chamada de Patrística, que firmou os conceitos da nossa fé, esclarecendo as Escrituras diante dos filósofos da antiga Grécia e do mundo romano e que souberam fixar o que Jesus nos deixou através dos Apóstolos.

Eles colaboraram nos primeiros Concílios da Igreja que se reuniram em Nicéia (em 325), Constantinopla (em 381), Éfeso, (em 431) onde Maria foi declarada “Mãe de Deus” (em grego Theotokos), Calcedônia (em 451) onde se declarou que Jesus é “verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem”.

Destes primeiros Concílios saíram as definições teológicas que ainda hoje formam o patrimônio comum entre Católicos e Ortodoxos e, em parte, entre os Evangélicos, como a fé na Unidade e Trindade de Deus, Encarnação, Morte e Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo.

São Bento, fundador da Ordem Beneditina



## **2. Séculos de luzes e de sombras**

Em 1054 a Igreja do Oriente com sede em Constantinopla separou-se da do Ocidente com sede em Roma, embora continuando a sucessão apostólica, com os mesmos sacramentos, com bispos e sacerdotes mutuamente reconhecidos.

Nesses séculos, do ano 1000 ao ano 1500, constatou-se a vida pouco evangélica dos chefes da Igreja, preocupados mais em conseguir cargos políticos e muito dinheiro para construir suntuosas igrejas e palácios chegando até a organizar as Cruzadas, verdadeiros exércitos armados, para expulsar os muçulmanos da Terra Santa que por eles fora invadida.

No século XII surgiu no seio da Igreja um grande movimento de renovação, de retorno à vida evangélica abandonando a riqueza e se dedicando aos pobres a exemplo de São Francisco de Assis, Santa Clara e São Domingos.

Havia manifestações por parte de movimentos reformistas católicos para que a Igreja se renovasse, pois o Papa deveria deixar as ambições políticas, a Cúria Romana não deveria mais cobrar impostos, os conventos deveriam ser reformados, o clero mais preparado e selecionado, os bispos mais cuidadosamente escolhidos, a Bíblia deveria ser traduzida na língua do povo. Esse manifesto, infelizmente, permaneceu em letra morta.

#### **A) Reforma de Lutero**

Em 1517 a Igreja dividiu-se novamente e surgiu a reforma de Lutero, que acabou fundando outra Igreja, a Luterana. Foi seguido por Zwinglio e Calvino, que fundaram as Igrejas evangélicas. Essas divisões aconteceram por vários motivos:

- Motivos religiosos, como mau comportamento de muita parte do clero que não favorecia o encontro com Deus. Uma visão aparentemente oposta entre “Fé e Obras”, um escandaloso mercantilismo sobre as indulgências, que seriam vendidas por parte de pregadores gananciosos.

- Motivos sócio-econômicos, pois a Igreja católica, durante o período medieval, condenava o lucro excessivo (a usura) enquanto, numa nova época de expansão comercial, o grande número de comerciantes se identificava mais com a ética protestante.

- Motivos políticos, pois as monarquias nacionais passaram a encarar a Igreja, que tinha sede no Vaticano e utilizava o latim, como entidade estrangeira que interferia em seus países.

## B) Reforma Católica

Lutero queria a Reforma da Igreja, para que ela fosse mais autêntica e parecida com o projeto de Jesus, mas acabou dando origem à Igreja Luterana separando-se da Igreja católica.

Mas isso foi uma grande sacudida para um despertar na Igreja Católica, de um desejo vivo de Reforma através de um Concílio que aconteceu em Trento de 1545 a 1563. O Concílio de Trento, em contraposição ao livre exame das Escrituras, quis reforçar o caráter hierárquico da Igreja, mais centralizada na pessoa do papa.

## C) Os sinais de uma Igreja mais viva e atuante que surgiram antes e depois do Concílio de Trento

**1. Associações leigas.** Elas testemunhavam a caridade para com os pobres e doentes e a piedade eucarística. Através dessas iniciativas, em dezenas de cidades, foram construídos hospitais, sobretudo para doentes crônicos ou “incuráveis”. Eram atividades completamente de voluntários, e desenvolvidas completamente em segredo.

**2. A reforma das antigas Ordens Religiosas.** Surgiram nesse período, no âmbito de vários institutos antigos, casas religiosas, mosteiros ou conventos que estabeleceram a prática de uma observância mais fiel e rigorosa (vida em comum, espírito de pobreza, clausura, penitência, trabalho...), dando vida a novas congregações. Esse processo se realizou entre franciscanos, beneditinos, dominicanos, carmelitas e os agostinianos, com profundo fervor na volta ao espírito primitivo com estilo mais austero e pobre, assistência aos doentes, pregação baseada no evangelho, expressada de forma simples e adaptada às classes populares, longe da ostentação de erudição, severa ao atacar os vícios e os escândalos, mas pronta para defender os pobres e oprimidos.

**3. O nascimento de novos Movimentos Religiosos.** No século XV surgiram novos Institutos religiosos, Ordens ou Congregações religiosas e tiveram todos eles origem leiga. No espírito da Idade Moderna, mais dinâmica e inquieta, as novas Comunidades religiosas se inseriram mais nos meios populares, dedicando-se à educação da juventude, à cura e aos cuidados dos enfermos e à pregação ambulante. Então surgiram os Teatinos (1524) Jesuítas (1540) Somascos (1540) Camilianos (1582) e Clérigos Regulares da Mãe de Deus (1595)

Concílio de Trento



As Reformas



Toda a vida da Igreja foi reorganizada, através de paróquias mais participativas, com seus padres preparados nos seminários durante longos anos. Surgiram missionários das muitas Congregações religiosas que acompanharam as navegações rumo às novas terras nos vários Continentes para anunciar a Palavra do Senhor.

### 3. A Igreja chega ao Brasil

No Brasil a Igreja chegou com os portugueses no ano de 1500 pedindo carona nos seus navios de colonizadores, sonhando que iam expandir o Reino de Deus nestas novas terras até então habitadas por uns cinco milhões de indígenas, que por motivo da ganância desses colonizadores tiveram a maioria de suas aldeias destruídas e suas populações dizimadas.

#### Luzes e sombras da evangelização no Brasil

O Evangelho foi anunciado no Brasil bem identificado com a cultura européia, especialmente lusitana. Assim, pensava-se que os povos indígenas para se salvarem deviam aceitar o Evangelho e a cultura portuguesa também.

Nos documentos oficiais portugueses da época colonial sempre encontramos a expressão

“dilatara fé e o império”. Efetivamente, no pensar do colonizador, conquistar e evangelizar significava expandir o domínio luso e divulgar a fé.

Quando a Igreja no ano de 2000 comemorou os 500 anos do “descobrimento do Brasil” convidou os católicos a “purificar a memória” e a pedir perdão pelos sofrimentos infringidos aos habitantes nativos da terra e a um grande número de africanos, trazidos à força para o Brasil como escravos.

Mas, naquela comemoração, foram manifestados também motivos de ação de graças pelas dádivas divinas recebidas no decurso desses 500 anos, pelo sacrifício de tantos missionários, muitos deles mortos violentamente por defenderem os aldeamentos indígenas ou apoiarem os mais oprimidos, pela solidariedade de muitos cristãos para com seus irmãos sofredores e, sobretudo, pelo dom da fé cristã e da esperança que nesses cinco séculos sustentou e ainda sustenta nosso povo.

*“Que os 500 anos sirvam para sonhar um Brasil com mais igualdade, justiça e democracia, onde caibam todos os seus filhos e filhas, no respeito à riqueza de sua diversidade humana, cultural e espiritual.”* (José Oscar Beozzo)

Primeira Missa celebrada no Brasil



#### 4. A Igreja Católica chega ao Acre

A Igreja Católica começou a ter uma presença na região do Acre, na segunda metade do século XIX, com a visita de sacerdotes procedentes da Arquidiocese de Manaus, nas famosas “desobrigas”, visitando os seringais e oferecendo ao povo seus serviços religiosos.

Já no século XX a Santa Sé criou a Prelazia do Acre e Purus em 1920, sob a responsabilidade da Ordem dos Servos de Maria, procedentes da Itália, e a Prelazia do Juruá em 1931, sob a responsabilidade da Congregação do Espírito Santo, de origem alemã.

Todos eles, com a posterior ajuda de Congregações femininas, foram os primeiros evangelizadores do estado do Acre.

A Prelazia do Acre e Purus instalou sua sede em Sena Madureira, com seu primeiro bispo Dom Próspero M. Bernardi. E a Prelazia do Juruá em Cruzeiro do Sul, com Dom Henrique Ritter, como seu primeiro bispo.

O trabalho de evangelização, que nos primeiros tempos consistiu praticamente em sacramentalizar o povo, posteriormente adquiriu novas formas e ações concretas, através de numerosas obras sociais, visando atender as necessidades básicas do povo.

Na região do Acre e Purus, a educação e a saúde se constituíram nas prioridades da ação eclesial. Os colégios Santa Juliana de Sena Madureira, Divina Providência de Xapuri, São José e Imaculada em Rio Branco, marcaram a história da educação no Acre. E com obras como o Hospital Santa Juliana e Casa de Acolhida Souza Araújo de Rio Branco, Comunidades Arco Íris e Estrela da Manhã, como casas de recuperação de dependentes químicos, também são uma história de atendimento aos mais necessitados da sociedade.

No vale do Juruá várias obras sociais como Educandário, Leprosário, Colégios, escolas particulares, ambulatórios..., foram também uma inegável presença no cotidiano das pessoas.



Foto 1: Celebração da fé no seringal;

Foto 2: Alunos do Instituto São José. 1961;

Foto 3: Caminhada do povo com a Bíblia na mão;

Foto 4: Pe. Paolino de visita no seringal.

A opção pelos pobres marcou sempre a vida da Igreja. Com a formação de suas lideranças, defesa da terra e de seus posseiros, criação de sindicatos e associações, defesa dos povos indígenas e seus direitos, centros de defesa de direitos humanos, defesa da selva, manifestações, romarias..., foram criando uma consciência cristã e social do povo, ao longo desses anos.

Os bispos que deram continuidade a todos esses trabalhos na Prelazia do Acre e Purus, posteriormente Diocese de Rio Branco, foram: Dom Júlio M. Mattioli, Dom Giocondo M. Grotti, Dom Moacyr Grechi e Dom Joaquín Pertíñez.

E os bispos da Prelazia do Juruá, posteriormente Diocese de Cruzeiro do Sul, foram: Dom Henrique Klein, Dom José Hascher, Dom Henrique Ruth, Dom Luis Herbst e Dom Mosé João Pontelo.



Vista das reuniões  
do Concílio Vaticano II

## 5. CONCÍLIO VATICANO II (1962-1965) Novo Sopro do Espírito para renovar a vida da Igreja

O Papa João XXIII revelou que a idéia de convocar um Concílio Ecumênico fora uma “inspiração divina”. Um Concílio da Igreja, naquele momento, sem a simplicidade evangélica do Papa João, seria extremamente ousado.

Quando o Papa entrou em São Pedro e viu, nas arquibancadas altíssimas mais de 2.500 bispos de todos os Continentes, ficou sem fôlego. Na cerimônia inaugural o Papa fez um longo discurso. Entre outras coisas ele disse: *“A Igreja considera estar indo ao encontro das necessidades de hoje, mostrando a validade de sua doutrina, mais do que renovando suas condenações... Com o Concílio, a Igreja quer se mostrar mãe de todos. Às pessoas de hoje oferece não riquezas antigas, mas partilha com elas os bens da graça divina que favorecem uma vida mais humana. Abre a fonte de sua doutrina, que permite aos seres humanos compreender aquilo que realmente são. Alarga o horizonte da caridade cristã, para favorecer a concórdia, a paz justa, a união fraterna...”*

Não se poderia imaginar a Igreja atual sem aquele acontecimento histórico que a fez explodir como um novo Pentecostes.

### A) Seus principais documentos

- **Sobre a Igreja.** Definiu a Igreja como Povo de Deus, guiada em sua missão pelo Espírito Santificador, anunciando e construindo o Reino de Deus, em comunhão fraterna entre clero e laicato, todos irmanados pelo Sacerdócio Comum, com os Ministérios caracterizados como “serviços”.

- **Sobre a Sagrada Liturgia.** Transformou a massa dispersa dos católicos em comunidades atentas, vivas e participativas.

- **Sobre a Igreja no mundo de hoje.** Abriu as portas e as janelas da Igreja ao mundo moderno, falando da dignidade da pessoa humana, da dignidade do matrimônio e da família, do progresso e da promoção da cultura, da vida econômica e social, da vida da comunidade política, e da promoção da paz internacional.

- **Sobre a Palavra de Deus.** Falou sobre o delicado e complexo problema da relação entre as Sagradas Escrituras e a Tradição. A Igreja esperava um novo impulso de vida espiritual e um aumento de veneração pela Palavra de Deus que permanece para sempre.

- **Sobre o Ecumenismo.** Incentivou-nos a novas relações entre os irmãos separados, a um conhecimento e a uma cooperação mútua.

- **Sobre o Apostolado dos Leigos.** Valorizou a presença do laicato, não como simples cliente, mas como co-responsável da vida da Igreja, sobretudo, os jovens, as famílias e as associações para a evangelização.

## **B) O Concílio Vaticano II renovou a Caminhada da Igreja do Acre.**

### **As CEBs: Bíblia e Realidade. Co-responsabilidade dos Leigos – Missão.**

- Para fazer parte ativa das Comunidades Eclesiais de Base se precisava manusear, conhecer e vivenciar a Bíblia e conhecer a realidade com os problemas que afligiam o povo: expulsão de suas terras, desemprego, moradia, violência, famílias fragilizadas, educação... Assim, a evangelização podia ser realizada melhor através do serviço, do diálogo, do testemunho e do anúncio.

- A experiência de Comunidade de Base levava os membros ativos a evangelizar fora do templo, percorrendo estradas, navegando rios e penetrando florestas para fundar pequenos grupos lá onde o povo chorava e lutava, plantando a esperança de dias melhores, de mais fraternidade e justiça.

- Os vários Documentos do Concílio Vaticano II e em seguida os Documentos de Medellín, Puebla e Santo Domingo, favoreceram a reflexão sobre a Igreja toda ministerial e a prática da “co-responsabilidade” dos leigos na condução pastoral da Igreja. Os leigos começaram a agir como co-responsáveis em força de seu batismo e, de uma Igreja piramidal, se passou a uma igreja circular, isto é, de comunhão.

- “Um olho na vida e outro na Bíblia”, era a prática que se considerava fundamental nos cristãos das Comunidades de Base.

## **6. CONCÍLIO VATICANO II renovou toda a Pastoral do Continente**

O Concílio Vaticano II foi aplicado na realidade do Continente Latino americano através de sucessivas Assembléias Gerais de seu Episcopado. Essas Assembléias Gerais se realizaram nas cidades de Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007).

### **Conferência de Medellín**

Tema: *“A Igreja na presente transformação da América Latina à luz do Concílio Vaticano II”.*

A Conferência dos Bispos queria ser uma resposta à necessidade que a Igreja sentia de renovar-se e de assumir seriamente sua missão profética em meio aos povos que se diziam cristãos, mas eram dominados por ditaduras cruéis e por uma extrema pobreza.

Três foram os grandes temas da Conferência de Medellín: Promoção humana; Evangelização e crescimento na fé.

Diante do quadro de injustiça e pobreza, os bispos afirmaram que a missão pastoral da Igreja *“é essencialmente serviço de inspiração e de educação das consciências dos fiéis, para ajudá-los a perceberem as exigências e responsabilidades de sua fé, em sua vida pessoal e social”.*

### **Conferência de Puebla**

Tema: *“Evangelização no presente e no futuro da América Latina.”*

Foi dado um destaque especial ao compromisso de evangelizar os pobres e os jovens, pois constituem a riqueza e a esperança da Igreja na América Latina, e sua evangelização é, por conseguinte, prioritária.

Confirma-se a opção preferencial pelos pobres apontada na trilha de Medellín, “exigida pela escandalosa realidade dos desequilíbrios econômicos da América Latina, deve levar a estabelecer uma convivência humana digna e a construir uma sociedade justa e livre”.

Ao mesmo tempo em que clamavam por uma *“necessária mudança das estruturas sociais, políticas e econômicas injustas”*, os bispos em

Puebla reafirmaram que esta *“não será verdadeira e plena, se não for acompanhada pela mudança de mentalidade pessoal e coletiva com respeito a um ideal duma vida humana digna e feliz, que por sua vez dispõe à conversão”*.

### Conferência de Santo Domingo

Tema: *“Nova evangelização, Promoção humana, Cultura cristã”*, sob o lema: *“Jesus Cristo ontem, hoje e sempre”*.

Levanta-se o desafio da nova evangelização que começa antes de tudo por um chamado à conversão. *“De fato, mediante o testemunho de uma Igreja cada vez mais fiel à sua identidade e mais viva em todas as suas manifestações, os homens e os povos poderão continuar a encontrar Jesus Cristo e, n’Ele, a verdade da sua vocação e da sua esperança, o caminho em direção à humanidade melhor”*.

Os bispos se comprometeram a lutar por uma promoção integral do povo latino-americano e caribenho a partir de uma evangélica e renovada opção preferencial pelos pobres, a serviço da vida e da família; uma evangelização inculturada que penetre os ambientes marcados pela cultura urbana, que se encarne nas culturas indígenas e afro-americanas, com eficaz ação educativa e moderna comunicação.

### Conferência de Aparecida

Tema: *“Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que nossos povos tenham vida n’Ele”*.

O itinerário formativo para o católico ser discípulo missionário.

Para termos uma Igreja em que não exista mais o Católico não praticante e só de nome, precisamos de uma clara e decidida opção pela formação dos membros de nossas Comunidades.

## 7. O itinerário de todo discípulo missionário de Jesus Cristo

### 1. O Encontro com Jesus Cristo

O encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo é considerado como fundamental para o novo lançamento da missão da Igreja nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais.

Pode ser chamado de “Novo Despertar Espiritual”, ou “Sacudida Especial”, ou “Retomada de Consciência de nossa vocação cristã”, ou “Batismo no Espírito Santo”. A pessoa é tocada pelo anúncio do “querigma”, que favorece uma autêntica experiência religiosa, profunda e intensa, capaz de encantar, de entusiasmar e de transformar.

Enfim, o encontro com Cristo é certamente o primeiro passo que dá origem à iniciação cristã e que deverá ser cultivado permanentemente.

### 2. A Conversão a Jesus e aos valores evangélicos

O encontro com Cristo deve levar à conversão, chegando a mudar até a forma de pensar e de viver: este é o grande desafio neste mundo de valores materialistas que ameaçam os valores cristãos, proclamados por Jesus no Evangelho, como:

Papa Bento XVI e a Basílica de Aparecida



Justiça, gratuidade, solidariedade, partilha, dignidade, direitos de todos, opção pelos pobres, honestidade, diálogo ecumênico e inter-religioso, bioética, caráter sagrado da vida humana, valorização da família e do amor conjugal, dignidade do trabalho e do trabalhador, valor do corpo como moradia de Deus, sexualidade humana, desenvolvimento global e solidário, participação popular, ecologia e cuidado com o meio ambiente, respeito e diálogo com as diversidades. Enfim os valores da ética na política, na economia e nas comunicações.

A pessoa convertida é humilde e educável, pode cair, mas se levanta, aceita as provações e o sacrifício, sabe perdoar e conhece o valor do Sacramento da Reconciliação.

### 3. O Discipulado

O discípulo é um **aprendiz**, isto é, alguém que quer aprender. O discípulo escuta na celebração dominical a Palavra do Mestre para testemunhá-la e anunciá-la ao longo da semana. O discípulo é um seguidor. O discípulo segue o Mestre para onde ele o conduzir. Para fazer isso, o discípulo precisa estar disponível. Decide que não importa o sacrifício e nada o afastará da decisão de seguir o seu Mestre. (Mt. 10, 38 e Lc. 14, 27). Jesus é o único Mestre e não há mais ninguém que nos ofereça outra Verdade. (Mt 23,8.10)

1. O discípulo é **chamado** a morar com o Mestre e no caso de Jesus que era um Mestre ambulante, o discípulo deve estar disposto **a estar com ele** em qualquer lugar, até aos pés da Cruz, se precisar. (Jo 1:35-40)
2. O discípulo está em estado de **contínua conversão**. Nunca irá parar de procurar a perfeição ou a santidade, pois o caminho dura toda a vida: “Quem perseverar até o fim será salvo”. (Mt 24:13)
3. O discípulo **partilha o modo** de pensar e de viver do Mestre: a fé, a confiança no amor do Pai, o amor pelos pobres, doentes, pecadores, a certeza do Reino de Deus, as bem-aventuranças, o mistério da morte e da ressurreição, a

missão de salvar todos os homens, o Dom do Espírito Santo. (Mt 5, 1-12)

4. O discípulo é amigo íntimo do **Mestre**: “*Eu chamo vocês de amigos, porque eu comuniquei a vocês tudo o que ouvi do meu Pai.*” (Jo 15,15) E assim a intimidade entre Jesus e os discípulos supera a intimidade entre os membros de uma família: “*Quem faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe.*” (Mc 3:35)
5. O discípulo é chamado a tornar-se apóstolo. Ele não pode construir a sua tenda no monte Tabor para aí ficar: deve descer e comprometer-se no ministério, e o seu serviço não é aquele de quem trabalha por uma recompensa, mas de quem trabalha por amor de quem o chamou, isto é de Jesus.

### 4. A Comunhão

O discípulo cultiva a pertença à Igreja que é “a casa e a escola de comunhão”. O discípulo não vive na dispersão e no anonimato, não tem somente alguma ligação com a Igreja, mas vive em comunhão com Ela.

A Igreja consegue evangelizar só se for comunidade do amor que atrai na medida em que seus membros vivem o amor fraterno. Deste modo a Comunhão e a Missão estão profundamente unidas entre si.

Na experiência das nossas Comunidades o que favorece isso é a acolhida fraterna, a escuta, o diálogo, a participação com voz e vez de todos, a correção fraterna, a avaliação pastoral sincera.

Quem trabalha na Comunidade deverá aprender a exercitar a autoridade do Bom Pastor que conhece a situação de suas ovelhas, chama-as pelo nome, fortalece a fé e a confiança e caminha junto a elas sem autoritarismo.

Na Comunidade cristã ninguém se sente freqüês ou consumidor, mas todos se sentem co-responsáveis, pois todos estamos a serviço daquele que encontramos e nos chamou.

## A Missão

A Igreja por sua natureza é missionária e os seus membros que amam seu Senhor, necessitam anunciar com alegria aquele Jesus Cristo que encontraram.

- O discípulo que se torna missionário coloca-se assim a serviço humilde de Jesus e do próximo, cultivando o respeito aos diferentes, conhecendo seus problemas e seus anseios, compartilhando de suas alegrias e de suas tristezas.

- Escuta e dialoga com Deus e com os irmãos. Não entra em competição com ninguém e evita qualquer intolerância, reconhecendo que nas demais opções humanas e religiosas estão presentes as “sementes do verbo”.

- O missionário, no respeito das demais crenças, esclarece as razões de sua esperança e não cansa de anunciar o Evangelho, Palavra viva de Jesus, Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, que oferece a salvação a todos como dom da graça e da misericórdia do Pai, sente-se parte de um povo que caminha dócil ao Espírito Santo, lutando por um mundo mais justo e fraterno, rumo ao Reino definitivo.

## Sugestões de Leitura

- Curso Básico de História da Igreja, Frohlic Roland. Ed. Paulus.
- Caminhando pela História da Igreja, Matos, Henrique Cristiano José. Ed. Lutador.
- Curso de História da Igreja, Pierini Franco. Ed. Paulus
- História da Igreja, Pierrand Pierre. Ed. Paulinas.
- História da Igreja católica, Vários. Ed. Loyola
- História da Igreja, Martina Giacomo. Ed. Loyola
- 500 anos de História da Igreja na América Latina. Ed. Paulinas - Cehila
- História da Igreja no Brasil, Vários Ed. Paulinas - Vozes - Cehila
- História da Diocese de Rio Branco, 1978-2000. Joaquín Pertíñez.

Fontes Fotográficas [www.google.com](http://www.google.com)



Catedral  
de Rio Branco

# Espiritismo

**Marconi Gomes,**

Presidente da Federação Espírita do Estado do Acre

Breve História do Espiritismo e sua Missão



“

A nossa felicidade será naturalmente proporcional em relação à felicidade que fizermos para os outros

**Allan Kardec**

”

Em toda a época da humanidade os Princípios da Lei de Deus foram revelados aos homens por inspiração Divina.

A primeira grande revelação, atribuída a Moisés, foi denominada “Lei de Moisés” ou “Pentateuco” contida nos cinco primeiros livros da Bíblia, que são: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Traduzia em si a idéia de um Deus terrível (punitivo) o que podia impressionar homens ignorantes da época, com senso moral e sentimento de justiça ainda pouco desenvolvido.

Jesus, o enviado de Deus para dar cumprimento a sua Lei, personificado no Novo Mandamento, veio desenvolvê-la, dar-lhe o verdadeiro sentido e apropriá-la ao grau de adiantamento dos homens; resumindo-a em dois mandamentos: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”. Constituiu-se assim na segunda grande revelação Divina.

O Espiritismo ao seu tempo é a terceira revelação que veio reafirmar a Lei Cristã, de forma completa e explícita. Veio interpretar o que foi dito por Jesus, aplicando o entendimento lógico às suas parábolas para reafirmar aos homens de hoje a nova era anunciada por Cristo – a era da moral evangélica cristã, que deve renovar o mundo, aproximar os homens e torná-los fraternos.

O conhecimento espírita abre-nos uma visão ampla e racional da vida, explicando-a de maneira convincente e permitindo-nos iniciar uma transformação íntima, que nos aproxima de Deus. Esse processo de compreensão dos problemas da vida passa, invariavelmente, pelo conhecimento de nós mesmos. Com a certeza da imortalidade, o homem trabalha, ama, espera, perdoa e se resigna; com a dúvida, impacienta-se, perde a perspectiva, porque nada espera do futuro.

O Espiritismo responde a questões fundamentais da existência, tais como:

- Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?
- O que estamos fazendo na Terra?
- Por que a felicidade completa ainda não é deste mundo?
- Como entender a justiça divina?

## Histórico do Espiritismo

Por volta de 1848, em uma tosca cabana no vilarejo chamado Hydesville, próximo da cidade de Rochester, Condado de Wayne no Estado de Nova Iorque, acontecimentos chamaram a atenção de seus moradores: fenômenos estranhos que consistiam em ruídos, batidas e movimento de objetos sem causa conhecida. Esses fenômenos aconteciam com frequência, espontaneamente, com uma intensidade e persistência singulares.

Da América esses fenômenos passaram para a França e o resto da Europa onde, por alguns anos, as mesas girantes e falantes (como foram designados) estiveram na moda e se tornaram o divertimento dos salões sociais e ficou conhecido como as mesas girantes, depois, quando as pessoas se cansaram, deixaram-nas de lado, em busca de outra distração.

O professor francês, Hippolyte Léon Denizard Rivail interessou-se pelos fenômenos espíritos no ano de 1855, quando o Sr. Carlotti, seu amigo há 25 anos, lhe falou, pela primeira vez, da intervenção dos Espíritos, e conseguiu aumentar as suas dúvidas sobre tais fenômenos.

Já anteriormente, em 1854, o professor Rivail ouviu falar, pela primeira vez, das mesas girantes, pela boca do Sr. Fortier, magnetizador, com o qual entrara em relações para os seus estudos sobre magnetismo. O Sr. Fortier um dia falou-lhe: “Eis uma coisa mais do que extraordinária — não somente magnetizam uma mesa, fazendo-a girar, mas também a fazem falar; perguntam coisas e a mesa responde”.

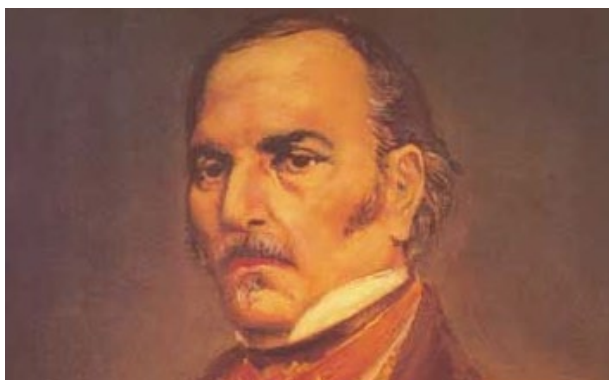
O professor Rivail responde: “Isto é outra questão: acreditarei quando puder ver com os meus próprios olhos e quando me provarem que a mesa tem um cérebro para pensar, nervos para sentir e que pode tornar-se sonâmbula: por enquanto, seja-me permitido dizer que tudo isso me parece um conto para fazer dormir em pé”.

Pensando em descobrir novos fenômenos ligados ao magnetismo, pelo qual se interessava, aceita o convite. Depois de algumas sessões, começa a questionar-se para achar uma resposta lógica que pudesse explicar o fato de objetos inertes emitirem mensagens inteligentes.

Rivail perguntava-se: como pode uma mesa pensar sem ter cérebro e sentir sem ter nervos? Mais tarde chegaria à conclusão de que não era

a mesa quem respondia, e sim, as almas dos homens que já tinham vivido na Terra e que agora se valiam delas para se comunicarem.

A partir daí, o professor Rivail dedicou-se seriamente ao estudo dos fenômenos, organizando e sistematizando as informações e ensinamentos obtidos dos Espíritos. E para esse trabalho adota o pseudônimo 'Allan Kardec'. E em 18 de abril de 1857 lança o primeiro livro da Codificação Espírita: 'O Livro dos Espíritos'. Essa data marcou o surgimento do Espiritismo entre os homens.



## Quem foi ALLAN KARDEC?

Antes de dedicar-se ao estudo dos fenômenos espíritos, quem era Allan Kardec?

Hippolyte Léon Denizard Rivail nasceu em 3 de outubro de 1804, na cidade de Lyon, França.

Em Lyon fez os primeiros estudos, seguindo depois para Yverdon, na Suíça, a fim de estudar no Instituto do célebre professor Johann Heinrich Pestalozzi, que era a escola modelo da Europa.

Concluídos os seus estudos em Yverdon, regressou a Paris, onde se tornou conceituado Mestre não só em Letras como em Ciências. Conhecia algumas línguas como o italiano, alemão etc.

Encontrando-se no mundo literário de Paris com a professora Amélie-Gabrielle Boudet, contrai com ela matrimônio.

Rivail publica numerosos livros didáticos. Entre as obras publicadas, destacam-se: Curso Teórico e Prático de Aritmética, Gramática Francesa Clássica, além de programas de cursos ordinários de Física, Química, Astronomia e Fisiologia.

Ao término de longa atividade e experiência pedagógica, o professor Hippolyte Léon Denizard Rivail estava preparado para outra tarefa: a Codificação do Espiritismo. É quando adota o pseudônimo Allan Kardec.

## O que é o ESPIRITISMO, e de que se ocupa

Allan Kardec, considerando o contexto social e econômico no período da elaboração da Doutrina Espírita, achou conveniente criar um novo termo para designar a doutrina que surgia. Dessa forma, é criado o termo '**Espiritismo**' que passa a ter um significado diferente de espiritualismo, espiritualista e espiritual, constituindo assim uma nova doutrina que se contrapunha ao materialismo vigente. Quanto aos seus aspectos de ciência, filosofia e religião, em o livro **O Que é o Espiritismo**, Kardec faz as seguintes afirmações:

"O Espiritismo, como doutrina moral, só impõe uma coisa: a necessidade de fazer o bem e evitar o mal. É uma ciência de observação que, repito, tem consequências morais, que são a confirmação e a prova dos grandes princípios da religião; quanto às questões secundárias, ele as abandona à consciência de cada um".

"As instruções dadas pelos **Espíritos de ordem elevada** sobre todos os assuntos que interessam à humanidade e as respostas que deram às perguntas que lhes formulamos foram recolhidas e coordenadas cuidadosamente e constitui toda uma ciência, toda uma doutrina moral e filosófica com o nome Espiritismo. O Espiritismo é, pois, a doutrina fundada na existência, nas manifestações e no ensinamento dos Espíritos. Esta doutrina acha-se exposta de maneira completa no 'O Livro dos Espíritos', em seu aspecto filosófico; no 'O Livro dos Médiuns', em sua parte prática e experimental, e no 'O Evangelho Segundo o Espiritismo', em seu aspecto moral ou religioso".

Assim, o Espiritismo em sua definição clássica é: ao mesmo tempo uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais decorrentes dessas mesmas relações.

Podemos também defini-lo assim: O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal. O Espiritismo vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo material. Ele

no-lo mostra, não mais como coisa sobrenatural, porém, ao contrário, como uma das forças vivas e sem cessar atuantes na Natureza, como a fonte de uma imensidade de fenômenos até hoje incompreendidos e, por isso, relegados para o domínio do fantástico e do maravilhoso.

Essencialmente o objeto primeiro do Espiritismo consiste em contribuir com o aprimoramento moral do homem, resultante da observação das relações entre o mundo espiritual e o mundo material.

Portanto, o Espiritismo alia ciência e filosofia a serviço da religião, que é justamente o aspecto que liga o ser humano à divindade.

O Espiritismo é uma doutrina filosófica de efeitos religiosos, como qualquer filosofia espiritualista.

## Princípios Básicos

Como toda doutrina filosófica, o Espiritismo tem seus princípios básicos que são os alicerces da Doutrina Espírita: A Crença em Deus; A Imortalidade da alma; A Reencarnação; A Pluralidade dos mundos habitados; A Comunicabilidade dos Espíritos.

### A Crença em Deus

A necessidade da crença em Deus está, intuitivamente, alojada na mente humana, e decorre do axioma [certeza] científico de que não há efeito sem causa. Para crer-se em Deus, basta que se lance o olhar sobre as obras da Criação; o Universo existe, logo tem uma causa. Para o Espiritismo Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas. A inferioridade das faculdades do homem não lhe permite compreender a natureza íntima de Deus, no entanto, é importante entender alguns de seus atributos para uma melhor concepção da Divindade:

Deus é eterno; se ele tivesse tido um começo, teria saído do nada, ou teria sido criado, ele mesmo por um ser anterior. É assim que, de degrau em degrau, remontamos ao infinito e à eternidade.

Deus é imutável; se estivesse sujeito às mudanças, as leis que regem o Universo não teriam nenhuma estabilidade.

Deus é imaterial; quer dizer, sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria, de outro modo ele não seria imutável, porque estaria sujeito às transformações da matéria.

Deus é único; se houvesse vários deuses, não haveria unidade de vistas, nem unidade de poder no ordenamento do Universo.

Deus é todo-poderoso; porque é único. Se não tivesse o soberano poder, haveria alguma coisa mais poderosa ou tão poderosa quanto ele; não teria feito todas as coisas, e as que não tivessem feito seriam obras de um outro deus.

Deus é soberanamente justo e bom. A sabedoria providencial das leis divinas se revela nas menores coisas, como nas maiores, e essa sabedoria não permite duvidar da sua justiça, nem da sua bondade.

### Imortalidade da Alma

Os Espíritos são os seres inteligentes da Criação. Constituem um mundo a parte, o mundo dos Espíritos, o qual preexiste e sobrevive a tudo. São as almas dos que viveram na Terra ou nas outras esferas do Universo. Geralmente fazemos dos Espíritos uma ideia completamente falsa; eles não são, como muitos imaginam, seres abstratos, vagos e indefinidos; são, ao contrário, seres muito reais, com sua individualidade e uma forma determinada.

São seres semelhantes a nós, ou seja, são a nossa realidade após a morte do corpo físico. Os Espíritos estão por toda parte no espaço e ao nosso lado, vendo-nos e acompanhando-nos de contínuo. Atuam sobre a matéria e sobre o nosso pensamento e constituem uma das potências da Natureza e instrumentos de que se vale Deus para realizar sua providência.

Na condição de seres imortais, o ser humano caminha para a compreensão de que a vida pulsa além da dimensão material da nossa existência terrena. Ou seja, além do mundo corporal, habitação dos Espíritos encarnados, que são os homens, existe o mundo espiritual, habitação dos Espíritos desencarnados.

A ideia de existência de vida além deste mundo é confirmada por Jesus ao afirmar que "(...) o meu reino não é deste mundo" (João, 18:36).

### Reencarnação

Criado simples e ignorante, o Espírito necessita reencarnar (renascer num corpo de carne) tantas vezes quantas forem necessárias ao seu próprio aprimoramento. A reencarnação fundamenta-se na justiça de Deus e na revelação espiritual, pois o bom pai deixa sempre aberta a seus filhos uma porta para o arrependimento. A razão nos diz que seria injusto privar para sempre da felicidade eterna todos aqueles de quem não dependeu o melhorarem-se.

Deus, soberanamente justo e bom, faculta aos Espíritos através da reencarnação, oportunidades de evolução, de reparação de seus erros, ficando sempre a cargo do Espírito decidir e criar seu próprio destino usando o livre arbítrio. Seu progresso é consequência das experiências adquiridas em diversas existências, evoluindo constantemente, tanto em inteligência quanto em moralidade.

### Pluralidade dos mundos habitados

A esse respeito vale meditar acerca da utilidade dos vários outros planetas e sóis espalhados pelo Universo, foram criados para nada? Tudo o que Deus cria tem uma utilidade, existe vida nestes planetas, mas em condições diferentes das que conhecemos até o momento. Os Espíritos Superiores que auxiliaram Allan Kardec na elaboração das obras básicas informam que no Universo há outros mundos habitados com seres de diferentes graus de evolução: iguais, mais evoluídos e menos evoluídos que os homens. A Administração Nacional do Espaço e da Aeronáutica (NASA), também conhecida como Agência Espacial Americana, possui milhares de planetas catalogados que guardam semelhança com a Terra. Todas essas informações só confirmam o que Jesus disse há mais de dois mil anos “Na casa de meu Pai há muitas moradas” (João, 14:2).

### Comunicabilidade dos Espíritos

As relações dos Espíritos com os homens são constantes e sempre existiram. Através dos médiuns os Espíritos podem se comunicar com o mundo material. Os bons Espíritos nos enviam prodigiosos ensinamentos que consolam e nos esclarecem sobre a vida no plano espiritual e como domarmos nossas más tendências. Os imperfeitos nos induzem ao erro.

O Espiritismo mostra-nos a mediunidade como um instrumento de renovação do homem, propondo uma metodologia na sua utilização, com responsabilidade, para fins educativos. De nada adianta todos os homens crerem nas manifestações espirituais, se esta crença não os torna melhores, mais bondosos, mais pacientes, humildes, compreensivos, enfim, menos egoístas e menos orgulhosos.

Estas comunicações ocorrem também nos diversos segmentos religiosos, pois o auxílio espiritual não é restrito a uma pessoa ou religião; todas as possuem sob nomes diferentes. Os médiuns conscientes da finalidade moral de suas tarefas jamais cobram por seus serviços, daí porque a gratuidade é um dos característicos importantes do intercâmbio seguro com o mundo invisível. A ideia é que as mensagens alcancem a todos, assim o Espiritismo busca cumprir a orientação do Cristo quando diz “(...) de graça recebestes, de graça dai” (Mateus, 10:8).

### Os Livros Básicos da Doutrina Espírita

Os ensinamentos dados pelos Espíritos foram registrados em livros e revistas. Destacam-se os livros:

- ‘O Livro dos Espíritos’,
- ‘O Livro dos Médiuns’,
- O Evangelho Segundo o Espiritismo’,
- ‘O Céu e o Inferno’ e
- ‘A Gênese’,

que constituem o que se chama os ‘Livros da Codificação Espírita’.

Residência da Família Fox



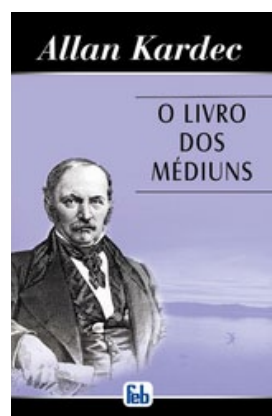
### **Livro: O Livro dos Espíritos (1857)**

Contém os princípios da Doutrina Espírita. Trata sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da Humanidade – segundo os ensinamentos dados por Espíritos superiores com o concurso de diversos médiuns – recebidos e coordenados por Allan Kardec. Divide-se em quatro tópicos: “As causas primárias”; “Mundo Espiritual ou dos Espíritos”; “As Leis Morais”; “Esperanças e Consolações”.



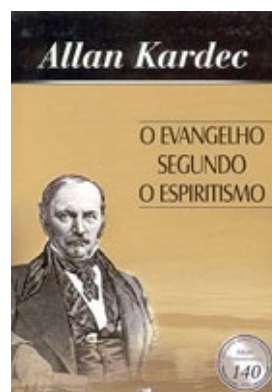
### **Livro: O Livro dos Médiuns (1861)**

Orienta a conduta prática das pessoas que exercem a função de intermediar o mundo espiritual com o material. Mostra aos médiuns os inconvenientes da mediunidade, suas virtudes e os perigos provindos de uma faculdade descontrolada. Ensina a forma de se obter contatos proveitosos e edificantes junto à Espiritualidade. A obra demonstra, ainda, as consequências morais e filosóficas decorrentes das relações entre o invisível e o visível. É um verdadeiro tratado de paranormalidade.



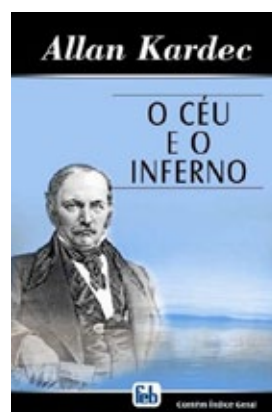
### **Livro: O Evangelho Segundo o Espiritismo (1864)**

Trata-se da parte moral e religiosa da Doutrina Espírita. Ensina a teoria e a prática do Cristianismo, através de comentários sobre as principais passagens da vida de Jesus, feitos por Allan Kardec e pelos espíritos superiores. Mostra que as parábolas existentes no Evangelho, que aos olhos humanos parecem fantasias, na verdade exprimem o mais profundo código de conduta moral de que se tem notícia.

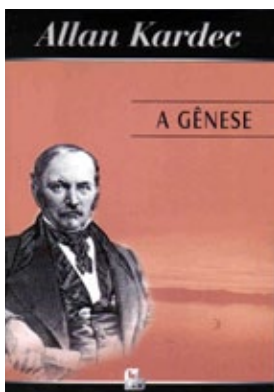


### **Livro: O Céu e o Inferno (1865)**

Nesse livro, através da evocação dos Espíritos, Allan Kardec apresenta a verdadeira face do desejado céu, do temido inferno, como também do chamado purgatório. Põe fim às penas eternas, demonstrando que tudo no Universo evolui e que as teorias sobre o sofrimento no fogo do inferno nada mais são do que uma ilusão. Comunicações de Espíritos desencarnados, de cultura e hábitos diversos, são analisadas e comentadas pelo Codificador, mostrando a situação de felicidade, de arrependimento ou sofrimento dos que habitam o mundo espiritual.



### Livro: A Gênese (1868)



Esse livro é um estudo a respeito de como foi criado o mundo, como apareceram as criaturas, e como é o Universo em suas faces material e espiritual. É a parte científica da Doutrina Espírita. Explica a Criação, colocando Ciência e Religião face a face. A Gênesis bíblica é estudada e vista como uma realidade científica, disfarçada por alegorias e lendas.

Os seis dias narrados nas Escrituras Sagradas são mostrados como o tempo que o Criador teria gasto com a formação do Universo e da Terra; eras geológicas, que seguem a ordem cronológica comprovada pela Ciência em suas pesquisas.

Os “milagres”, realizados por Jesus, são explicados como sendo produto da modificação dos elementos da natureza, sob a ação de sua poderosa mediunidade.

### O SIGNIFICADO DE JESUS PARA O ESPIRITISMO

Jesus é o guia e modelo para toda a Humanidade. E a doutrina que ensinou e exemplificou é a expressão mais pura da Lei de Deus.

A moral do Cristo, contida no Evangelho, é o roteiro para a evolução segura de todos os homens, e a sua prática é a solução para todos os problemas humanos e o objetivo a ser atingido pela Humanidade.

Para o Espiritismo, o Cristo foi o iniciador da mais pura, da mais sublime moral, da moral evangélico-cristã, que há de renovar o mundo, aproximar os homens e torná-los irmãos; que há de fazer brotar de todos os corações a caridade e o amor do próximo e estabelecer entre os humanos uma solidariedade comum; de uma moral, enfim, que há de transformar a Terra, tornando-a morada de Espíritos superiores aos que hoje a habitam.

A grandeza da moral do Cristo está revelada em seus ensinamentos, cuja proposta da vivência do Amor é o referencial para nossas vidas, conforme registra o Evangelista Mateus, capítulo 22, versículos 37 a 39: “Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, e com toda a tua mente. Este é o primeiro

e grande mandamento. O segundo, semelhante a este: **Amarás o teu próximo como a ti mesmo**”.

### O Movimento Espírita

Movimento Espírita é o conjunto das atividades que têm como objetivo estudar, divulgar e praticar a Doutrina Espírita, contida nas obras básicas de Allan Kardec, colocando-a ao alcance e a serviço de toda a Humanidade. Essas atividades são realizadas por pessoas, isoladamente ou em conjunto, e por instituições espíritas ou centros espíritas.

Em nível internacional, o Conselho Espírita Internacional é o organismo resultante da união, em âmbito mundial, das Associações Representativas dos Movimentos Espíritas Nacionais.

O movimento espírita brasileiro é coordenado pela Federação Espírita Brasileira, fundada a 2 de janeiro de 1884, que tem por objeto e fins:

O estudo, a prática e a difusão do Espiritismo em todos os seus aspectos, com base nas obras da Codificação de Allan Kardec e no Evangelho de Jesus;  
união solidária das instituições espíritas do Brasil e a unificação do movimento espírita brasileiro, bem como o seu relacionamento com o movimento espírita internacional.

Em cada Estado do Brasil há uma Instituição, vinculada à Federação Espírita Brasileira, responsável pela organização do movimento espírita a nível estadual.

Nas diversas cidades do país, encontram-se os centros espíritas, que são as unidades fundamentais do movimento espírita.

Os centros espíritas são núcleos de estudo, de oração e de trabalho, praticados dentro dos princípios espíritas; e se caracterizam pela simplicidade, pela prática da caridade e pela total ausência de imagens, símbolos, rituais ou outras quaisquer manifestações exteriores.

Atualmente, o movimento espírita no Estado do Acre conta com ações conjuntas das seguintes Instituições:

- Federação Espírita do Acre, fundada em 1975 (em Rio Branco, Bairro Capoeira);
- Centro Espírita Allan Kardec (em Rio Branco, Bairro Conquista);
- Centro Espírita Amor e Caridade (em Rio Branco, Bairro 6 de Agosto);
- Centro Espírita Bezerra de Menezes (em Rio Branco, Bairro Tucumã);
- Centro Espírita Bom Jesus dos Passos (em Rio Branco, Bairro da Alegria);
- Centro Espírita Gotas de Luz (em Rio Branco, Bairro Aeroporto Velho);
- Centro Espírita Irmão Gabriel (em Rio Branco, Bairro Cidade Nova);
- Centro Espírita Irmão Samaritano (em Rio Branco, Bairro Tancredo Neves);
- Portal Francisco Cândido Xavier (em Rio Branco, Vila Custódio Freire);
- Creche Espírita Lar da Criança (em Rio Branco, Bairro Capoeira);
- Centro Espírita Allan Kardec (em Cruzeiro do Sul);
- Centro Espírita Eurípedes Barsanulfo (em Xapuri);
- Centro Espírita Fonte de Luz (em Epiaciolândia);
- Centro Espírita Portal da Luz (em Plácido de Castro).

**Destacam-se as seguintes atividades espíritas, voltadas ao público em geral, desenvolvidas nos centros espíritas do Estado do Acre:**

- Palestra espírita (semanal);
- Reunião de estudo e prática da mediunidade (semanal);
- Reunião de evangelização da criança e do jovem (semanal);
- Reunião de estudo da Doutrina Espírita (semanal);
- Reunião de estudo do Evangelho de Jesus (semanal);
- Assistência espiritual (semanal);
- Assistência e promoção social junto à comunidade (semanal);
- Encontro de Integração dos Espíritas do Acre (anual);
- Encontro da Família (anual).

## Campanhas Espíritas

No Brasil, o Conselho Federativo Nacional - CFN, da Federação Espírita Brasileira - FEB, elaborou um plano de ação propondo vários projetos, procurando melhorar o trabalho de união e unificação. Nesse plano destacamos as Campanhas Permanentes a serem desenvolvidas em todo o território nacional:

**“Construamos a Paz Promovendo o Bem”** Campanha permanente dedicada a oferecer caminhos de construção da paz entre os homens. A construção da paz é de responsabilidade de cada ser humano ao se empenhar no cumprimento das leis de Deus, considerando que a paz no mundo começa, imprescindivelmente, dentro de cada um de nós.

**“O Melhor é Viver em Família”** outra Campanha permanente, visando implementar ação integrada junto às instituições espíritas e à sociedade, envolvendo os membros das famílias. Destaca-se que o momento atual, conturbado pela inversão de valores no campo moral, requer mais atenção à preservação da harmonia familiar, valioso antídoto à instalação do desequilíbrio no organismo social.

**“Em Defesa da Vida”** Campanha permanente de valorização da vida. É uma Campanha de combate ao aborto, às drogas, à eutanásia, à violência e ao suicídio. Desenvolve-se através do esclarecimento quanto à importância da vida, como oportunidade bendita que Deus nos concede para nosso aperfeiçoamento intelecto-moral.

**“Evangelize, coopere com Jesus”** Campanha permanente voltada para a evangelização de crianças e jovens, cuja proposta é a formação do homem de bem, fundamentado nos ensinamentos de Jesus.

Por fim, a razão de ser do Movimento Espírita repousa, principalmente, na divulgação e na prática da Doutrina Espírita. É nesse sentido que todas as potencialidades dos espíritas devem ser canalizadas, isto é, para a difusão do Evangelho restaurado, sob a ótica da Imortalidade e da Reencarnação, da Justiça e do Inesgotável Amor Divino.

## Prática Espírita

Toda a prática espírita é gratuita, como orienta o princípio moral do Evangelho: “Dai de graça o que de graça recebestes”.

A prática espírita deve ser realizada com simplicidade, sem nenhum culto exterior, dentro do princípio cristão de que Deus deve ser adorado em espírito e verdade.

O Espiritismo não impõe os seus princípios. Convida os interessados em conhecê-lo a submeterem os seus ensinamentos ao crivo da razão, antes de aceitá-los.

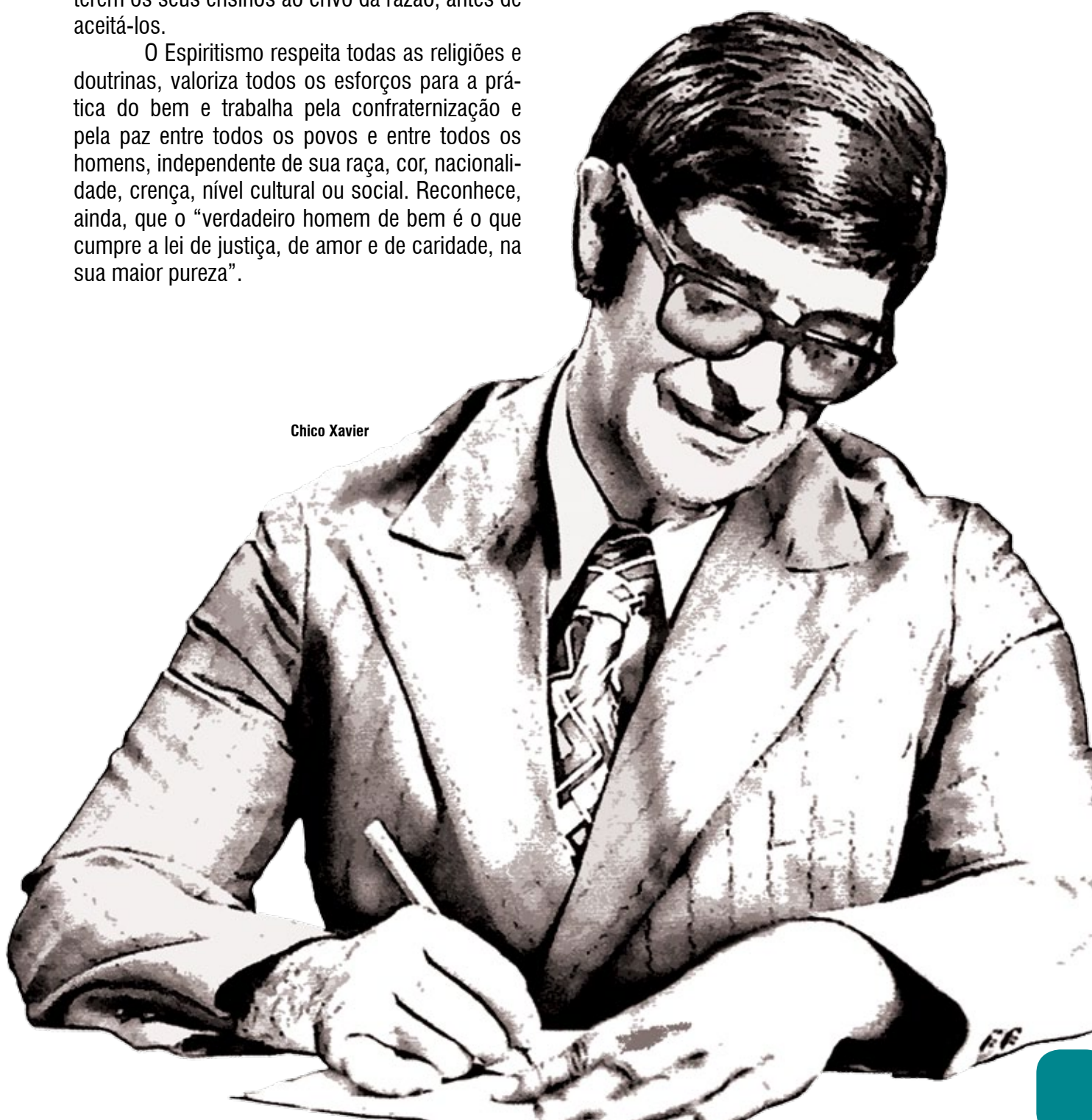
O Espiritismo respeita todas as religiões e doutrinas, valoriza todos os esforços para a prática do bem e trabalha pela confraternização e pela paz entre todos os povos e entre todos os homens, independente de sua raça, cor, nacionalidade, crença, nível cultural ou social. Reconhece, ainda, que o “verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza”.

Destaca-se, na prática espírita, a proposta da verdadeira caridade. Segundo o Espiritismo a Caridade deve ser exercida do ponto de vista material e moral. Em O Livro dos Espíritos (questão 886) encontra-se a seguinte definição: “Caridade é benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas”.

Sendo assim, constitui afirmativa norteadora do Espiritismo:

**“Fora da Caridade não há Salvação”**

Chico Xavier



## Mensagem para Reflexão...

### PAZ DURADOURA

“Deixo-lhes a paz, dou-lhes a minha paz; não a dou como a dá o mundo”. Assim encontramos no Evangelho de João o registro das palavras do Cristo.

A paz é algo muito buscado pelos homens, sem, contudo ter encontrado neles verdadeiro abrigo.

Pode-se mesmo afirmar que, desde as épocas mais recuadas, o homem tem guerreado com seu semelhante, de forma constante.

Quando, em um ponto do planeta, cessam as lutas, em outros tantos elas aparecem.

O homem afirma desejar a paz, mas enquanto a discute, planeja a guerra.

É por isso que Jesus diferencia a Sua da paz do mundo. A paz do mundo é efêmera. Dura exatamente o período da boa vontade dos homens. Mesmo à mesa das negociações, quando as nações em conflito se dispõem ao cessar fogo, o

que se observa é a desconfiança e a má vontade falando alto.

A paz do mundo é feita de condições que devem ser respeitadas, a fim de que perdure. A paz de que fala Jesus é incondicional e duradoura. Conquista pessoal, deve partir do íntimo para fora.

Somente um coração em paz pode exteriorizá-la, pois que, ainda no dizer do Mestre Nazareno: “A boca fala do que se encontra pleno o coração”.

A voz humana está carregada de vibrações. Os gritos intempestivos e as exclamações inoportunas equivalem a pedradas mentais.

As discussões sem proveito somente fomentam balbúrdia, além do que se constituem em desperdício de energias.

Falar em tom moderado é exercício salutar para a paz.

Aprender a calar, em meio ao tumulto, é contribuição para a paz.

Perseverar no trabalho anônimo, mesmo quando muitos desertem e busquem somente louros e aplausos, é medida preventiva de paz.

A paz a que se referia Jesus é a que sabe calar ofensas e relevar atitudes grosseiras. É a que compreende que a dor que nos dilacera a alma é justa, pois cada um recebe segundo suas obras.

A paz do Cristo é a que confere certeza inabalável nas forças espirituais superiores e não se abate ante o mal ou os rumores do mal. É a que estende mão amiga ao ofensor e se traduz em tranquilidade quando o medo domina as massas, perante negras expectativas de desgraças que, de um modo geral, jamais se concretizam.

A paz do Cristo é a paz da consciência reta que não se impacienta ante as opiniões desfavoráveis dos outros e trabalha incansável, construindo o dia radioso do amanhã.

O problema da paz é questão de fraternidade, em todas as latitudes.

Não pode haver paz por imposição. A paz tem que ser um reflexo de sentimentos generalizados, por efeito de esclarecimento das consciências.

Texto com base nos livros: Calma e Dicionário da Alma, **Francisco Cândido Xavier**



## Bibliografia

1. Folder Conheça o Espiritismo: Conselho Espírita Internacional.

2. TORCHI, Cristiano Espiritismo passo a passo com Kardec, 2 ed. – Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2007.

3. RIVAS, Luiz Hu Doutrina Espírita para principiantes 2 ed. – Brasília: Edicei 2009.

4. KARDEC, Allan O Evangelho Segundo o Espiritismo. Trad. Guillon Ribeiro 126 ed. – Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006.

5. Bíblia, O Novo Testamento. Trad. João Ferreira de Almeida: Sociedade Bíblica do Brasil.

Fontes Fotográficas [www.google.com](http://www.google.com)

6. KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. Trad. Guillon Ribeiro 126 ed. – Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006.

7. KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns. Trad. Guillon Ribeiro 126 ed. – Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006.

8. KARDEC, Allan. O Céu e o Inferno. Trad. Guillon Ribeiro 126 ed.- Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006.

9. KARDEC, Allan. A Gênese. Trad. Guillon Ribeiro 126 ed. – Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006.

8. Programa Fundamental I do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita. Federação Espírita Brasileira, 2009.

9. Emmanuel (Espírito) Pão Nosso/Francisco Candido Xavier; 27 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2007.

10. WANTUIL, Zeus As Mesas Girantes e o Espiritismo. 3 ed. – Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1994.

11. DOYLE, Arthur Conan. História do Espiritismo. Trad. Julio Abreu Filho. – São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2004.



# Nossa Contribuição para uma Cultura de Paz

**Hildo Cezar Freire Montysuma**

Pedagogo

Esta Cartilha que hora chega às mãos de professores e alunos é fruto de uma iniciativa do Instituto Ecumênico – Fé e Política. Feito este que não teria se realizado sem o esforço conjunto da Secretaria de Estado de Educação e Esporte – SEE, Conselho Estadual de Educação – CEE e autoridades eclesiais das diversas denominações religiosas do Estado do Acre. É, portanto, uma obra coletiva, o que lhe confere maior densidade e credibilidade.

Os textos que oferecemos a professores e alunos, a visão de Deus e de homem, bem como a relação entre ambos na perspectiva de Cristãos Católicos, Protestantes, Espíritas, Religiões de Matriz Africana (Candomblé e Umbanda), bem como as comunidades que utilizam a ayahuasca em rituais religiosos, representadas pelas principais linhas (Mestre Irineu, Mestre Daniel e Mestre Gabriel).

Este esforço é por um lado, fruto do amadurecimento de sacerdotes e sacerdotisas de nosso Estado no sentido do ecumenismo e da construção de uma cultura de paz. Por outro, responde a uma antiga demanda social, pelo oferecimento, por parte do sistema público de educação, de um projeto de ensino religioso que extrapole os limites estreitos da “catequização”, que não atende a diversidade cultural e espiritual de nosso povo e que, ao invés de educar, constrange e exclui.

O Instituto Ecumênico Fé e Política acredita que a catequização e o doutrinação religioso só cabem aos sacerdotes e sacerdotisas e em lugares apropriados: os templos religiosos. O papel das escolas e dos professores é outro: ensinar às novas gerações os diversos pontos de vistas



sobre o mesmo tema, neste caso, sobre Deus, o homem e sua relação com o sagrado. Cabe, primeiramente ao indivíduo, e depois a família, determinar qual o caminho a trilhar na busca de sua satisfação espiritual e a escola deve respeitar as escolhas de cada um. A escola não pode e não deve se colocar no papel das igrejas e nem os professores no de sacerdotes.

Este material, que a partir deste momento a comunidade educacional disporá, é rico e instrutivo e se propõe a ser um instrumento a mais para auxiliar os abnegados professores que abraçaram o desafio de construir o ensino religioso no Acre, e que, na maioria das circunstâncias, não dispõe dos recursos pedagógicos necessários e adequados para melhor cumprir sua missão. Aos alunos, servirá como fonte de pesquisas e enriquecimento das aulas.

Porém, não se trata de um projeto acabado. A revista é, digamos assim, a peça mais importante de um “quebra cabeça” pedagógico que, para se completar, precisa do encaixe de duas outras grandes peças fundamentais, quais sejam: 1. Construção de atividades práticas, exercícios didáticos, roteiros de pesquisas e aprofundamento dos estudos; 2. Capacitação continuada aos professores, para que possam explorar, em toda sua plenitude, as possibilidades que este instrumento oferece, um desafio para nossas instituições de nível superior. Estas duas outras peças só poderão ser construídas com a participação ativa dos professores e gestores educacionais, sem os quais, proposta pedagógica nenhuma ganha vida no interior das escolas.

**Bom estudo a todos!**

# Conclusão

## **A Escola Pública diante de um desafio**

Esta Cartilha de natureza informativa é fruto do trabalho coletivo de um grupo de pessoas que integram o Instituto Ecumênico, das mais diversas crenças e tradições religiosas. A síntese construída no seio de cada uma das denominações não foi nada fácil, envolvendo quase quarenta pessoas e diversas instituições, transformando-se num verdadeiro parto para o nascimento de um novo momento na história de nosso tempo, refletindo a identidade de cada tradição espiritual e ao mesmo tempo, a unidade coletiva fundada nos valores da democracia, da paz e da convivência harmoniosa no respeito aos direitos humanos e à diversidade cultural e religiosa.

Isto, porém, somente se tornou possível graças ao trabalho pioneiro do Fórum de Professores do Ensino Religioso que, há anos, vem reunindo representantes católicos, protestantes, espíritas e de outras expressões de fé, iniciando o aprendizado da cultura da diversidade religiosa e que hoje, com o aval da Secretaria de Estado da Educação e Esporte, materializou esta importante iniciativa do Instituto Ecumênico Fé e Política-Acre.

O que se pretende com esta Cartilha? Nada mais e nada menos que informar, a partir dos agentes que compõem cada tradição espiritual, sem distorções e sem outros intermediários. Assim, lideranças religiosas de cada denominação deixaram nestas páginas um pouco de sua história e de suas crenças.

Nestas histórias temos em comum a identidade da construção social e a identidade na caminhada para Deus. O atendimento aos necessitados, a caridade, o testemunho da salvação espiritual, o ensinamento sobre o amor a Deus e ao próximo são elementos presentes em todas as denominações aqui apresentadas. Verdades estas que são incompatíveis com qualquer tipo de intolerância.

O que esperar da Escola Pública? Que ela seja o espaço democrático e pluralista, uma trincheira contra todo o tipo de preconceito, discriminação e de fundamentalismo mesmo religioso, pois, muitos são os caminhos de Deus.







INSTITUTO ECUMÊNICO  
FÉ E POLÍTICA - ACRE

“

Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso; não vos erijais em juízos e não sereis julgados, não condeneis e não sereis condenados, absolvei e sereis absolvidos, dai e haverá quem vos dê.

É uma boa medida, socada, sacudida, transbordante que derramarão nas dobras da vossa veste, pois a medida que vos servis, servirá também de medida para vós.

Lucas 6, 36-38

”